

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas

O HISTORIADOR PASSO-FUNDENSE ANTONINO XAVIER

NEY EDUARDO POSSAPP d' AVILA

Mestrado em História  
Dissertação

Florianópolis, agosto de 1993.

NEY EDUARDO POSSAPP d'AVILA

O HISTORIADOR PASSO-FUNDENSE ANTONINO XAVIER

Dissertação apresentada ao Curso de  
Pós-Graduação em História da  
Universidade Federal de Santa  
Catarina, como requisito parcial à  
obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Professor Doutor CARLOS HUMBERTO P. CORRÊA

Florianópolis, agosto de 1993.

## FRAGEN EINES LESEN ARBEITERS

Wer baute das siebentorige Theben?  
In den Büchern stehen die Namen von Königen.  
Haben die Könige die Felsbrocken herbeigeschleppt?  
Und das mehrmals zerstörte Babylon -  
Wer baute es so viele Male auf? In welchen Häusern  
Des goldstrahlenden Lima wohnten die Bauleute?  
Wohin gingen an dem Abend, wo die Chinesische Mauer  
fertig war  
Die Maurer? Das grobe Rom  
Ist voll von Triumphbögen. Wer errichtete sie? Über wen  
Triumphierten die Cäsaren? Hatte das vielbesungene  
Byzanz  
Nur Paläste für seine Bewohner? Selbst in dem  
sagenhaften Atlantis  
Brüllten in der Nacht, wo das Meer es verschlang  
Die Ersaufenden nach ihren Sklaven.

Der junge Alexander eroberte Indien.  
Er allein?  
Cäsar schlug die Gallier.  
Hatte er nicht wenigstens einen Koch bei sich?  
Philipp von Spanien weinte, als seine Flotte  
Untergegangen war. Weinte sonst niemand?  
Friedrich der Zweite siegte im Siebenjährigen Krieg. Wer  
Siegte außer ihm?

Jede Seite ein Sieg.  
Wer kochte den Siegeschmaus?

Alle zehn Jahre ein grober Mann.  
Wer bezahlte die Spesen?

So viele Berichte.  
So viele Fragen.

## PERGUNTAS DE UM OPERÁRIO QUE SABE LER

Quem construiu a Tebas das Sete portas?  
Nos livros constam os nomes dos reis.  
Os reis arrastaram os blocos de pedra?  
E a Babilônia tantas vezes destruída.  
Quem a ergueu outras tantas?  
Em que casas da Lima radiante de ouro  
moravam os construtores?  
Para onde foram os pedreiros  
na noite em que ficou pronta a Muralha da China?  
A grande Roma está cheia de arcos de triunfo.  
Quem os levantou?  
Sobre quem triunfaram os césares?  
Na decantada Bizâncio  
só havia palácios para seus habitantes?  
Mesmo na legendária Atlântida,  
na noite em que o mar a engoliu,  
os que se afogavam gritavam pelos seus escravos.  
O jovem Alexandre conquistou a Índia.  
Ele sozinho?  
César bateu os gauleses.  
Não tinha pelo menos um cozinheiro consigo?  
Filipe da Espanha chorou, quando sua Armada

nafragou. Ninguém mais chorou?  
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.  
Quem venceu além dele?  
Uma vitória em cada página.  
Quem cozinhava os banquetes da vitória?  
Um grande homem a cada dez anos.  
Quem pagava suas despesas?  
Tantos relatos.  
Tantas perguntas.

Bertold Brecht  
1898-1956



*Francisco Antonino Xavier e Oliveira*  
*5 de setembro de 1876*  
*10 de julho de 1959*

## SUMÁRIO

RESUMO .....	8
ABSTRACT .....	9
INTRODUÇÃO .....	10
ALGUMAS REFLEXÕES A PROPÓSITO DA ESCRITA DA HISTORIA E DA FUNÇÃO DO HISTORIADOR .....	12
1.1 História e historiografia .....	12
1.2 Historiografia brasileira .....	20
1.3 A historiografia sul-rio-grandense .....	22
1.4 A historiografia passofundense .....	22
2.1 Passo Fundo .....	24
2.1.1 O território e sua ocupação pela “raça branca” .....	24
2.1.2 Origem e desenvolvimento do núcleo urbano .....	27
2.1.3. O município .....	30
2.1.4. A cidade .....	33
2.2 O menino Francisco .....	33
2.2.1 Descendente de birivas curitibanos .....	34
2.2.2 As fazendas “Três Capões” e “Boa Vista do Forquilha” .....	34
2.2.3 As escolas de primeiras letras, as lojas de comércio, e as tropas .....	34
2.2.4 A iniciação na política .....	35
2.2.5 Os “dias fraticidas” da década de 1890 .....	36
2.2.6 Em Porto Alegre, no Club Caixeiral .....	37
2.3 O cidadão Antonino Xavier .....	37
2.3.1 De negociante a rábula .....	37
2.3.2 Os cargos públicos .....	38
2.2.3 Representante das classes patronais .....	38
2.3.4 Jornalista .....	39
2.3.5 Professor .....	39
2.3.6 Líder na Comunidade .....	39
2.3.7 “Pai da História de Passo Fundo” .....	40
3.1 A Obra Escrita .....	41
3.2 Conteúdo da Obra Editada de Antonino Xavier .....	41
3.2.1 Os primeiros trabalhos .....	42
3.2.2 Os outros trabalhos editados .....	43
3.2.3 A Revolução Federalista de 1893 .....	47

3.2.4 Os indígenas .....	48
3.2.5 Os escravos negros .....	50
3.3 Os Trabalhos Inéditos .....	52
O HISTORIADOR ANTONINO XAVIER E SUA OBRA NO CONTEXTO DA HISTORIOGRAFIA LOCAL E REGIONAL .....	54
4.1 Um historiador municipal .....	54
4.2 Uma historiografia regional .....	54
4.3 A concepção de História em Antonino Xavier .....	55
4.4 A escrita da História .....	56
Antonino Xavier aprendeu a escrever História lendo obras de História regional e do Brasil. É possível deduzir das poucas indicações feitas que teria lido, entre outros: Alfredo Varella, João Maia, Evaristo Affonso de Castro, Southey, Visconde de São Leopoldo e Conego Gay, antes de escrever seu primeiro trabalho <i>Annaes do</i> Município do Passo Fundo, editado em 1908. ....	56
4.5 As fontes .....	57
4.5.1 Fontes primárias .....	57
4.5.1.1 A documentação escrita .....	57
4.5.1.2. Tradição popular e inquérito oral .....	58
4.5.1.3 A fotografia .....	59
4.5.1.4 A observação in loco .....	59
4.5.2 Fontes secundárias .....	60
4.5.2.1 Referências bibliográficas .....	60
4.6 Influências Recebidas .....	61
4.6.1 O Almanaque de Antonino Xavier .....	61
4.6.2 As leituras e amizades .....	61
4.7 A propósito da publicação dos trabalhos de Antonino Xavier .....	63
4.8 Obra primeira da historiografia passofundense .....	65
4.8.1 Influências exercidas .....	66
4.9 “ <i>Sine ira et studio</i> ” .....	68
CONCLUSÃO .....	70
<b>ANEXOS</b> .....	73
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....	112

## RESUMO

Este é um estudo da obra do historiador passofundense Antonino Xavier no seu contexto histórico, local e regional. Não se trata de estudo isolado sobre um historiador e seus escritos. Mas da análise de um autor e sua obra, relacionados ambos a um momento histórico, a um público e a um meio físico determinados. O objetivo perseguido é a análise historiográfica no âmbito da historiografia local e regional.

Esta monografia pretende, outrossim, tornar mais bem conhecida a História de Passo Fundo e, por extensão, do Planalto Médio do Rio Grande do Sul tomando por ponto de partida a maneira como foi recolhida e interpretada por Francisco Antonino Xavier e Oliveira (1876-1959).

A opção pela análise da obra de Antonino Xavier, editada de 1908 a 1957, levou em consideração, o fato da historiografia passofundense ainda não haver merecido nenhum estudo acadêmico. Motivo não menos relevante foi a constatação que a historiografia de todo território abrangido pelo primitivo município emancipado em 1857 tem por base e fonte historiográfica a obra de Antonino Xavier.

Antonino Xavier não foi apenas o primeiro a dedicar-se a escrever a História do Município de Passo Fundo, ele é até o momento o mais fértil, amplo e multifacético dos historiadores locais passofundenses.

Do exame dos seus escritos e da sua atuação político-social decorre a conclusão de que ele foi, no sentido gramsciano, um intelectual orgânico do grupo social dominante no Planalto Médio Sul-Rio-Grandense. Algumas reflexões a propósito da escrita da História e da função do historiador sinalizam o quadro teórico referencial da análise em pauta.



## ABSTRACT

This is a study of the work of the historian Antonino Xavier, from Passo Fundo, in its historical, regional and local context. It is not an isolated study about a historian and his writings, but it is an analysis of a historian and his work in relation to a historic moment, to a public and to a determined environment. The objective is a historiographic analysis in the regional and local ambit.

Likewise, this monograph intends to make the history of Passo Fundo more acquainted, as well as the Planalto Médio of Rio Grande do Sul, starting with the way as Francisco Antonino Xavier e Oliveira (1876-1959) has collected and interpreted this same history.

The option about the analysis of Antonino Xavier's work, issued from 1908 to 1957, has taken into consideration the fact that the historiography of Passo Fundo has still not deserved an academic study. The historiography of primitive territory of the municipality of Passo Fundo, which was emancipated in 1857, is based upon Antonino Xavier.

Antonino Xavier is not only the first to dedicate himself to write the history of Passo Fundo, but also he is the most fecund of the local historians.

From the study of Antonino Xavier's writings and from his social and political activities, we may conclude that he was, in a gramscian sense, an organic intellectual of the dominant social group of the Planalto Médio of Rio Grande do Sul.

Some reflections about the writing of History and about the role of the historian are included in this work.

## INTRODUÇÃO

Notando, pesaroso que a história de minha terra natal jazia ainda à espera de quem a exumasse das brumas do passado, concebi o temerário projeto de a escrever nas horas que me sobravam da luta pela vida "...". Primeiro explorador de tão vasto campo, não me era possível, por esta circunstância, produzir uma obra completa e sem erros, porque a história de um povo não é assunto que se possa elucidar à primeira investida, sem o concurso de outros obreiros e as ponderações judiciosas da crítica sensata que é, especialmente, quem profere veredictum definitivo sobre a matéria.

Porto Alegre, 15 de junho de 1903.  
Francisco Antonino Xavier e Oliveira  
Annaes do Município do Passo Fundo

Este é um estudo da obra do historiador passofundense Antonino Xavier no seu contexto histórico, local e regional. Não se trata de estudo isolado sobre um historiador e seus escritos. Nem de um veredictum. Mas da análise crítica do processo de produção do conhecimento histórico, evidenciando sua relação com um público e um meio físico, num momento determinado e objetivando uma análise historiográfica no âmbito local e regional.

A opção por esta análise historiográfica deve-se, em primeiro lugar, ao entendimento de que os estudos historiográficos são uma área ainda pouco explorada; em segundo lugar, ao propósito de somar-se àqueles que têm chamado a atenção do meio acadêmico para os trabalhos dos historiadores interioranos, na sua maioria, autodidatas dedicados à história local; em terceiro lugar, à decisão de tornar mais bem conhecida a História de Passo Fundo e, por extensão, do Planalto Médio do Rio Grande do Sul, partindo da análise do modo como recolheu-a e interpretou-a Antonino Xavier.

O fato da historiografia passofundense ainda não haver merecido nenhum estudo acadêmico, reforçou a opção pela análise da obra editada de Antonino Xavier, i. e. pelos trabalhos publicados era forma de livro em vida do Autor.

Considerando que a presente monografia é o primeiro estudo acadêmico sobre a historiografia passofundense, julgou-se necessário e conveniente restringi-la à análise apenas da obra editada de Antonino Xavier, isto é, ao conjunto dos trabalhos publicados em forma de livro em vida do Autor e reeditados pela Universidade de Passo Fundo, com o apoio financeiro da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, em julho de 1990. A obra em pauta abrange o período que vai do século XVII, quando o território onde mais tarde constituiu-se o Município do Passo Fundo fazia parte das Missões Orientais do Uruguai, até meados do século XX, às vésperas do primeiro centenário da emancipação municipal passofundense.

Francisco Antonino Xavier e Oliveira, seu nome completo, ou Antonino Xavier, como era conhecido, não foi apenas o primeiro a dedicar-se a escrever a História do Município de Passo Fundo. Até o momento, é o mais fértil, amplo e multifacético dos historiadores locais passofundenses. Autodidata e leitor incansável, ainda jovem começou a escrever e publicar. Além de historiador, foi um homem memória. Parte de seus relatos referem acontecimentos presenciados, muitos dos quais com participação ativa, durante sua longa existência de oitenta e três anos (1876-1959), vivida, praticamente toda, em Passo Fundo. Outra parte, ele elaborou com base em depoimentos de familiares, amigos e contemporâneos testemunhas oculares de eventos locais desde as incursões dos tropeiros-ervateiros que originaram a ulterior fixação dos primeiros moradores de "raça branca" em território passofundense. Além do que se razão dos cargos ocupados na função pública teve acesso a farta documentação, usada para historiar, por vezes com minúcia, o passado e a atualidade municipal.

Com base nessas considerações e nos elementos colhidos durante a fase exploratória deste estudo, levantaram-se as seguintes hipóteses:

1. Antonino Xavier escreveu baseado na tradição oral recolhida entre seus contemporâneos mais antigos, no testemunho pessoal e na documentação a que teve acesso em decorrência dos cargos exercidos, complementadas, essas fontes, por pesquisas e leituras;

2. Antonino Xavier escreveu no intuito de constituir uma História de sua terra natal, desde o ponto de vista do grupo dominante, exercendo plenamente sua função de intelectual orgânico;

3. A divulgação dos escritos de Antonino Xavier (tanto em vida do Autor, como após sua morte) foi dificultada pelas contradições ideológicas, político-partidárias e religiosas existentes no interior do grupo social dominante.

A leitura dos escritos de Antonino Xavier, seguida da confrontação com escritos de outros

autores locais e regionais, e do exame de documentos existentes em acervos particulares e arquivos públicos, municipais, regionais e estaduais, permitiram a verificação das hipóteses e o exame das variáveis.

Levada em conta a intensa atividade jornalística de Antonino Xavier, foram pesquisados arquivos de jornais de Passo Fundo, Erechim, Carazinho e Porto Alegre, onde foram encontradas referências às suas obras e atividades, além de artigos de sua autoria e entrevistas concedidas.

Mediante a leitura dos textos buscou-se a identificação e a posterior crítica dos temas tratados, da metodologia e das fontes utilizadas, além da análise do nível de escritura, em cada um dos escritos e no conjunto da obra publicada em vida. Complementarmente fez-se o levantamento e registro dos escritos inéditos de Antonino Xavier, todavia, sem analisar os conteúdos.

Afora os temas, a metodologia, as fontes, o nível de escritura, buscou-se analisar as motivações e os objetivos que teriam levado Antonino Xavier a escrever. Foi dedicada especial atenção às motivações, enfatizando a posição do Autor na sociedade historiada, sua parentela, círculo de amigos, correligionários e adversários. Antonino Xavier é examinado como homem "de partido" em três acepções: primeira, a atitude "de partido" no sentido de escola adotada; segunda, o espírito "de partido" no sentido dos interesses de uma classe definida; terceira, a posição "de partido" no sentido de acordo com a linha oficial de um partido político.

Na obra analisada não foram consideradas possíveis classificações em trabalhos históricos e não-históricos. Primeiro, porque o próprio Antonino, ao menos do que transparece dos seus escritos, não se preocupou com tal distinção. Segundo, porque a análise historiográfica que se pretende não distingue o historiador do publicista, o jornalista do ficcionista, o professor do conferencista, por se entender que o historiador se faz conhecer em tudo que escreve. Terceiro, porque foi na condição de historiador que Antonino Xavier alcançou renome entre a intelectualidade local, sendo consagrado com o título de "Pai da História de Passo Fundo".

Esta dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História está dividida em quatro capítulos:

O primeiro capítulo, algumas reflexões a propósito da escrita da História e da função do historiador, intenta sinalizar o quadro teórico usado como referencial da análise em pauta.

O segundo capítulo, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, sua terra e sua vida, é uma breve notícia histórico-espacial de Passo Fundo e do Planalto Médio Sul-Rio-Grandense, e o esboço biográfico do autor da obra estudada.

O terceiro capítulo, o conteúdo geral da obra de Antonino Xavier, analisa a obra editada em seu conjunto, em cada um dos títulos editados no período 1908-1957 e em três temas (a revolução de 1893, os indígenas e os escravos negros). Neste capítulo, também, são arrolados os trabalhos inéditos, assinalando-se a temática e as principais características de cada um.

O quarto capítulo, o historiador Antonino Xavier e sua obra no contexto da historiografia local e regional, estuda o modo pelo qual o Autor construiu sua versão historiográfica, as influências sofridas e exercidas.

Nas referências aos escritos de Francisco Antonino Xavier e OLIVEIRA, editados de 1908 a 1957, será sempre indicada a localização na reedição da Universidade de Passo Fundo em três volumes sob o título geral Annaes do Município de Passo Fundo, ano 1990.

## CAPÍTULO I

### ALGUMAS REFLEXÕES A PROPÓSITO DA ESCRITA DA HISTÓRIA E DA FUNÇÃO DO HISTORIADOR

A realidade humano-social é tão realidade quanto as nebulosas, os átomos, as estrelas, embora não seja a mesma realidade.

Karel Kosik  
Dialética do Concreto

#### 1.1 História e historiografia

O estudo de uma obra “em si” e de seu contexto histórico local e regional exige que em sucinto preâmbulo, sejam precisados alguns parâmetros conceituais da análise que se pretende e o ponto de vista desta abordagem.

Diante da notável polissemia de termos básicos, tais como “História” e “Historiografia”, faz-se necessário explicitar conceitos subjacentes a certas palavras e locuções usadas ao longo deste estudo. A primeira distinção necessária são os conceitos de história (grafada com h minúsculo), para significar os acontecimentos históricos ou o processo histórico, e de História (com H maiúsculo), para referir o conhecimento histórico produzido pelos historiadores. A distinção gráfica é inefável na linguagem oral, entretanto é obrigatória na comunicação escrita quando o vocábulo História indica a disciplina. De acordo com a regra Ortográfica da Língua Portuguesa, vigente no Brasil, os nomes das disciplinas devem ser escritos com inicial maiúscula.

Trata-se de distinguir graficamente dois conceitos diferentes, expressos pelo mesmo vocábulo, no contexto da Língua Portuguesa escrita no Brasil. Por conseguinte, não são levados em conta os debates a respeito da maneira de grafar, em outros idiomas, os vocábulos que expressam cada um desses conceitos<sup>1</sup>. No Brasil a distinção entre história e História é defendida por diversos autores, não apenas por razões ortográficas, mas também com objetivos metodológicos<sup>2</sup>. Nota-se, contudo, que esta regra não está ainda consolidada no Brasil, seja entre historiadores e professores de História, seja entre tradutores que vertem para nosso idioma obras de História.

Quanto ao termo historiografia, a tendência geral dos autores é a de aproximar-se do sentido etimológico do termo (historias + graphien). Assim optou-se por utilizá-lo no sentido amplo de obra de História, isto é, produção do conhecimento histórico. Dito de outra maneira, historiografia será usado como sinônimo da “História que fazem os historiadores”<sup>3</sup>. Esta distinção deve ser considerada tendo em vista a existência de duas correntes significativas, em relação ao uso do termo historiografia. Uma que o adota no sentido lato, conforme ora enunciado. Outra que entende dever o vocábulo ficar reservado ao uso em sentido estrito.

Exemplo, deste uso estrito, é dado por Valter Manoel Gomes em sua dissertação de mestrado, quando distingue produção de História, de Historiografia, conceituando esta como “análise crítica ou estudo daquela produção intelectual”<sup>4</sup>. Trata-se de posição embasada em orientação metodológica bem evidente e correta, qual seja, só depois de consolidada determinada produção historiadora, é possível dar-lhe tratamento crítico. Outro defensor desse uso stricto sensu da palavra historiografia é José Roberto do Amaral Lapa, ao conceituá-la como “análise crítica do conhecimento histórico e historiográfico, e do seu processo de produção”<sup>5</sup>, ou, ao citar Croce, o qual ensina ser a “Historiografia a consciência que a História adquire de si mesma”<sup>6</sup>. Constatou-se, porém, entre os autores revisados, que a maioria emprega o vocábulo historiografia no sentido amplo, ou em ambos os sentidos. O próprio Valter Gomes, em diversas passagens da mencionada dissertação, utiliza historiografia no conceito amplo. Sucede o mesmo com Amaral Lapa. No livro *A História em Questão: Historiografia Brasileira Contemporânea*, em várias passagens, encontra-se o termo historiografia

---

<sup>1</sup> - Alfred STERN, *La Philosophie de l'Histoire...*, p. 13-4.

<sup>2</sup> - Ciro CARDOSO, *Uma introdução à História*, p. 28-31.

<sup>3</sup> - Id. *ibid.* p. 29.

<sup>4</sup> - Valter GOMES, *Formas do Pensamento Historiográfico Catarinense*, p.9

<sup>5</sup> - Amaral LAPA, *A História em Questão*, p. 19.

<sup>6</sup> - Id. *ibid.* p. 24; ver tb. Benedetto CROCE, *Teoria e Historia de la Historiografia*, p. 141.

empregado no conceito amplo, portanto, diverso do proposto *ab initio*<sup>7</sup>.

José Honório, no “Apêndice” de seu livro Teoria da História do Brasil, ao afirmar que a historiografia “é uma disciplina universitária adotada em toda parte”, refere-a como “a história do escrito histórico, a história da história, a história do pensamento histórico, das principais tendências dos historiadores”<sup>8</sup>; porém ao longo do mesmo livro e de outros trabalhos, usa o termo historiografia, em geral no sentido amplo de “história dos atos humanos”. Em diferentes trechos, a palavra historiografia também é empregada significando: ora a produção historiadora, v. g. “a historiografia está sempre na dependência da história”<sup>9</sup>, ora um conjunto de obras de História, v. g. “a historiografia brasileira é um espelho de sua própria história”<sup>10</sup>. Seguindo a orientação de Croce, José Honório adverte para o duplo sentido de história: *res gestae e historia res gestae*; ou seja “às vezes, considerada objetivamente como o que sucede ou sucedeu, e outras vezes subjetivamente, como o conhecimento do sucedido”<sup>11</sup>.

Hexter, ao tratar dos problemas e tradições da historiografia, diz que “historiografia” é o meio utilizado pelo historiador para comunicar por escrito o que acredita saber do passado e que o termo “história” deve designar o estudo do passado, como disciplina sistemática, e não o próprio passado. Mas Hexter está interessado apenas na “retórica” do historiador, isto é, no modo de escrever, na forma e não no conteúdo, no modo de conhecer<sup>12</sup>.

Face à carência de univocidade na utilização pela comunidade historiadora desses termos básicos, cabe recurso à boa prática escolástica de definir e conceituar, previamente, os mesmos. Esta precaução é necessária quando se constata que, fora da comunidade historiadora, o vocábulo “história” expressa conceitos que pouco ou nada dizem respeito à disciplina. Destarte há autores que se sentem na obrigação de serem bastante explícitos, por exemplo, de Certeau categoricamente precisa que emprega a palavra história no sentido de historiografia, entendendo como tal uma prática (uma disciplina), o seu resultado (um discurso) e a sua relação<sup>13</sup>.

Sendo a história: o resultado da ação dos homens (de todos os homens) numa perspectiva temporal e a produção historiadora ou historiográfica: o resultado do trabalho de alguns especialistas (os historiadores ou historiógrafos), pode-se afirmar que o processo histórico é objetivo, no sentido de que aconteceu de determinada forma, em determinado lugar e tempo; todavia, o conhecimento histórico e sua veiculação são mais ou menos subjetivos de acordo com a classe social, a formação cultural, a intenção e outros fatores ou dados inerentes a cada historiador em particular; a considerar igualmente as recentes propostas no sentido de tentar “repensar teorias sociais e históricas desde uma perspectiva dos países ‘periféricos’ com relação aos centros intelectuais tradicionais”<sup>14</sup>.

O trabalho do historiador (como aliás, o dos demais especialistas) possui um inegável grau de subjetividade mesmo porque, no caso da historiografia, trata-se de interpretação de ações praticadas por pessoas, na maior parte das vezes, distanciados no tempo e no espaço. Ou, pelo contrário, cuja proximidade temporal e/ou espacial pode interferir na elaboração historiadora. Acredita-se, porém, que o historiador, ao buscar a construção de uma História, aceita como conhecimento objetivo, guie sua pesquisa e interpretação segundo critérios de objetividade.

E o que seria objetividade? Pode-se propor que objetividade deva ser a aproximação às verdades, isto é, a busca tendencial de um conjunto de verdades capaz de revelar os acontecimentos e o sentido destes mesmos acontecimentos, porém, sem perder de vista que tanto a pesquisa quanto a interpretação historiográficas são marcadas (como de resto nas outras áreas do conhecimento) pelo condicionamento do especialista que as realiza. Ao menos em parte esse condicionamento pode explicar as divergências na produção do conhecimento histórico e a permanente necessidade de reescrever a História.

---

<sup>7</sup> - Amaral LAPA, op. cit. pass.

<sup>8</sup> - José H. RODRIGUES, Teoria da História do Brasil, p. 455.

<sup>9</sup> - Id. ibid. p. 27.

<sup>10</sup> - Id. ibid. p. 32.

<sup>11</sup> - Id. ibid. p. 45; “Il Croce ha ritrovato e trasmesso chiaramente, con la formula della distinzione fra *res gestae e historia rerum gestarum*, agli studi di storia e di questioni storiche, il risultato della grande, fondamentale, e in sostanza irreversibile esperienza critica della filologia moderna.” Delio CANTIMORI, In: *Storici e Storia*, p. 406; ver tb. R. COLLINGWOOD, A Idéia de História, pt 16-7.

<sup>12</sup> - J. H. HEXTER, “Historiografia”, p. 451-72.

<sup>13</sup> - Michel de CERTEAU, A Escrita da História, p. 109.

<sup>14</sup> - Alberto CUPANI, A Objetividade da História Científica, nota 46, p. 106-6; ver tb. Enrique DUSSEL, “História. Geopolítica e Filosofia”, In: \_; Filosofia da Libertação na América Latina, p. 8-21; e, Roque ZIMMERMANN, “Para uma história latino-americana”, In: \_; América Latina o Não-Ser, p. 83-101.

Entendendo História ou Historiografia como *historia rerum gestarum*, isto é, descrição do processo histórico objetivo ou produção do conhecimento histórico<sup>15</sup>, convém buscar compreender as razões motivadoras de versões historiográficas divergentes a propósito do mesmo acontecimento ou mesma época. Estas discrepâncias são um dado objetivo, não apenas para os eruditos da disciplina. Elas levam os leigos a interrogar: Quem contou a verdade? Quem mentiu? Com a diferença que ao especialista se coloca a questão da objetividade/subjetividade da pesquisa histórica e de sua resultante, a produção do conhecimento histórico, e não a questão mentira/verdade.

Por que os historiadores divergem? Por que não têm a mesma visão do processo histórico? Por que fornecem imagens diferentes, por vezes contraditórias, de um único e mesmo acontecimento?<sup>16</sup>. Essas perguntas poderiam ser colocadas a propósito de centenas de milhares de acontecimentos do passado dos quais resultou uma historiografia com maiores ou menores divergências. Mesmo persistindo a interrogação dos leigos: quem contou a verdadeira História?

Quem adulterou? Os especialistas, sejam eles historiógrafos, epistemólogos, ou outros, não irão, ao menos num primeiro momento, responder a estas questões; talvez, elas permaneçam sem resposta, alimentando novas perquirições.

As divergências entre os historiadores podem ocorrer desde a eleição de determinado acontecimento como fato histórico. O árbitro de cada historiador irá presidir a escolha, visto que “nem todos os factos passados são históricos ou são tratados como tal pelo historiador”<sup>17</sup>. Existem, porém, fatos a propósito de cuja menção os historiadores poderiam estar de acordo. Entretanto, logo de imediato, ao se colocarem questões mais específicas, surgiriam divergências e dificuldades, mesmo que referentes apenas à apresentação do fato em si, suas raízes, motivações, objetivos. As divergências aumentam e as dificuldades se multiplicam quando os historiadores passam à seleção, quantificação e julgamento dos diversos episódios que compõem e articulam o fato. No instante das personagens, por fim, entrarem em cena, as divergências podem mesmo transformar-se em polêmicas e até em tragédias que extravasem a área da historiografia<sup>18</sup>.

A crítica das interpretações do fato histórico e a análise da utilização sócio-política das mesmas é tema fecundo, e de real interesse a reflexão sobre esse processo, o qual remete à questão dos intelectuais, no caso os historiadores; à questão da ideologia, como conjunto de ideias, cosmovisão; à questão da objetividade/subjetividade da produção e da transmissão do conhecimento, no caso o conhecimento histórico. Além do que, tendo em vista sua instrumentalização, deve remeter, basicamente, à questão do Poder, entendido como forma de dominação e exercício do mando, o qual não pode ser resumido ao Governo, isto é, ao aparelho burocrático do Estado.

Os pressupostos básicos deste tipo de análise são: a ciência não é neutra; a ciência resulta da atividade de homens inseridos num contexto social determinado; a Historiografia integra o quadro geral das ciências; os historiadores são intelectuais especializados que laboram na produção do conhecimento histórico ou historiográfico.

A questão do Poder e a relação do historiador com este poder, é possível ser esquematizada da forma seguinte. O grupo social detentor do Poder busca constituir para si um quadro de intelectuais encarregado de elaborar e difundir a ideologia que irá legitimar e consolidar a posição hegemônica do grupo, ao mesmo tempo que dará coesão ao corpo social. Os intelectuais atuam na sociedade civil (desempenhando importantes funções nos partidos políticos, igrejas, sindicatos, sistema educacional, organismos culturais e de comunicação de massas), em organismos econômicos (como administradores e técnicos) e no aparelho burocrático estatal (como administradores, legisladores, magistrados, funcionários civis e militares, políticos). Os intelectuais não são apenas criadores da ideologia da classe dominante e responsáveis pela produção científica, mas também participam da instrumentalização da ideologia e da produção científica<sup>19</sup>.

Gramsci qualifica esses intelectuais de orgânicos. Considera-os uma categoria específica, um grupo funcional, isto é, orgânico, que tem por meta teorizar, tornar coerentes e difundidos os valores da classe dominante, por todo o corpo social<sup>20</sup>.

---

<sup>15</sup> - Adam SCHAFF, *História e Verdade*, p. 133-4.

<sup>16</sup> - Id. *ibid.* p. 10.

<sup>17</sup> - H. CARR, *Que é a História?* p. 10.

<sup>18</sup> - Exemplo: o IPM (inquérito policial militar) sobre o livro *História Nova do Brasil*, cf. N. Werneck SODRE, *História da História Nova*; ou a celeuma em torno do livro de Tau GOLIN, *Bento Gonçalves o Herói Ladrão, e ameaça de ação judicial por calúnia e difamação*, cf. “Processo em riba dele”, *Zero Hora*, Porto Alegre, 3 dez. 1983.

<sup>19</sup> - Antonio GRAMSCI, *Os Intelectuais e a Organização da Cultura* p. 3-12; ver tb. C. BUCI-GLUCKSMANN, “Da questão dos intelectuais...” In: \_\_\_\_\_, *Gramsci e o Estado*, p. 35-95.

<sup>20</sup> - A. GRAMSCI, *op. cit.* p. 3 seq.

É evidente que a função dos intelectuais e da ciência e ideologia, por eles produzidas e difundidas, não se esgota na manutenção da classe dominante. Gramsci considera que existe um outro grupo de intelectuais, formando uma camada detentora de certa autonomia e continuidade histórica. Os integrantes desse grupo são qualificados como intelectuais tradicionais<sup>21</sup>.

Para este filósofo da *práxis* o rol dos intelectuais é tão fundamental que ele entende que uma classe social que luta pela hegemonia cultural e política, deve preocupar-se em formar seu próprio quadro de intelectuais orgânicos e deve buscar aliar-se aos intelectuais tradicionais, conquistando e assimilando os valores progressistas encarnados e reproduzidos pelos mesmos<sup>22</sup>.

Trata-se aqui de intelectuais em sentido restrito, isto é, daqueles que desempenham funções de intelectuais; pois em sentido lato “todos os homens são intelectuais, mas nem todos desempenham na sociedade a função de intelectuais”<sup>23</sup>. Por outro lado, conforme supra explicitado, os intelectuais são vistos como categoria funcional, sendo rejeitada toda qualificação tendente a estimular qualquer tipo de aristocracismo.

Neste sentido funcional cabem aos historiadores as qualificações de intelectuais orgânicos e de intelectuais tradicionais. Pela potencialidade em formar e justificar uma determinada cosmovisão, *Weltanschauung*, a historiografia foi sempre um *locus* de recrutamento privilegiado de intelectuais defensores do sistema. Os historiadores, melhor que outros especialistas, desincumbem-se da tarefa de resgatar para a classe dominante um passado histórico que a enobreça, passado pleno de bravura, glória e honradez.

A produção historiográfica, como conhecimento histórico de povo, é uma forma particular de difusão da ideologia da classe dominante. Por meio de uma adequada reconstituição do passado, a ideologia é tornada universal, ou seja, aceita por todos. Valores e interesses da classe dominante são guindados a valores e interesses perenes de toda coletividade. A questão da ideologia está, desta forma, imbricada com a questão do Poder e sua relação com os intelectuais. Fundamentada em Gramsci, Marilena Chaui ensina que a ideologia transforma-se em senso comum, isto é, populariza-se, tornando-se um conjunto de ideias e valores concatenados e coerentes, interiorizados pela consciência de todos os membros da sociedade (incluídos os não dominantes)<sup>24</sup>. A partir desse momento a ideologia consolida-se socialmente, e deixa de ser percebida como ideologia.

Em outros termos, estes conceitos remetem ao entendimento do caráter de classe do conhecimento histórico explicando, ao menos em parte, o dado objetivo da divergência de interpretação entre os historiadores: o compromisso de classe do historiador. Porém, é necessário estar atento à lição do filósofo e ativista sardo a fim de não reduzir o historiador (como os stalinistas fizeram em relação aos intelectuais em geral) a mero propagandista fantoche de interesses político-partidários. A leitura dogmática, ingênua e mecanicista que Stálin e seus epígonos fizeram de Marx e de seus imediatos seguidores, resultou numa visão determinista, simplificadora, esquemática e caricata do papel do intelectual e da produção cultural-científica<sup>25</sup>; e, por extensão, do papel do historiador e da historiografia. Portanto, convém abordar com cautela interpretações marxistas, ditas ortodoxas, por conterem muito de ortodoxia e pouco de marxismo; ou melhor, por serem interpretações e como tal deverem ser abordadas.

Duas observações, a propósito da concepção marxista do condicionamento social do historiador, como intelectual, são pertinentes. A primeira, de que o historiador não tem sua posição de classe determinada pela sua origem, pelo seu nascimento. Trata-se, como entende Gramsci, de uma cooptação ou de uma adesão consciente ou inconsciente, a partir da qual o intelectual coloca-se a serviço de uma classe social que muitas vezes não é a sua classe de origem. A segunda observação, de que a condicionante classista não é a única. Engels foi incisivo na afirmação de que tanto para Marx, como para ele, Engels, determinante ou condicionante significava importante, básico<sup>26</sup>; por conseguinte não único ou exclusivo, como quiseram interpretar discípulos e adversários. Pode-se afirmar que os clássicos do marxismo consideram o historiador (como de resto todo ser humano) sujeito à ação das determinações sociais gerais. No 18 Brumaire encontra-se bem explícita a concepção marxiana a propósito do condicionamento social e histórico da ação humana<sup>27</sup>; quanto ao

---

<sup>21</sup> - Id. *ibid.* p. 5-8.

<sup>22</sup> - Id. *ibid.* p. 15.

<sup>23</sup> - Id. *ibid.* p. 7. Compare-se com: “Todos são filósofos, ainda que a seu modo, inconscientemente”, Id. *Concepção Dialética da História*, p. 11.

<sup>24</sup> - Marilena CHAUI, *O que é Ideologia*, p. 108.

<sup>25</sup> - A. GRAMSCI, *Concepção Dialética da História*, p. 21.

<sup>26</sup> - Friedrich ENGELS, “Carta a Starkenburg”, In: MARX, ENGELS, *Obras Escolhidas*, v. 3, p. 298.

<sup>27</sup> - Karl MARX, “O 18 Brumário de Luis Bonaparte”, In: MARX, ENGELS, *op. cit.* v. 1, p. 203 seq.

caso particular dos historiadores e do conhecimento histórico, que ora interessa, basta levar em conta as observações, inseridas no prefácio da segunda edição, a respeito de Victor Hugo e Proudhon, e do modo diverso como trataram o golpe de Bonaparte<sup>28</sup>. Coerentemente o próprio Marx oferece uma terceira visão do mesmo fato.

Outra concepção geneticamente marxista, a sociologia mann-heimiana do conhecimento<sup>29</sup>, embora divergente tanto das visões ortodoxas, como da visão gramsciana, atenta para o condicionamento social do historiador, tema que mereceu particular atenção do filósofo marxista Adam Schaff. No livro *História e Verdade* tece críticas à doutrina de Mannheim, mas reconhece-lhe méritos incontestáveis, tais como: ter desenvolvido e concretizado em determinados aspectos os conceitos marxianos e baseado neles espalhado nos meios científicos a ideia de que o processo do conhecimento é socialmente condicionado, de que a formação da personalidade do cientista, a formação dos sistemas de valores, a sua escolha no processo do conhecimento, sofrem poderosa influência das necessidades e interesses de classe<sup>30</sup>. No que concerne ao problema do conhecimento objetivo e da verdade objetiva nas ciências sociais em geral e nas ciências históricas em particular, a sociologia mannheimiana do conhecimento, ainda segundo Schaff, concretiza as questões, traz à luz os diferentes aspectos sociais, colocando a questão em termos novos<sup>31</sup>.

Para Schaff o marxismo e a sociologia do conhecimento partem de teses comuns sobre o condicionamento social do conhecimento humano, porém Mannheim toma o caminho do relativismo, que ele qualifica de relacionismo<sup>32</sup>. Porém Schaff considera esta apenas uma tentativa de escape que, afinal, traz Mannheim de volta ao relativismo<sup>33</sup>.

Quanto à função e tipos de intelectuais o conceito mannheimiano de *freischwebende Intelligenz*, “intelectuais flutuando livremente” ou “intelectuais desvinculados”<sup>34</sup>, identifica uma elite intelectual pairando acima das classes e encarregada de efetuar a grande síntese dinâmica das perspectivas; uma questão controversa e em nítida divergência com o conceito de intelectuais orgânicos comprometidos com uma classe social<sup>35</sup>.

Apesar de não explicar todos os aspectos do porquê das divergências entre os historiadores (e por extensão entre os demais cientistas de um modo geral) o condicionamento social é do ponto de vista marxista um elemento fundamental para entender as divergências na produção do conhecimento histórico.

Para mais do condicionamento social do historiador, no sentido estrito do termo, devem ser levadas em conta outras influências, tais como aquelas ligadas à época e ao idioma em que se expressa, bem como os fatores particulares decorrentes da formação cultural, técnica e científica, gênero, idiosincrasias, origem nacional-regional e étnica, vivências e ambiente físico.

Uma vez constatadas as divergências entre os diferentes produtos historiográficos, e apontada uma das suas causas (a mais importante de acordo com o quadro teórico adotado), o condicionamento social do historiador, convém retornar à questão da objetividade/subjetividade da pesquisa histórica, associando-a à questão do compromisso social do historiador.

A objetividade foi conceituada supra como a aproximação no sentido das verdades, a busca tendencial de um conjunto de verdades capaz de revelar-desvelar acontecimentos. Conseqüentemente, “objetividade”, sem descartar outras acepções possíveis, é aqui considerada em função da coerência com o conhecimento científico, praticado de modo competente, responsável e predisposto a descobrir a verdade objetiva. “Equivalerá ao postulado de eliminar da melhor maneira possível o elemento emotivo e a parcialidade que deformam o verdadeiro conhecimento”<sup>36</sup>. O sentido de “objetividade” é o de cientificidade da pesquisa histórica. Entretanto o problema da verdade objetiva, que o conhecimento histórico deve atingir, não deve ser confundido com o da verdade

---

<sup>28</sup> - Id. *ibid.* p. 199-200.

<sup>29</sup> - Karl MANNHEIM, “A Sociologia do Conhecimento”, In: Patrick GARDINER, *Teorias da História*, p. 293-302.

<sup>30</sup> - A. SCHAFF, *op. cit.* p. 163.

<sup>31</sup> - Id. *ibid.* p. 164; ver tb. M. JANOTTI, “Historiografia”, In: Marcos SILVA, *República em Migalhas*, p. 81-101.

<sup>32</sup> - K. MANNHEIM, *op. cit.* p. 300.

<sup>33</sup> - A. SCHAFF, *op. cit.* p. 164.

<sup>34</sup> - Conceito que mereceu muitas interrogações e ironias como a de que seriam intelectuais de esquerda que habitavam Budapeste, a cidade natal de Mannheim.

<sup>35</sup> - A. SCHAFF, *op. cit.* p. 159; ver . Alberto CÜPANI, *op. cit.* p. 84-5; Michael LOWY, *Ideologias e Ciência Social*, p.78-87; e K. MANNHEIM, *Ideologia e Utopia*, p. 288-306.

<sup>36</sup> - A. SCHAFF, *op. cit.* p. 88-9.



absoluta<sup>37</sup>. Por verdade objetiva em História ou “verdade histórica” deve-se compreender a mediação do historiador entre uma realidade objetiva situada no passado (ou no presente) e a produção do conhecimento historiográfico, uma construção intelectual.

Tratando-se da reconstrução possível de um passado histórico conhecimento histórico, expresso na historiografia, passa por um processo de pesquisa histórica. Diante disso, no questionamento da objetividade do conhecimento histórico subjaz, necessariamente, o questionamento da pesquisa histórica e vice-versa; sendo pesquisa o processo de investigação e estudo com a finalidade de constituir conhecimento<sup>38</sup>, a pesquisa histórica é, em síntese, o processo de investigação e estudo com o fim de constituir o conhecimento histórico. Note-se bem, a pesquisa é um meio, o fim é o conhecimento. Apesar do radical grego que deu origem ao vocábulo “historiador” (e por consequência “história”) conter a ideia de investigação, não seria plausível confundir o fim com os meios<sup>39</sup>.

O conhecimento histórico implica o conhecimento dos chamados fatos históricos, pois é através da constituição e interpretação de fatos históricos que o historiador percebe o processo histórico e expressa, para seus confrades e para seu público leitor, sua versão historiográfica. Parte-se evidentemente da concepção tradicionalmente firmada na comunidade historiadora de que o conhecimento histórico está embasado na pesquisa, interpretação e divulgação dos acontecimentos históricos do passado e do presente<sup>40</sup>, desconhece-se portanto, no âmbito desta monografia, a existência de debate em torno de uma historiografia desvinculada de um conteúdo de fatos, uma interpretação de globalidades históricas, desligada da pesquisa e da interpretação de acontecimentos particulares. Quanto ao fato histórico, o mesmo é visto como uma construção do historiador a partir dos materiais históricos, não como um demiurgo, à maneira dos que advogam ser no máximo permitido ao historiador interpretar o fato (após ter tomado o cuidado de “reverenciá-lo, pedir-lhe desculpas”; fatos “falam por si”). Na verdade é o historiador quem chama os fatos à vida, mesmo os saís humildes<sup>41</sup>, registrando-os.

"Os livros de História [que registram os fatos históricos] são também pontos de vista, uma versão do acontecido, não raro desmentidos por outros livros com outros pontos de vista"<sup>42</sup>.

O fato como objeto de investigação existe fora da consciência do historiador, não sendo porém, via de regra, acessível ao exame direto por parte do investigador. No pensamento do sujeito cognoscente (historiador) reflete-se o conteúdo do objeto (fato) de forma mais, ou menos exata. A aproximação à realidade é a essência do processo do conhecimento histórico<sup>43</sup>. Nesta tentativa de aproximação, a mais exata possível, o historiador constitui o fato histórico. Mas, como o historiador constitui o fato histórico? Em primeiro lugar, deve-se distinguir o fato histórico, ao qual se integrou a interpretação do historiador e só este fato é em historiografia um fato histórico, daquilo que o senso comum considera fato básico. Poder-se-ia objetar que certos fatos básicos seriam idênticos para todos os historiadores. Esses fatos formariam a “espinha dorsal” do relato historiográfico, ou seriam uma espécie de “materiais em bruto”, porém ocorre que “nem todos os factos passados são factos históricos ou são tratados como tal pelo historiador”<sup>44</sup>.

Também a ideia de “uma causa por excelência, oposta às simples 'condições'”, resulta segundo Marc Bloch do arbítrio do historiador:

"A realidade apresenta-nos uma quantidade quase

---

<sup>37</sup> - *Ic. ibid.* p. 301.

<sup>38</sup> - pesquisa (do lat. *per-quaerere*) através de pesquisa (do espanhol medieval, sinônimo de *inquisitio*) significa: indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade; e investigação (*investigatio = vestigium*): inquirição e estudo sistemáticos para descobrir ou estabelecer fatos.

<sup>39</sup> - Henri-I. MARROU, *Do conhecimento histórico*, p. 28.

<sup>40</sup> - “Ce qui caractérise la plupart des définitions courantes de l'histoire c'est qu'elles enferment leur objet dans le passé “...” Bien qu'une histoire du futur soit impossible, l'histoire du passé ne semble pourtant pas être l'unique histoire concevable, car on pourrait aussi penser à l'histoire du présent”. Alfred STERN, *op. cit.* p. 8-9.

<sup>41</sup> - Lucien FEBVRE, *Combats pour l'Histoire*, p. 23.

<sup>42</sup> - Ecléa BOSI, *Memória e Sociedade*, p. 1.

<sup>43</sup> - E. ŽHÍJKOV, *Metodologia de la Historia*, p. 187.

<sup>44</sup> - H. CARR, *op. cit.* 10

infinita de linhas de força que convergem todas num mesmo fenómeno. A escolha que fazemos entre elas pode muito bem basear-se em caracteres, na prática muito dignos de atenção; mas é sempre uma escolha”<sup>45</sup>.

O historiador seleciona fatos básicos, quer dizer, usa sua liberdade de escolher este e não aquele fato, até mediante um recurso assaz usual a eleição do período a ser historiado, seja para eludir um fato por demais evidente, mas incômodo para ser tratado, seja para dar realce a um outro fato, às vezes não tão evidente. O historiador seleciona e interpreta quando nomina o fato. Igualmente seleciona e interpreta quando decide o tipo de tratamento que irá dispensar ao fato eleito, em especial a extensão do relato. Deve-se admitir que em historiografia a objetividade sendo condição necessária para um conhecimento verdadeiro (epistémé) não é, todavia, condição suficiente<sup>46</sup>. A intervenção do sujeito cognoscente (historiador), isto é, a sua interpretação<sup>47</sup>, dá-se ao longo de todo processo, inicia-se ainda quando do projeto de busca/seleção dos fatos. Socorrendo-se da imagem dos peixes de Carr é possível dizer que o historiador não escolhe os peixes, como imaginam certos profissionais do ramo, na banca da peixeira, mas pesca-os num incomensurável e por vezes inacessível oceano. E cada historiador irá pescar peixes (fatos) diferentes, dependendo em parte da sorte, em parte da habilidade, mas basicamente do local escolhido e do material de pescaria utilizado. Os elementos, lugar e apetrechos, serão determinados pelo tipo de peixe que previamente escolheu pescar, uma vez pescados irá prepará-los a seu modo<sup>48</sup>.

Assim, cada historiador a partir de diferentes referências, conscientes ou inconscientes, dentre as quais sua visão de classe (que se reputa como determinante), irá proceder a pesquisa, a interpretação e a conseqüente retórica historiadora de apresentação dos seus fatos históricos. Ou, em outras palavras, o processo de construção do conhecimento histórico é perpassado pelo condicionamento social do historiador, o que significa dizer que a produção historiográfica tem um caráter social, com a marca individual e de classe do historiador, portanto um caráter ideológico e histórico. Esta questão do caráter ideológico e histórico do saber histórico é assinalada por José Honório em função da necessidade de reescrever a História.

“Todos sabemos hoje que não existe história sem teoria ou ideologia histórica. A necessidade de reescrever a história corresponde a esta verdade. “...” Cada época incorpora a forma e o espírito de sua idade. Daí o caráter provisório e relativo do saber histórico, daí também seu conteúdo ideológico”<sup>49</sup>.

Noutro texto José Honório é bem mais contundente na crítica à produção historiográfica:

“A História que conhecemos não é senão uma versão muito duvidosa, construída para satisfazer interesses de classe e grupos dominantes”<sup>50</sup>.

Em diversos textos de crítica historiográfica são citadas a propósito deste tema as palavras de Goethe, no Fausto, segundo o qual:

“O que vós chamais o espírito dos tempos não é no fundo senão o próprio espírito dos autores, em que os tempos se refletem!”<sup>51</sup>.

---

<sup>45</sup> - Marc BLOCH, Introdução à História, p. 166.

<sup>46</sup> - Agnes HELLER, Uma Teoria da História, p. 158.

<sup>47</sup> - interpretar: julgar, ajuizar a intenção, o sentido de; ex: planar, explicar o sentido de.

<sup>48</sup> - H. CARR, op. cit. p. 20.

<sup>49</sup> - T. RGZIGUES, História e Historiografia, p. 153.

<sup>50</sup> - Id., História, corpo do tempo, p. 21.

<sup>51</sup> - “Was ihr den Geist der Zeiten heisst, das ist im Grund der Herren eigner Geist in dem Zeiten sich bespiegeln!” Faust.

Esse “espírito dos autores” é identificado por Adam Schaff, diferentemente dos presentistas, como elemento que informa o caráter de classe do conhecimento, no caso o caráter de classe da historiografia. Denomina esse elemento de “espírito de partido”, expressão usada para designar o compromisso social do cientista. Tendo desenvolvido a tese defendida por Pokrovski, no início da década de 1930<sup>52</sup>, distingue três diferentes acepções daquilo que designa por “partidário” ou “espírito de partido”: A primeira acepção, a atitude “de partido” no sentido de escola científico-filosófica adotada (v.g. idealista, materialista, historicista). A segunda, espírito “de partido” no sentido dos interesses de uma classe social definida. A terceira, posição “de partido” no sentido de acordo com a linha oficial de um partido político. Apesar de reconhecer a validade do estudo da opção partidária no terceiro sentido, por ser um fato comprovável, Schaff descarta-o, todavia, como negativo, usando a expressão, unicamente, no sentido de escola e de classe social<sup>53</sup>. Esta ênfase na atitude “partidária”, entendida como compromisso social, decorre de um ponto de vista que privilegia o historiador como ser humano, portanto como ser social e contingente, cuja atividade e mentalidade refletem uma forma de interação dos dados individuais com a natureza física e o meio social em que o mesmo se insere. Tal relação é dinâmica e condicionante, nela o ser humano, como ser racional, não é só objeto, é sujeito da relação. Dessa interação participa tanto o historiador, genericamente, como indivíduo e cidadão, quanto como especialista. O historiador, como especialista em uma área específica do saber humano, é agente ativo de um agir histórico na qual a ação do ser humano é reflexa, i. e. individual e coletivamente interagindo modificando e sendo modificado. O agir e o pensar científico ocorrem num contexto de vivências cotidianas, socialmente compartilhadas.

“A Ciência não se faz numa torre de marfim”<sup>54</sup>. Esta constatação, válida para todos especialistas, tem um significado particular para os da área das ciências humanas ou sociais. É o caso do historiador que no desempenho de suas funções lida com um objeto no qual ele próprio é objeto e sujeito, donde um relacionamento mais próximo e por conseguinte mais subjetivo. Outros especialistas (matemáticos, físicos, mecânicos, eletricitistas, químicos) podem (em termos relativos) alienar-se do objeto de investigação. O historiador consegue, tão somente, eludir seus laços com o seu objeto, buscando (os exemplos são correntes) um tema historiográfico afastado no espaço e no tempo. O historiador pode usar outros subterfúgios, porém, em última análise, estará sempre comprometido com o seu objeto.

Bastaria essa contingência, para não apenas advogar, mas exigir do historiador a explicitação do seu compromisso social, do seu engajamento de classe, de sua opção partidária (na segunda acepção). O historiador, e os outros intelectuais igualmente, não pode iludir seu público, disfarçar-se em sábio flutuando no etéreo, pairando acima dos vis seres contingentes, habilitado em informar e opinar, “sine ira et studio”, sobre os fatos históricos “tal como ocorreram”<sup>55</sup>.

No entanto, o “espírito de partido” não pode servir de pretexto para a falta de rigor metódico, para a criação ficcional, a forjicação, a manipulação do conhecimento histórico. Também, não pode justificar o “espírito de partido” na acepção político-partidária. Este ponto de vista partidário, via de regra a opinião da cúpula partidária ou simplesmente do “chefe”, é em alguns casos uma versão grosseira dos fatos com finalidades imediatistas, porém, se faltar a crítica dos historiadores, essa versão pode vir a constituir-se em “verdade histórica”.

Pela sua complexidade, a problemática da adequação do condicionamento social com a objetividade/subjetividade do conhecimento, e do historiador como sujeito de um comprometimento de classe, envolve alguns dos mais interessantes e controversos temas da análise crítica da historiografia, podendo ser resumida no seguinte desafio ao historiador:

“Integrar num todo coerente o postulado de uma história comprometida, de uma história de classe, de uma história animada de espírito de partido, e o imperativo da cientificidade da história, ou seja da sua tendência para a verdade objetiva no sentido de uma marcha infinita para a verdade absoluta”<sup>56</sup>.

---

<sup>52</sup> - M. N. POKROVSKI, *Istoritcheskaia nauka i bor'ba klassov*, Moscou, 1933, tese fundamentada em trabalhos de Alexandr A. Malinovski BOGDANOV, 1873-1928; a tese de Pokrovski coincide com as concepções de Mannheim, sendo ambas da mesma época. Apud A. SCHAFF, op. cit. p. 181.

<sup>53</sup> - A. SCHAFF, op. Cit. P. 181-4.

<sup>54</sup> - “La Science ne se fait pas dans une tour d'ivoire, par l'opération intime et secrète des savants désincarnés vivant, en dehors du temps et de l'espace, une vie de pure intellectualité”. Lucien FEBVRE, op. cit. p. 56.

<sup>55</sup> - “Wie es eigentlich gewesen”. Tese de Leopold RANKE. Cf. Ed. FUETER, *Historia de la Historiografia Moderna*, v.2, p. 148- 161; e Sérgio Buarque de HOLANDA, “O Atual e o Inatual em Leopold von Ranke”. In: \_\_, Ranke, p. 7-62; ver tb. Agnes HELLER, op. cit. p. 158-9.

<sup>56</sup> - A. SCHAFF, op. cit. p. 139.

## 1.2 Historiografia brasileira

Conceituados os principais termos, convém proceder uma sucinta observação sobre a condição atual dos estudos historiográficos no Brasil. A afirmação de que a Historiografia brasileira, entendida como produção do conhecimento histórico, tem sido insuficientemente estudada, não é temerária, nem carece de uma ampla pesquisa bibliográfica para ser confirmada, tão evidente o exíguo número de trabalhos que se ocupam desta matéria, agravado pela pobreza de conteúdo da maior parte dos mesmos. A Historiografia brasileira tem sido tratada, via de regra, ou em Histórias da literatura, ou em estudos isolados sobre historiadores. Estes dois modos de operar com a produção historiadora pouco concorrem “para uma compreensão mais objetiva da Historiografia brasileira” pela completa assietematização processual que os caracteriza<sup>57</sup>.

O que se pretende afirmar não é a inexistência de obras importantes, mas a insuficiência quantitativa e qualitativa delas em responder questionamentos básicos como: principais linhas evolutivas da Historiografia brasileira; pressupostos metodológicos; público a que se destinou nos diferentes momentos; autores que exerceram ação decisiva em sua formação; tipos de pensamento histórico que apresenta; continuidade e descontinuidade de enfoques = de temas. Estas e muitas outras questões aguardam respostas, tão apenas no que se refere à historiografia nacional, mas igualmente em relação à historiografia Provincial ou estadual, à historiografia regional e à historiografia local. O estudo crítico da historiografia local passa obrigatoriamente pela análise do que se entende por Historiografia ou História local, o conceito em que esta área (gênero ou espécie<sup>58</sup>) da disciplina é tida no meio acadêmico brasileiro e o seu nexu com a História do Cotidiano e com a Micro História (ou Microistória?).

A História local, de ordinário, está nucleada no centro urbano de origem ou de domicílio do historiador. Podendo abarcar uma área mais ou menos vasta. Assim a História local apresenta-se como História de cidade, História urbana ou História municipal. São pouco frequentes trabalhos abrangendo duas ou mais cidades, ou apenas parte de uma cidade. Mais raras ainda, as obras a propósito de núcleos populacionais rurais.

Compreendida a historiografia local, mormente, como a produção historiográfica cujo foco privilegiado é uma cidade e seu entorno regional, ou outro objeto espacialmente reduzido, ela tem resultado, em grande parte, do labor dos historiadores ditos municipais. Produto quase exclusivo desses historiadores não profissionais, autodidatas sem formação acadêmica na especialidade, a historiografia local reclama um trabalho de análise e sistematização que a integre ao conjunto da historiografia brasileira. A produção historiadora-local representa a memória acumulada de um povo que se modifica no transcurso do tempo. Se faltar o concurso da análise historiográfica que é a crítica especializada, o conhecimento histórico provavelmente se perderá.

Apesar da quantidade e qualidade dos trabalhos produzidos nos últimos anos na Universidade brasileira enfocando a história de cidades e municípios, a produção dos historiadores municipais tem merecido pouca atenção em nível acadêmico. Regra geral, os historiadores locais, quando referidos, são considerados meros escritores e sua produção qualificada apenas como literatura. Em outros casos a historiografia local tem sido tratada como simples estudo de biografias e louvação dos historiadores.

A História local pode ser acusada de regionalista, de enfatizar particularismos, e mesmo, do “perigo de ser fragmentária ou difusa”<sup>59</sup>; ou ainda, “escrupulosa e exaustiva”, por ocupar-se de detalhes irrelevantes e alinhar com minúcia, mil e um fatos insignificantes, até um pinico cheio de merda e de mijo atirado à cabeça de um transeunte no dia 16 de agosto de 1610, como refere depreciativamente Marrou<sup>60</sup>. Contudo, o estudo crítico da historiografia local é imprescindível. Não só porque a produção historiográfica sobre o desenvolvimento de uma comunidade e seu entorno regional é memória, em consequência, legítima. Nem apenas porque representa inestimável aporte à constituição da História nacional. Existe outra razão, igualmente primordial: a História local está vinculada, na sua elaboração, a ideias e filosofias vigentes, quer na sociedade nacional, quer no ambiente local. Daí resulta ser a historiografia local um espelho da metodologia e de modelos teóricos assimilados em determinado momento histórico pela inteligência local. A historiografia local, reflete, também, a ideologia e os costumes preponderantes localmente, numa época em que o País não estava globalizado e cada município era quase uma ilha.

---

<sup>57</sup> - Maria de Lourdes M. JANOTTI, João Francisco Lisboa, p. 9

<sup>58</sup> - J. H. RODRIGUES, Teoria da História do Brasil, p. 148-9.

<sup>59</sup> - Id. Ibid. p. 151.

<sup>60</sup> - H.-I. MARROU, op. cit., p. 41-Z; “plain un pot de grosse et menue orde et puant...” cf. F. Lehoux, Le bourg de Saint-Germain des-Prés, depuis ses origines jusqu'à la fin de la guerre de Cent Ans, p.129.

Outro aspecto a considerar, é a validade da crítica historiográfica objetivar a inserção das obras dedicadas à História local no processo ensino-aprendizagem nas escolas de 1º, 2º e 3º Graus. A crítica historiográfica tem condições de superar os problemas decorrentes do autodidatismo da maioria dos historiadores locais e dos preconceitos dos professores, em geral, a respeito da utilidade e do valor dessa produção historiadora local.

Por todos estes motivos, entende-se que estudos críticos da História local devem merecer atenção e prioridade. A análise historiográfica de obras de abrangência espacial restrita, como é o caso das que se ocupam da história local deve gozar na Universidade de prestígio intelectual e suporte material. Mesmo porque a Universidade tem por obrigação privilegiar a universalidade e a diversidade. Outrossim, como ensina José Honório:

"Uma história detalhada do desenvolvimento de uma comunidade representa a mais legítima contribuição à história nacional. A história de uma nação é incompleta se deixa de tratar dos interesses e atividades dos homens comuns, e a história local cuida como nenhuma outra dos acontecimentos diários do homem comum, promovendo, deste modo, um conhecimento mais seguro e amplo da vida nacional que o historiador tenta reconstruir"<sup>61</sup>.

Portanto, o estudo de histórias locais pode oportunizar a constituição de uma História "vista de baixo", numa perspectiva diferente da "história da elite"<sup>62</sup>, contudo, via de regra, as Histórias locais têm tratado apenas da história da elite local.

Deve-se igualmente considerar que no âmbito da Universidade brasileira só a partir da década de 1970 surgem estudos versando temas da história local e regional. Isto deu-se em função das imposições da carreira universitária que passou a exigir a realização de cursos de pós-graduação, resultando na produção de monografias de mestrado e de doutorado. Um número significativo dessas teses e dissertações fundamentou-se em pesquisas de fontes primárias locais e produziu análises de caráter local e regional.

Outro fator, não menos importante, foram as diretrizes da política educacional terem enfatizado nacionalmente a necessidade de regionalizar os currículos do 1º grau, donde resultou a proliferação de livros didáticos sobre a história regional e a conseqüente valorização do tema e direcionamento das pesquisas no nível acadêmico e/ou didático.

Muito embora essa valorização do local e do regional tenha produzido bons resultados, a história das pequenas e médias cidades do interior ainda aguarda o "olhar" da Academia. Críticas como a que segue, feitas em plena década de 1980, são ainda válidas agora, na década de 90: "A história local - história de cidades - no Brasil, no que se refere às cidades do interior, tem ficado mais ao nível da crônica histórica". Esta situação decorre, pelo menos em parte, do precário interesse dos meios acadêmicos pela problemática interiorana. São recentes os trabalhos mais preparados, teórica e metodologicamente, versando sobre cidades do interior. Ainda que em muitos casos o estudo objetive a economia e a sociedade rural do entorno e não propriamente a urbe. Já é diversa a posição usufruída pelas grandes cidades, melhor dizendo, pelas principais capitais como: São Paulo, Brasília, Porto Alegre, Salvador, Florianópolis e outras, contempladas nos últimos anos com numerosas monografias acadêmicas.<sup>63</sup> Algumas dessas capitais foram agraciadas, também, com estudos monográficos sobre alguns de seus bairros.

Note-se nesta crítica a manifesta ênfase nas cidades do interior, objeto de estudo, a reclamar maior atenção dos cientistas sociais universitários. O mesmo pode ser afirmado a respeito das regiões periféricas.<sup>64</sup> Além disso, e não obstante o rigor teórico e metodológico desses estudos - uma inestimável contribuição para o conhecimento de realidades locais - a maior cota dessas monografias acadêmicas está dedicada à produção historiadora. De fato, poucos estudos, como foi afirmado supra, estão dedicados à análise e à crítica da historiografia local e regional. Coerentemente refletem-se na micro área as deficiências quantitativas e qualitativas observadas na macro área.

---

<sup>61</sup> - J. H. RODRIGUES, op. Cit. P. 151.

<sup>62</sup> - Jim SHARPE, "A história vista de baixo", In: Peter BURKE, A Escrita da História, p. 39-95.

<sup>63</sup> - Amaral LAPA, In: Octavio IANNI, Uma Cidade Antiga, p. 9-10; Ver tb. Carlos Humberto CORRÊA, org. Catálogo das Dissertações e Teses dos Curso de Pós-Graduação em História.

<sup>64</sup> - Rosa M. Godoy SILVEIRA, "Região e História: Questão de Método", In: Marcos SILVA, op. cit. p. 17-42.

### 1.3 A historiografia sul-rio-grandense

Essa crítica genérica, em relação ao cenário historiográfico brasileiro, engloba por consequência a historiografia sul-rio-grandense. Porém algumas particularidades em relação a esta devem ser acrescentadas para melhor contextualizar o referencial historiográfico de Antonino Xavier. Assim o que se pretende neste breve trecho não é fazer um estudo da historiografia do Rio Grande do Sul, mas apenas chamar a atenção para algumas de suas especificidades.

Analisando os historiadores Provinciais ou estaduais e os “historiadores municipais que erguem tijolo a tijolo, com suas monografias, as paredes do edifício da história”, Moacyr Flores afirma: “A nossa história ainda é emotiva, presa às figuras míticas, o que nos impede de examinar o processo histórico em toda sua extensão”.<sup>65</sup>

A historiografia sul-rio-grandense está profundamente marcada pela produção dos historiadores ditos “oficiais”, tanto no âmbito estadual, onde se situam as figuras de maior destaque, algumas guindadas à cátedra acadêmica, quanto no âmbito municipal, onde se encontram figuras de menor destaque, quando não totalmente desconhecidas, e cujas obras correm sérios riscos de caírem no olvido. Dois grupos de historiadores influenciaram basicamente nas tendências dessa produção “oficial”, os membros do Instituto Histórico e Geográfico e o grupo do Arquivo Histórico.

O “regionalismo” da historiografia sul-rio-grandense está na temática voltada para narrativas que apresentam a “província” e depois o “estado” como o lugar da liberdade e a forja de ideias avançadas e dos ideais sublimes e para seu povo pleno de virtudes inatas, consubstanciadas na figura do gaúcho: livre, bravo, altaneiro, etc. O fundo filosófico e metodológico acompanhou sempre as tendências “nacionais”.

“A história elaborada no Rio Grande do Sul, apesar de regionalista, está vinculada às ideias e filosofias vigentes no Brasil, que por sua vez importa metodologia e modelos teóricos europeus, algumas vezes com atraso de décadas”.<sup>66</sup>

A produção historiográfica sul-rio-grandense, do seu início até meados do século XX, pode ser dividida em dois momentos: a fase inicial, restrita a um processo acumulativo da memória da etnia lusitana, buscando sua identidade cultural mediante símbolos míticos, como o gaúcho e o índio; e uma segunda fase, de elaboração ideologizada da história regional, surgida no período da chamada República Velha.<sup>67</sup> Nesta segunda fase, intelectuais orgânicos do republicanismo vão se reunir no IHGRS para construir uma imagem da história regional na qual a classe dominante exerce: papel principal e no gaúcho, monarca dos pampas, confunde-se o estancieiro e o peão, o patrão e o empregado. O Rio Grande do Sul aparece como a região mais democrática e branca, com uma economia autossuficiente. O fim do isolacionismo rio-grandense e as transformações urbano-industriais, pelas quais passou o País a partir das décadas de 1930-40, não abalaram esta historiografia oficial. Pelo contrário, ela consolidou-se no saudosismo glorificador do seu passado heroico.

Ieda Gutfreind ao estudar a historiografia rio-grandense destaca duas matrizes ou orientações do discurso historiográfico: a matriz platina e a matriz lusitana. Essas duas matrizes ideológicas, no entender da autora, cultivaram o mito da democracia sulina, gerado pelo modo de vida das estâncias, suas divergências se prendem a tópicos, mas na essência, possuem origens ideológicas comuns e partiram ambas da ideia de nação e de estado, identificados com os limites político-administrativos. Apesar das diferenças, as duas matrizes defenderam, no pós-1920 (refundação do IHGRS), uma História político-ideológica de alto teor nacionalista.<sup>68</sup>

Uma particularidade na historiografia sul-rio-grandense é o destaque dado à chamada “Revolução Farroupilha”: “O evento político-militar que maior atenção recebeu da historiografia tradicional, que ressaltava a bravura de seus líderes”<sup>69</sup>, adequando-se à constituição de uma História de coragem e liberdade.

### 1.4 A historiografia passofundense

---

<sup>65</sup> - Moacyr FLORES, *Historiografia*, p. 10.

<sup>66</sup> - Id. *ibid.* p. 9.

<sup>67</sup> - Id. *ibid.* p. 9; ver tb. Sandra J. PESAVENTO, “História Regional e Transformação Social”, In: Moacyr da SILVA, coord. *República em Migalhas*, p. 75.

<sup>68</sup> - Ieda GUTFREIND, *A Historiografia Rio-Grandense*, *passim*;

<sup>69</sup> - Sandra J. PESAVENTO, “Farrapos, Liberalismo e Ideologia”, In: \_\_, *A Revolução Farroupilha*, p. 5-29.

A historiografia passofundense, como historiografia municipal, surge na segunda fase da historiografia sul-rio-grandense. Mais precisamente, a historiografia passofundense teve início após a Revolução Federalista de 1893. Não significa, porém, que a história passofundense não tenha sido referida em obras da historiografia rio-grandense, anteriores àquele momento. Mormente em obras que versam sobre a região missioneira e/ou norte do atual estado do Rio Grande do Sul, encontram-se frequentes referências a acontecimentos em território passofundense.

Não obstante, no quadro desta monografia será considerada historiografia passofundense, apenas, a produção historiográfica dedicada à história do município. Quanto à produção historiográfica votada à história de municípios (ou partes destes) originados do primitivo Município do Passo Fundo, criado em 1857, será considerada "historiografia regional passofundense", por vincular-se a uma origem comum na história passofundense e pela interação dos processos históricos que tem por objeto.

Assim delimitada, a historiografia passofundense possui um núcleo formado por três historiadores: Antonino Xavier, que publicou de 1908 a 1957 e deixou volumosa produção inédita; Jorge Edethe Cafruni, cuja principal obra, *Passo Fundo das Missões*, foi publicada em 1966; e Delma Rosendo Gehm, autora de *Passo Fundo Através do Tempo*, em três volumes, publicados entre 1978 e 1983, e de vários outros trabalhos versando sobre fatos e personagens da história passofundense.

## CAPÍTULO II

### FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA SUA TERRA E SUA VIDA

Terra de meu berço!  
Eu te amo na simplicidade dos teus dias primitivos.  
Teu passado - relicário sacratíssimo que encerra a  
origem do teu presente e a esperança do teu futuro.  
Francisco Antonino Xavier e Oliveira  
Terra dos Pinheirais

#### 2.1 Passo Fundo

O objeto da pesquisa e dos escritos de Antonino Xavier é o ele próprio denomina a “história de minha terra natal” ou a história passofundense. O marco inicial da delimitação temporal é o século XVII, com a chegada dos primeiros jesuítas<sup>70</sup>. A delimitação geográfica é bastante vaga nos primeiros duzentos anos, como aliás é vaga a própria crônica desse período. Durante o século XIX o território passofundense foi sendo definido em função ordenação político-administrativo da Capitania, depois Província do Rio Grande do Sul. Desde então passou a existir um território legal, de acordo com os limites prescritos nos diplomas governamentais.

Durante os séculos XVII e XVIII as áreas ocupadas pelo conquistador ibérico, no Planalto Médio Rio-grandense, são imprecisas. Os estabelecimentos (reduções, guardas, arraiais), em geral, foram pouco duradouros e a propósito da exata localização persistem muitas dúvidas. Aconteceu aí a alternância dos limites entre os domínios castelhano e português, e das investidas, ora da Companhia dos jesuítas, ora dos bandeirantes paulistas. Os motivos das disputas são vários: estratégicos, a passagem obrigatória, o Caapi (caminho do mato), mais tarde “vereda das missões” e “caminho dos paulistas”, hoje BR-285; econômicos os ervais, o pinheiro araucária, os campos para o gado, “vacaria dos pinhais”, “campo das vinte mil vacas”; e o elemento humano indígena, talvez o mais forte motivo, reduzi-lo e utilizá-lo no trabalho localmente, ou preá-lo e vendê-lo alhures para o trabalho escravo. “Índios, vítimas da proteção dos jesuítas e do banditismo dos bandeirantes”.<sup>71</sup>

Desde a segunda década do século XIX, o relato da história passofundense possui um núcleo espacial: o lugar onde em breve começarão a se fixar seus primeiros povoadores de “raça branca”. Com a definição dos limites político-administrativos Provinciais, o território passofundense ocupa uma área delimitada e do ponto de vista legal, vem a ser, sucessivamente: parte do município de Rio Pardo; circunscrição de Santo Ângelo, município de São Luiz da Leal Bragança; 4º quarteirão de São Borja; 4º distrito de Cruz Alta; e finalmente, município de Passo Fundo.<sup>72</sup> Constituído o município em 1857, o território variou, no decorrer do tempo, por causa das anexações e permutas, e dos muitos desmembramentos.

A partir do início do segundo quartel do século XIX, o território passofundense foi ocupado por um número cada vez maior de núcleos populacionais em caráter permanente e de economias extrativistas, criatórias e agrícolas. Esta ocupação demográfica e econômica evoluiu, ao longo daquele século, com fases de crescimento rápido e alguns momentos de estagnação. O crescimento se acentuou ao final do século XIX (após a Revolução Federalista). A instalação da via férrea e de estabelecimentos industrial-extrativistas (ervateiras, saladeiro, serrarias), aliada à intensificação da exploração agrícola das terras de mato, provocou um adensamento populacional e em contrapartida os sucessivos desmembramentos de novos municípios, reduzindo a superfície municipal. O aumento da população deu-se, em parte, em resultado da chegada de imigrantes (a maioria europeus) ou de seus descendentes.

##### 2.1.1 O território e sua ocupação pela “raça branca”

Situado no Planalto Rio-grandense, onde integra a zona fisiográfica do Planalto Médio, o território passofundense é atravessado de leste a oeste pela Coxilha Grande do Albardão, divisor de águas das bacias do Uruguai e do Jacuí. Seus rios podem ser transpostos a vau, sua cobertura vegetal se caracteriza pelas matas, onde sobressaem pelo valor utilitário o pinheiro brasileiro (*Araucaria angustifolia*) e a erva-mate ou pau-d'erva (*Ilex paraguariensis*), alternadas por campos com

<sup>70</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 61,

<sup>71</sup> - Julio J. CHIAVENATO, O Negro no Brasil, p. 106.

<sup>72</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 205.



pastagens naturais. Semelhante panorama fitogeográfico condicionou a área, ao longo de sua história, à função de terra de passagem e linha divisória.

Localizado “na extremidade oriental do território missioneiro, confinando com as terras que, naquele tempo, pertenciam à coroa de Portugal”<sup>73</sup>, o território passofundense teve nos jesuítas paraguaios, certamente seus primeiros ocupantes europeus. Entre 1626 e 1637 a Companhia fundou alguns estabelecimentos no Planalto Médio.

Há notícias de várias reduções: Santa Tereza do Curiti ou Pinhais e dos Ervais (nas proximidades da atual Passo Fundo); Visitação do Caapi, no vale do Jacuí (entre Carazinho e Lagoão), talvez a mais antiga, não se consolidou; São Carlos do Caapi (em Carazinho); São Joaquim do Botucaraí (em Soledade).

Às vésperas do Natal de 1637, André Fernandes, comandou a bandeira formada por mais de duas centenas de mamelucos paulistas e grande número de índios que atacou Santa Tereza de los Piñales y Yerbazales, transformando-a no arraial bandeirante Igaí. No ano seguinte chegou em Igaí outro bandeirante, Fernão Dias Paes Leme, mais tarde cognominado “caçador de esmeraldas”, que percorreu as trilhas do Caapi e preou grande número de índios reduzidos<sup>74</sup>. André Fernandes dirigiu o arraial por quatro anos. Ao retirar-se deixou em Igaí, encarregado pela administração, seu filho o padre jesuíta Francisco Fernandes, que permaneceu ali mais alguns anos. Até 1669, o arraial serviu de base operacional para os paulistas que se dirigiam à fronteira meridional, de início na preação de indígenas, depois na caça ao gado chimarrão. Também era uma espécie de entreposto na rota da Colônia do Sacramento. A relativa longa duração de Igaí valeu mais tarde, na questão das Missões, arbitrada em 1895, de argumento favorável ao Brasil<sup>75</sup>. A faina da coirama e a derrota de Mbororé, entre outras razões, acabaram por esvaziar o arraial, do que se valeram os jesuítas para retornar à região em 1687, porém nenhuma redução foi estabelecida. Apesar de na época a jurisdição da quase totalidade do território passofundense corresponder a Buenos Aires, de fato, jesuítas de diferentes “povos”<sup>76</sup> partilharam entre si a administração das riquezas locais e da população indígena que alcançaram dominar.

As vinte mil vacas<sup>77</sup> contadas em 1699, nos campos entre os rios Jacuí, Várzea e Passo Fundo, integraram a estância do Povo de São Luiz, ao qual ficou subordinada uma guarda guaraníca, destacada para vigiar “los Hondos de La Baqueria de los Piñares”, aquartelada à entrada ocidental do Mondecaá, mato das armadilhas, denominado Mato Castelhana<sup>78</sup>. A capela dessa guarda tinha por trago Santa Tereza. Os ervais foram adjudicados ao Povo de São João, o que motivou a instalação de um carijo<sup>79</sup> junto ao passo do rio da Várzea, no Pulador, a meio caminho entre as atuais cidades de Carazinho e Passo Fundo. Este primeiro estabelecimento industrial em território passofundense, além do aparato necessário à produção do “chá paraguaio”, possuía guarda guaraníca e capela.

Mais para leste, nos domínios da Coroa lusa, na mesma época estacionou uma guarda portuguesa, donde os toponímios Mato Português e Campo do Meio (não obstante este último poder ser simplesmente a tradução do nome indígena do local: Cariroi). Enquanto a questão de limites não se resolvia, paulistas e lagunistas continuavam preando o gado chucro da “vacaria” e encaminhando milhares de rezes para São Paulo. O caminho que percorriam era o mesmo “aberto” por Cristóvão Pereira de Abreu, em 1738, como “caminho das Missões”, ligando os territórios missioneiros à Laguna, o Caapi indígena, usado pela Companhia e pelos bandeirantes. Por volta de 1785, os tropeiros, para encurtar caminho e evitar o Registro de Santa Vitória, começaram a utilizar outro trajeto e o passo clandestino na barra do rio Marombas. Obedecendo ordens superiores o alferes Atanagildo Pinto Martins oficializou o Passo do Pontão em 1818 para coibir a sonegação de impostos

---

<sup>73</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 69.

<sup>74</sup> - Delma R. GEHM, *Passo Fundo através do Tempo*, v.1, p. 8-11; ver tb. Jorge CAFRUNI, *Passo Fundo das Missões*, p. 285-331; e Walter F. PIAZZA, *Santa Catarina: sua História*, p. 104-5.

<sup>75</sup> - Delma R. GEHM, op. cit. v. 1, p. 11-2, e v. 3, p. 36-8.

<sup>76</sup> - Da tradução incorreta do termo pueblo, no caso “povoação”.

<sup>77</sup> - Trata-se de “vacas” ou “vacaria”, eram contadas as fêmeas adultas, visto só estas, como matrizes, terem valor.

<sup>78</sup> - Por situar-se, até o Tratado de Santo Ildefonso em 1777 (de fato, até a demarcação em 1783), em terras espanholas.

<sup>79</sup> - Carijo (do kaingáng kaa: erva + ri: em cima + jo: amarelo) jirau ou armação de varas, onde se colocam os ramos de pau-d'erva para crestá-los ao calor do fogo; por extensão, local de fabrico artesanal e primitivo da erva-mate.

pelos proprietários de tropas<sup>80</sup>. Esse mesmo oficial miliciano, em 1816, no comando de uma “expedição” composta de soldados e índios havia percorrido o trajeto do Campo do Meio a São Borja e retornado, sempre pelas trilhas do Caapi, sendo-lhe, por este motivo, atribuída a “abertura da vereda das Missões”<sup>81</sup>.

Em 1819, mais um paulista “descobre” o caminho das antigas Missões Orientais à Província de São Paulo. João de Barros, tendo adquirido uma tropa de mulas na fronteira meridional, seguiu também pelo caminho dos índios. A notícia desse “caminho dos paulistas”, como veio a ser conhecido, logo se espalhou pelo sul da capitania de São Paulo. Muitos paulistas resolveram trilhar a mesma rota da fortuna, mas como a maioria não era capitalista qual o tropeiro João de Barros, para poder comprar tropa, reuniam seus parques cabedais, escravos, índios e agregados, e montavam carijos na região de Passo Fundo e Palmeira das Missões. Com a erva-mate produzida alcançavam adquirir tropas de mulas, de cavalos, ou de bois para comercializar em São Paulo. Saint-Hilaire fala de despovoamento dos Campos Gerais da Comarca de Curitiba, porque:

“Homens de todas as classes, operários, agricultores, no momento que ganham algum dinheiro, partem para o Sul, onde compram burros bravos para revendê-los em sua própria terra ou em Sorocaba”.<sup>82</sup>

Um desses foi Manoel Francisco Xavier, da freguesia de Castro, que acompanhado do filho adolescente Francisco, de escravos e índios ervateiros, esteve na região Passo Fundo no ano de 1822. Com a erva fabricada no carijo que montou nos ervais<sup>83</sup> de Palmeira comprou, na fronteira, uma tropa de mulas que foi vender em Sorocaba. Conforme relata Antonino Xavier (bisneto de Manoel), a erva-mate era transportada até as praças da fronteira sul em carretas de duas rodas tiradas, de ordinário, por quatro juntas de bois<sup>84</sup>. Alguns desses ervateiros-tropeiros vieram depois estabelecer-se, definitivamente, próximo dos ervais. Esse foi o caso do rapazote Francisco (avô materno de Antonino Xavier). Em 1843, já casado e trazendo mulher e filhos, retornou para morar no povoado de Passo Fundo das Missões. Decorridos alguns anos adquiriu, com a renda da erva e das tropeadas, uma fazenda nas redondezas. Com razão a erva era chamada - “árvore de ouro”.<sup>85</sup>

Outra maneira, era requerer algumas léguas de campo para aí montar uma fazenda. Foi assim que muitos pioneiros procederam, em particular os de origem militar. No início do ano de 1823, o sargento-mor Domingos da Silva Barbosa, morador de Rio Pardo, recebeu do governo da Província uma área de terras<sup>86</sup> sobre um “rincão de campo” contendo uma légua de largo por três de comprimento, situada entre as atuais cidades de, Marau e Soledade. Em março de 1824 foi concedida a primeira área de terras, na zona de Carazinho, recebida por José Antônio de Quadros. Ainda em 1824 o alferes de milícias Rodrigo Felix Martins, irmão de Atanagildo e morador em Ponta Grossa, recebeu por intermédio do comandante do quartel de Cruz Alta a área que havia requerido no lugar denominado Pinheiro Mercado, atual distrito de Carazinho. Mas apenas em 1827, chegou, “com numerosa família e escravos”, para fundar sua “fazenda de criar gado nos campos do Jacuizinho”. Na mesma época Alexandre da Motta estabeleceu-se entre Pulador e Carazinho, e Bernardo Paes de Proença, no Rincão do Pessegueiro, próximo da atual Passo Fundo. Ainda no ano de 1827 e no ano seguinte outros agraciados com terras vieram estabelecer-se no território passofundense, com família constituída, fazendo-se acompanhar de agregados e escravos.<sup>87</sup> Dessa forma uma vintena de fazendas criatórias-extrativistas, com incipiente agricultura de subsistência, surgiram em menos de uma década. O rápido incremento de povoadores explica-se pela existência de campos adequados à

---

<sup>80</sup> - Fidélis D. BARBOSA, História do Rio Grande do Sul, p. 50-1;

<sup>81</sup> - Hemetério SILVEIRA, As Missões Orientais, p. 263 e 338-9; ver tb. OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 219-20; e Roselys RODER- JAN, Raízes e Pioneiros do Planalto Médio, p. 68-99.

<sup>82</sup> - Auguste de SAINT-HILAIRE, Viagem a Curitiba, p. 18-9.

<sup>83</sup> - Zonas de mato com abundância de *Ilex paraguariensis*, árvore conhecida pelos paulistas e mineiros por congonha (do nome indígena conguay: o que alimenta, ou caaguai: erva de beber), própria para o fabrico da erva-mate.

<sup>84</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 1, p. 297-9, e v. 2, p. 339.

<sup>85</sup> - Id. ibid. v. 3, p. 242.

<sup>86</sup> - Na vacância legal do Regime de propriedade, entre o fim do regime sesmarial em 1822 e a entrada em vigor da Lei de Terras em 1850, ocorrem as concessões ortogadas pelos governos provinciais e pelas comandâncias militares.

<sup>87</sup> - Id. ibid. v. 2, p. 219-22.

criação de gado, abundantes ervais, e facilidade com que as terras eram concedidas. Bastava requerer ao comando militar. O gado aí disseminado era, quase todo, adquirido na fronteira, em vantajosa permuta por erva-mate.

Desde 1801, quando as Missões passaram de fato ao domínio luso-brasileiro, o território passofundense ficou sob a alçada do comando militar da fronteira, sediado em São Borja. Em 1809, com a divisão da Capitania em quatro municípios, foi integrado ao de Rio Pardo. Com a criação, em 1817, do município de São Luiz da Leal Bragança, tornou-se parte da circunscrição de Santo Ângelo.

### 2.1.2 Origem e desenvolvimento do núcleo urbano

Mesmo tendo sido oferecidos aos companheiros de Borges do Canto, os campos passofundenses permaneceram devolutos durante todo primeiro quartel do século XIX. Em todo percurso que vai da atual Lagoa Vermelha até Santa Bárbara do Sul, passando por Passo Fundo e Carazinho, não havia, na primeira metade da década de 1820, nenhum morador permanente de “raça branca”<sup>88</sup>.

Algumas das fazendas, fundadas no final daquela década e no início da seguinte, viram surgir em seu interior ou nas proximidades, povoados, que mais tarde, originaram cidades e sedes distritais hoje existentes. Neste detalhe a fazenda que merece especial destaque é a do Cabo Neves.

Manoel José das Neves era paulista de São José dos Pinhais, distrito de Curitiba, participou da Guerra da Cisplatina. Ferido em combate<sup>89</sup>, foi recolhido ao quartel de São Borja. Promovido a cabo de milícias por atos de bravura, resolveu transformar-se em fazendeiro. Para tanto requereu à comandância terras que certamente conhecia. Existe total coincidência entre o lugar requerido e o sítio onde o administrador geral das Missões, Pereira Lago, acampou por alguns dias, em 1826, buscando refúgio em consequência da tomada de São Borja por Frutuoso Rivera. Acompanhava a autoridade em fuga, além de elementos da população civil de São Borja e arredores, um pequeno contingente militar.<sup>90</sup>

Recebida a promessa de uma gleba de quatro léguas quadradas para lá partiu o Cabo Neves, acompanhado da família, agregados, escravos e gado, com ânimo de fundar “modesta fazenda pastoril e agrícola”. No final de 1827 ou início de 1828, recém chegado, arranchou-se com sua gente junto ao córrego Lava-Pés, não longe do “caminho” e a menos de uma légua, ao poente, do “passo”. Mais tarde edificou sua moradia na colina, proximidades da atual Praça Tamandaré, na interseção das atuais ruas Paissandu e Teixeira Soares. Nas vizinhanças logo estabeleceram-se outros moradores.

Pouso obrigatório de tropeiros e caravanas, o lugar escolhido pelo Cabo Neves deu origem ao povoado de birivas<sup>91</sup> tropeiros, criadores de gado, ervateiros, nucleado ao longo do “carinho dos paulistas”, antes do “passo” no sentido de quem seguia na direção do Mato Castelhana. Além do “passo” o território estava, na época, coberto de espessa mata e era dominado pelos índios coroados<sup>92</sup>, que ofereciam natural e aguerrida resistência ao invasor. A resistência dos índios coroados conseguiu retardar, em quase três décadas, a fixação do conquistador branco.<sup>93</sup>

O Cabo Neves (como ficou conhecido, apesar de posteriormente atingir o posto de capitão), segundo o que é contado era pessoa enérgica e empreendedora. Mesmo sendo homem de poucas letras (menos que a média dos fazendeiros da região, em geral, pouco letrados) e de posto inferior (os demais eram, no mínimo, alferes quando receberam terras), teve mais tirocínio na escolha do local e na tomada de algumas providências que garantiram a formação, em torno da sede de sua fazenda, do mais importante núcleo urbano da região. Tanto é que o Cabo Neves é considerado o fundador de Passo Fundo, atualmente a cidade mais importante do norte do estado do Rio Grande do

---

<sup>88</sup> - Id. *ibid.* v. 1, p. 298.

<sup>89</sup> - Provavelmente, no combate do Rincão das Galinhas, em 24 de setembro de 1825. Cf. Delma GEHM, *op. cit.* v.3, p. 45-7. Há um relato segundo o qual o Cabo Neves teria dito que fora ferido no combate do Passo do Rosário, i. e. a 20 de fevereiro de 1827. Cf. OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 203 e 254.

<sup>90</sup> - Hemetério SILVEIRA, *op. cit.* p. 92 e 311; Na época a distância entre os dois pontos pelo caminho mais curto era de 85 léguas. Id. *ibid.* p. 293. Légua itinerária ca. 6 kms.

<sup>91</sup> - Birivas, berivas ou biribas (do tupi mbi'ribi: pequeno, pouco) nome dado na fronteira meridional aos paulistas tropeiros de mulas; por extensão aplicado aos habitantes da região serrana do RS, originários da Província de SP.

<sup>92</sup> - Coroados, indígenas do grupo Jês ou Tapuia, incluídos entre os Kaingàng (de kaa: mato + ingàng: morador).

<sup>93</sup> - Elli BENINCA, *Conflito Religioso e Práxis*, p. 24-5; ver tb. Dante de LAYTANO, “A Origem de Passo Fundo”.

Sul, conhecida como Capital do Planalto.

Nos primeiros anos foi grande o afluxo de novos povoadores vindos da fronteira meridional e de outras partes da Província, da Província de São Paulo, em geral da comarca de Curitiba, também de outras províncias. Em 1833, o povoado e os campos próximos contavam 104 fogões<sup>94</sup>, ao que deveria corresponder uma população de pelo menos 419 habitantes. Nesse ano o território passou a constituir o 4º quarteirão do município de São Borja. Para o cargo de inspetor do quarteirão foi nomeado Joaquim Fagundes dos Reis, natural de Curitiba.

Em 1834, quando foi criado o município de Cruz Alta, Passo Fundo tornou-se o 4º distrito da nova comuna, ocasião em que foram eleitos os primeiros juízes de paz: efetivo Joaquim Fagundes dos Reis, suplentes Bernardo Castanho da Rocha, Rodrigo Felix Martins e João dos Santos. Nesse ano foi requerida à autoridade eclesiástica de Porto Alegre licença para construção da capela, por cerca dez moradores<sup>95</sup>. A licença foi concedida após a doação pelo Cabo Neves e sua esposa Reginalda da Silva de uma gleba de terra para Nossa Senhora da Conceição. Em consequência dessa doação, os moradores passaram a foreiros da Mitra Diocesana<sup>96</sup>. A capela foi concluída no ano seguinte (1835) e consagrada a 23 de agosto. O povoado veio a ser denominado de Nossa Senhora da Conceição do Passo Fundo.

Durante o período farroupilha o povoado, que em alguns documentos aparece com o nome de Passo Fundo das Missões, estagnou e mesmo regrediu. Não só o número de novos moradores reduziu-se, como alguns que ali estavam há anos retiraram-se. O distrito, da mesma maneira, teve sua população reduzida, alguns fazendeiros, foi o caso do capitão Rodrigo Felix Martins, fugiram para o Paraná levando haveres, família, agregados e escravos<sup>97</sup>. Sobre este período Antonino Xavier refere:

"A situação do distrito de Passo Fundo no único ponto de passagem da Serra Geral entre Missões e Vacaria, deu lugar a que, no curso da luta, por várias vezes, o atravessavam as tropas beligerantes, reunindo todos homens válidos que encontravam e levando o gado e a cavalaria necessários às suas operações. Entre essas tropas citaremos: a de José Mariano de Mattos, vice-presidente da República Rio-Grandense, procedente de Lages e com destino a Porto Alegre, em 1838; a do general legalista Labatut que, ameaçada no rio das Antas pelo bravo Canabarro, veio acossada por este, daqui seguindo pelo Botucaraí [Soledade, 3º distrito de Cruz Alta], em 1840; a do legendário Bento Gonçalves, presidente da República, procedente de Lages donde chegou logo após a de Canabarro, com quem fez junção aqui, seguindo ambas para Cruz Alta, também em 1840; e, finalmente, a do intrépido Portinho, vinda dessa última localidade com destino a Rio Pardo, em 1843"<sup>98</sup>.

Em artigo publicado na Revista do IHGRS (nº 93, 1944) Antonino Xavier acrescenta que da tropa de Canabarro "fazia parte José Garibaldi, trazendo em sua companhia a Anita e o filho de ambos, Menotti"<sup>99</sup>. Essas passagens de efetivos beligerantes, imperiais e insurgentes, teve reflexos negativos na vida dos moradores que tiveram coragem para ficar ou não tiveram possibilidade de

---

<sup>94</sup> - Unidades familiares.

<sup>95</sup> - Eram considerados moradores apenas os proprietários.

<sup>96</sup> - A situação dos chamados terrenos "foreiros" ou de "alvará" foi parcialmente resolvida em 1954, mediante a renúncia da Mitra Diocesana a favor da Prefeitura Municipal, que pagou cr\$ 1.200.000,00 (um milhão e duzentos mil cruzeiros) a serem empregados na construção da Catedral Diocesana. Cf. Lei Municipal nº. 519, de 8 de novembro de 1954 .

<sup>97</sup> - LIYZIRA, Annaes, v. 2, p. 198.

<sup>98</sup> - Id. Ibid. v.2, p.76.

<sup>99</sup>- Id. Ibid. v.2, p.351.

retirar-se:

"Era tal a miséria reinante que a população, reduzida a quase nudez, alimentava-se exclusivamente de carne, aliás dificilmente obtida, pela falta de gado. Gêneros de primeira necessidade, como sal, farinha e outros, não havia a preço algum, nem podiam vir de fora por estarem cortadas as comunicações. À exceção de pequenos grupos, que se reuniram ou foram reunidos por chefes de fora, não consta que estivesse em armas uma força numerosa puramente local, e bem assim que houvesse no distrito um chefe de certa importância, pertencente a um ou outro dos partidos beligerantes"<sup>100</sup>.

As lideranças locais, durante o período foram: pró-imperial ou legalista, o capitão Manoel José das Neves, que assumiu o mando do contingente da Guarda Nacional, encarregado de custodiar o povoado; pró-farroupilha ou revolucionário, Joaquim Fagundes dos Reis. Este, embora simpatizante da causa farrapa, não se envolveu diretamente na luta, mas, denunciado pelo capitão Neves, foi preso e enviado sob escolta para Porto Alegre e dali remetido para o Rio de Janeiro, onde permaneceu de 1837 a 1842, encarcerado na Fortaleza de Villegaignon.

Em outubro de 1843, quando Francisco Xavier de Castro, avô materno de Antonino, estabeleceu-se em Passo Fundo, o povoado estava habitado por apenas oito moradores, respectivas famílias e agregados. Dois desses moradores, Manoel José d'Araújo e Johann Adam Schell, possuíam casas de comércio. Schell e sua esposa, Anna Christina Hein, ambos alemães e luteranos, foram os primeiros imigrantes estrangeiros a fixarem-se na localidade.

Johann Adam ou Adão Schell, como ficou conhecido, foi fundador (1872) e primeiro venerável da Loja Maçônica Concórdia III, em Passo Fundo<sup>101</sup>.

A partir de 1845 muitos dos moradores, que haviam abandonado o povoado e o distrito durante o conflito, voltaram a seus domicílios. Novos moradores, alguns de origem estrangeira, começaram a chegar. Em 26 de novembro de 1847 a povoação foi elevada à categoria de freguesia, contava então o distrito com 1.159 moradores. Em 22 de março de 1848, foi criada na freguesia a primeira escola do distrito, era uma classe para alunos do sexo masculino. O crescimento demográfico e econômico verificado na sequência da pacificação da Província foi rápido a ponto de Passo Fundo rivalizar com a sede municipal, Cruz Alta<sup>102</sup>. Em 1857, ocorreu a emancipação do distrito e a freguesia foi elevada à categoria de vila e sede municipal, o que contribuiu para ampliar o seu crescimento e garantir a sua primazia no Planalto Médio.

A historiografia passofundense desse período inicial, isto é, desde a passagem dos primeiros birivas até a constituição do município, contém escassas informações sobre indígenas e negros. A preocupação é apenas com o "povoamento pela raça branca". Há algumas referências a índios trabalhando como ervateiros ou tropeiros, ou contratados para abrirem picadas, e algumas índias vivendo no povoado. Alguns caciques, quer inimigos, quer colaboradores ou aliados, mereceram referências pouco mais detalhadas. Encontram-se raras menções a índios cativos.

Via de regra, as referências aos indígenas, nessa historiografia, revelam fortes preconceitos raciais e religiosos. Maior ódio é demonstrado em relação aos não-guaranis, em particular aos chamados coroados, estigmatizados e acusados de "malta de celerados", ocupada todo tempo a guerrear entre si ou a atacar, covarde e traiçoeiramente, pacíficos e laboriosos civilizados, causando graves danos às pessoas e aos seus haveres. Esses indígenas são qualificados de "horda de celerados", "índios bravios", "botucudos", "bugres"<sup>103</sup>, que "infestavam as matas da região tornando-se obstáculo formidável ao avanço da civilização". Ou "uma malta de índios que permaneciam rebeldes à catequese"<sup>104</sup>. Dante de Laytano, influenciado pelas descrições de Antonino Xavier, refere as "tropelias da indiada feroz"<sup>105</sup>. Delma Gehm, anota a "sanha diabólica de índios que infestavam

---

<sup>100</sup> - Id. Ibid. v.2, p.76.

<sup>101</sup> - Marian Annes, Johann Adam Schell, p. 7-9.

<sup>102</sup> - Hemetério SILVEIRA, op. Cit. P. 216

<sup>103</sup> - Bugre, designação genérica aplicada aos indígenas não-guaranis, em geral possui conotação pejorativa.

<sup>104</sup> - OLIVEIRA, Annaes, pass.

<sup>105</sup> - Dante de LAYTANO, loc. cit.

aquela região”<sup>106</sup>.

Outra referência na historiografia passofundense sobre os indígenas são as notícias de expedições punitivas e de extermínio dos ainda remanescentes quando da chegada dos primeiros povoadores de “raça branca”:

"As autoridades e mesmo os particulares organizavam escoltas numerosas e iam batê-los nas brenhas, exterminando, às vezes, tribos inteiras. Afinal esses índios, já muito reduzidos em número, submeteram-se ao governo Provincial, sendo aldeados em Nonoai e na ex-colônia Caseiros, do Mato Português”<sup>107</sup>.

Na época da criação do município os indígenas recenseados correspondiam a 1% da população total. Deve-se notar que somente os indígenas considerados “civilizados” eram recenseados, mesmo assim apenas os que se encontravam nos locais habitados por brancos ou nas proximidades. Os que habitavam “os sertões, embora em contato com a civilização”, também não eram recenseados. Contudo, não deve ser esquecido que essa baixa taxa populacional é basicamente resultado do genocídio praticado contra o indígena, objetivando a posse da terra e suas riquezas, como a erva-mate.

Quanto aos negros, escravos, livres ou libertos, as referências, também são poucas e em geral indiretas. Informam, por exemplo, a chegada de um novo morador, acompanhado da família, de escravos e animais. Ou registram que um morador ou alguém de sua família foi vítima de um escravo, muitas vezes fujão ou que praticou o ato no intuito de fugir. Pelas informações esparsas contidas em inventários e outros documentos, é possível concluir que os plantéis eram em geral de menos de uma dezena de escravos, isto é, relativamente pouco numerosos se comparados a outras áreas do Brasil e mesmo do Rio Grande do Sul. Porém os escravos negros representavam um quinto da população total na época da criação do município, um pouco menos da média geral da Província naquele momento<sup>108</sup>. Antonino Xavier assenta que esses escravos chegaram com os “povoadores luso-brasileiros que a partir de 1827, da Província de São Paulo e sul dessa” vieram estabelecer-se na região trazendo consigo a “escravatura” que possuíam<sup>109</sup>.

As informações sobre escravos, índios cativos e agregados contidas na historiografia passofundense, afora serem raras, são imprecisas. Excetuadas as alusões a censos e documentos (inventários, partilhas, etc.), é difícil ou impossível distinguir quando se trata de escravo legal, elemento servil ou escravizado. Raras e imprecisas são, também, as informações sobre negros livres ou libertos, sobre mulatos e outros mestiços. Outra lacuna diz respeito à participação do elemento crioulo, o “filho da terra”, ou gaúcho propriamente dito. Faz exceção uma breve página de Delma Gehm a propósito da rivalidade entre birivas e crioulos<sup>110</sup>. Na verdade os paulistas, a maioria curitibanos, além das terras e dos cargos públicos, monopolizaram as páginas da História desses tempos iniciais. Digno de nota é o fato desse “monopólio” ser repartido com o elemento imigrante europeu, não obstante sua chegada relativamente tardia e seu número diminuto, no período.

### 2.1.3. O município

A emancipação do distrito de Passo Fundo, justificada pelas condições objetivas de crescimento populacional e econômico, apesar da oposição de Cruz Alta, foi aprovada na Assembleia Provincial por acordo dos líderes das duas bancadas com assento naquele legislativo, sendo de imediato sancionada pelo Presidente da Província, Jerônimo Coelho, conforme consta do Ato ne 340, de 28 de janeiro de 1857.

A população devia ser de 7.586 habitantes, distribuídos em cerca de 1.500 habitações familiares (fogões), num território de 80.000 quilômetros quadrados. Segundo descrição de Antonino Xavier o município de Passo Fundo, quando de sua criação, possuía os seguintes limites:

"Ao norte pelo rio Uruguai, dividindo com as

---

<sup>106</sup> - Delma GEHM, op. cit. v. 1, p. 19.

<sup>107</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 1, p. 63-4. Caseiros, distrito de Lagoa Vermelha, emancipado em 1988.

<sup>108</sup> - Fernando H. CARDOSO, Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional, p. 81.

<sup>109</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 302.

<sup>110</sup> - Delma GEHM, op. cit. v. 2, p. 1.

províncias de Santa Catarina e Paraná; a leste e, ao sul, pela Serra Geral, sem determinação de pontos com os municípios de Santo Antônio da Patrulha, Taquari, Rio Pardo, Cachoeira e Santa Maria; e ao oeste, pelos rios da várzea e Jacuí e trechos mais ou menos incertos, com o município de Cruz Alta”<sup>111</sup>.

Dos vinte e quatro municípios que então passaram a existir no Rio Grande do Sul, era o de maior extensão territorial. Esta extensão é hoje ocupada, além de Passo Fundo, por aproximadamente cem municípios, dentre os quais Soledade, Guaporé, Nonoai, Iraí, Marcelino Ramos, Erechim, Tapejara, Getúlio Vargas, Carazinho, Sarandi, Sobradinho, Muçum, Não-me-Toque, Marau.

Em 7 de agosto de 1857, foi instalado o Município e empossada a primeira Câmara de Vereadores. Assumiu a presidência o vereador mais votado, o comerciante Manoel José d'Araújo, natural de Sorocaba.

A economia do município, apesar do importante comércio de tropas e da pecuária, tinha sua base no fabrico da erva-mate. A produção ervateira era tão importante a ponto de as posturas municipais de 1860 dedicarem um dos seus seis capítulos à “Conservação dos ervais e fabrico da erva-mate”. Os demais capítulos tratavam de questões da administração municipal<sup>112</sup>.

O Município de Passo Fundo no ano seguinte à emancipação apresentava estes dados demográficos: “Mediante recenseamento, verificou-se que o município contava 1.638 fogões com 8.208 habitantes assim classificados”:<sup>113</sup>

Distritos	Livres	Libertos	Escravos	Total
1. Passo Fundo	1.534	11	281	1.826
2. Campo do Meio	505	13	147	665
3. Nonoai	372	7	72	451
4. Jacuizinho	980	15	315	1.310
5. Restinga	938	39	217	1.194
6. Soledade	980	16	315	1.311
7. Lagoão	1.080	26	345	1.451
Total	6.389	127	1.692	8.208
Sendo: Homens	3.203	72	940	4.215
Mulheres	3.186	55	752	3.993

À medida que a população aumentou, variou, também, sua composição étnica. Variação essa no sentido do “branqueamento” ou europeização-arianização, obedecendo claramente a opção racial adotada pelo Império<sup>114</sup>. Com base no quadro supra é possível afirmar que no ano de 1858 os escravos representavam cerca de 20% da população total passofundense. Cinquenta anos depois [1908], segundo estimativas de Antonino Xavier, a raça negra constituía menos de 5% dessa mesma população. Na primeira década do séc. XX, a população do município era calculada em 35.000 habitantes, devendo apresentar, de acordo com os critérios oficiais, a seguinte composição étnica: brancos, 80%; negros, 4%; índios, 1%; mestiços, 15%, e pela procedência: nacionais, 85%; estrangeiros, 15%, sendo predominantes os de nacionalidade alemã e italiana<sup>115</sup>.

Estes valores relativos mantiveram-se aproximadamente idênticos, com alterações numericamente pouco significativas nos contingentes da raça branca, pela chegada de outras nacionalidades, tanto é que em 1937 Antonino Xavier escreveu:

"A população atual do município assenta nas três

<sup>111</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 81; Vide anexos IV e V.

<sup>112</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p.321.

<sup>113</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 83.

<sup>114</sup> - Cf, J. CHIAVENATO, *op. cit.*, p. 167 seq.; ver tb. Loraine GIRON, “A Imigração Italiana no RS”, p. 55. In: José H. DA-CANAL, RS: Imigração & Colonização, p. 47-66.

<sup>115</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 1, p. 78.

raças Caucásica, Etíope e Americana, sendo que a primeira milita em proporção que reduz as outras a coeficientes que, hoje, talvez não represente, no seu estado puro, mais que 5%. “...” A última a que pertencem os índios, tem diminuído consideravelmente, achando-se, hoje, muito reduzida”<sup>116</sup>.

Em 1864 foram recrutados no município 409 soldados para lutar no Uruguai, compondo o 9º corpo provisório da Guarda Nacional que participou da batalha de Paissandu. No ano seguinte, com o início da guerra contra o Paraguai, mais 1.700 praças foram recrutados e seguiram para Uruguaiana formando o 5º corpo, o 8º esquadrão e o 42º esquadrão. Com a incorporação do já aludido 9º corpo o efetivo passofundense nessa guerra foi de 2.109 praças, mais os oficiais em número de quarenta e cinco<sup>117</sup>.

Hemetério Velloso, que na condição de magistrado residiu em Cruz Alta desde 1855 e na década de sessenta esteve duas vezes na Vila, além de encantar-se com o clima e paisagens, observou que o comércio, a pecuária, a agricultura e o extrativismo estavam em franco progresso. Sobre escolarização, anotou: “Consta de quatro aulas de instrução primária “...” não há aqui o ensino religioso, talvez porque o povo é menos dado a devoções”<sup>118</sup>.

No decurso da década seguinte, a economia do município, baseada no “comércio de exportação”: mulas para Sorocaba, erva-mate para os mercados do Prata e pedra ágata para a Alemanha, apresentou graves indícios de crise. Entre as causas locais são apontadas a evasão de quase todos os homens válidos e jovens, em função do recrutamento para a guerra contra o Paraguai, e a desvalorização da erva serrana, provocada pela falsificação do produto na busca de maiores lucros, aliada à devastação dos ervais pela exploração desenfreada e a falta de controle pelo poder público municipal. A erva-mate que trouxe “abundância de numerário ao município, enriquecendo os criadores, e dando opulência àqueles que se dedicavam à compra e venda de mulas”, tornou-se “o recurso da pobreza”. Essa situação, cuja culpa era dos “industrialistas ervateiros”, sobre os quais recaíam “suspeitas indecorosas”<sup>119</sup>, tinha reflexos negativos sobre a pecuária de gado vacum, que se desenvolvera estimulada pela favorável cotação do boi nas charqueadas de Pelotas e Cachoeira, mas que sem uma erva a bom preço não suportava a concorrência de outras partes da Província.

A agricultura, por sua vez, era ainda incipiente. Com ela a economia municipal não podia contar. O imigrante europeu, que estava chegando ao Planalto Médio nesse momento, buscava os núcleos populacionais, em geral para estabelecer-se no comércio (o colono agricultor virá mais tarde). Os luso-brasileiros mantinham apenas pequenas roças para auto abastecimento ou comercialização local.

As vastas jazidas de pedra ágata, exploradas de forma irracional e as pedras vendidas, em bruto, aos importadores alemães a preços ínfimos, em nada contribuíam a favor da economia municipal enfraquecida.

A reação à crise econômica esboçou-se na forma de exploração de novas áreas: o “sertão” do Uruguai (vale daquele rio) e de novos produtos: madeira de construção, cachaça, açúcar, melado, farinha de mandioca, fumo e grãos, principalmente milho e trigo. Também a diversificação da pecuária começou a firmar-se mediante ação e engorda de suínos para banha, com base na produção de milho e no aproveitamento de frutos silvestres abundantes, como o pinhão e o butiá.

Outro fator de recuperação socioeconômica era ter a Vila consolidado sua posição de centro comercial atacadista fornecedor do comércio varejista e de particulares da área de Lagoa Vermelha e de Campos Novos (oeste catarinense). Favorecida pela “passagem” obrigatória, a praça formava com Santa Maria da Boca do Monte os dois pontos extremos do trajeto das carretas de bois que ligavam a região serrana à ferrovia.

Essa retomada do crescimento econômico foi acompanhada pelo surgimento na sede municipal de atividades culturais promissoras, o Clube Literário “Amor à Instrução”, com cento e vinte sócios e biblioteca com trezentos volumes<sup>120</sup>; duas bandas de música (uma do Partido Liberal, outra

---

<sup>116</sup> -Id. *ibid.*v. 2, p. 304.

<sup>117</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 92-116.

<sup>118</sup> - Hemetério SILVEIRA, *op. cit.* p. 302-5.

<sup>119</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 125} “relatório apresentado pela Câmara Municipal à Assembléia Legislativa”, 15 fev. 1874.

<sup>120</sup> - Nicolau VERGUEIRO, O Club Literário Amor à Instrução. Vide, Anexo VI, inventário bibliográfico do Clube.



do Partido Conservador); e um interesse pela escolarização na Vila e nos distritos. O ponto de encontro de republicanos, apelidado “clube do toco de vela”, era local de reunião de jovens letrados. Alguns deles, com o apoio de líderes republicanos, fundaram, em 1890, um semanário, O Echo da Verdade, o primeiro jornal passofundense.

Logo, porém, tanto o progresso econômico, quanto cultural, foram paralisados por mais uma convulsão social, a Revolução Federalista, talvez a de consequências mais desastrosas para a sociedade passofundense. O Município só voltou a recuperar-se social e economicamente no final do século XIX, após o restabelecimento da paz e a inauguração do ramal férreo (8 de fevereiro de 1898), ligando Passo Fundo a Porto Alegre, via Santa Maria, num percurso de 747 quilômetros ou 26 horas de viagem (atualmente com as correções da via são 660 quilômetros e 22 horas de viagem).

Com relação à política partidária, desde a emancipação até 1878, o Partido Liberal representou praticamente a unanimidade do eleitorado. A partir de então, as dissidências no interior dos quadros liberais e as novas lideranças que despontaram permitiram a ascensão do Partido conservador. Em 1889, conservadores e liberais dissidentes fundaram o Partido Republicano no município. Quanto à religião: “Salvo diminuto número de protestantes, a população era católica; mas, pelo tamanho do templo que servia de Matriz e a frequência que nele se observava em festas, pouco comparecia ao culto religioso”<sup>121</sup>.

#### 2.1.4. A cidade

A vila de Passo Fundo foi elevada à categoria de cidade em 10 de abril de 1891, conforme Ato nº 258 do presidente do Estado, Fernando Abbott. Em 16 de setembro de 1892, tomou posse o primeiro intendente municipal nomeado, Frederico Guilherme Kurtz, comerciante, natural de Rheinbollen, Prússia.

Passo Fundo, localizada na parte anteriormente designada “região de cima da serra” ou Região Serrana, depois Zona do Planalto e atualmente Planalto Médio, dista 290 quilômetros da capital Porto Alegre, mais exatamente, 298 quilômetros, de percurso rodoviário, e 291 quilômetros, ferroviário.

O rio que empresta o nome à cidade, atravessa-a na direção sul-norte, tem sua nascente poucos quilômetros além do atual limite urbano sudeste, e vai desaguar no Rio Uruguai, após percorrer 200 quilômetros.

As coordenadas geográficas da cidade são 28° 15' 38” de latitude sul e 52° 24' 33” de longitude oeste, situando-se, assim próxima do meridiano divisório do 3º e 4º fusos horários a oeste de Greenwich.

No início do século XX, quando Antonino Xavier escreveu e publicou seus primeiros trabalhos, Passo Fundo era uma pequena cidade, com uma população urbana de uns 4.000 habitantes, e aproximadamente 500 prédios residenciais, mais uma população suburbana de umas 500 pessoas, e cerca de 70 moradias, num raio de três quilômetros em torno do núcleo urbano. A população citadina estava constituída na quase totalidade pelo “elemento nacional” de origem luso-brasileira. Os estrangeiros (ou os da primeira geração no Brasil) eram em pequeno número, quase todos alemães ou italianos<sup>122</sup> e dedicavam-se, em geral, ao comércio. Esses “gringos” comerciantes, desde a chegada, ligaram-se aos “pêlo duro” descendentes dos birivas, em associações de negócios e em casamentos, repartindo a liderança sociocultural e econômica do burgo.

#### 2.2 O menino Francisco

Antonino Xavier viveu em meio às crises e transições que afetaram a vida da região, em especial da cidade de Passo Fundo, a cujo desenvolvimento sociocultural esteve intimamente ligado.

“A validade dos estudos de historiografia supõe um julgamento da obra de história, não como simples trabalho de inspiração individual, mais ou menos bem sucedida, segundo a formação cultural do autor, mas compreendida como o resultado

---

<sup>121</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 412.

<sup>122</sup> - Id. ibid. 1, p. 101.

material e intelectual de uma determinada sociedade com problemas econômico-sociais, políticos e ideológicos bem definidos. O estudo das condições ambientais em que viveu o historiador é tão importante quanto as citações bibliográficas contidas em sua obra. E estas bem podem ser o resultado daquelas”<sup>123</sup>.

### 2.2.1 Descendente de birivas curitibanos

Antonino descendia de alguns dos primeiros paulistas estabelecidos na região. O bisavô Manoel Francisco Xavier foi um dos primeiros tropeiros-ervateiros a explorar a área. Outro bisavô é o capitalista Francisco José Dias de Almeida que em 1845 adquiriu terras em Passo Fundo onde se fixou. Parentes de Antonino participaram ativamente na política local. O avô materno Francisco Xavier de Castro, o avô paterno Ildefonso José de Oliveira, o tio-avô Manuel da Cruz Xavier, o tio e sogro Francisco Marques Xavier Chicuta, dentre outros parentes e afamiliados exerceram a vereança municipal, em diferentes momentos de 1857 a 1891. O tio-avô Diogo José de Oliveira foi o primeiro delegado de polícia após a emancipação, e juiz de paz. O tio Augusto Cesar de Oliveira Penteado explorou, em missão oficial, o vale do rio Uruguai. O tio Diogo de Oliveira Penteado foi um dos quatro fundadores do Clube Literário Amor à Instrução, em 1883.

Até 1878 a maioria dos parentes de Antonino se alinhava nas fileiras do Partido Liberal, majoritário no município. Em 1889, integraram o grupo fundador do Partido Republicano, no município. O Cel. Chicuta era, às vésperas da Revolução de 93, o segundo na hierarquia de mando entre os castilhistas passofundenses.

### 2.2.2 As fazendas “Três Capões” e “Boa Vista do Forquilha”

O avô materno de Antonino foi um dos primeiros moradores do povoado que deu origem à atual cidade de Passo Fundo. Quando chegou em 1843, Francisco Xavier de Castro estabeleceu-se ali com a esposa e os filhos, até que os negócios com erva-mate e tropas de mulas permitiram, em 1852, comprar o chamado “campo do Loureiro”, no 1º distrito, entre os rios Jacuí e Capingüí, onde montou a fazenda que denominou “Três Capões”. Antonino nasceu nessa fazenda no dia 5 de setembro de 1876, filho de Antonio de Oliveira Penteado, da comarca de Curitiba, e Idalina Xavier, natural de Passo Fundo (fazenda “Três Capões”).

Foi batizado dia 25 de dezembro do mesmo ano, em Lagoa Vermelha, com o nome de Francisco. Até os quatro anos de idade viveu na propriedade do pai, um campo lindeiro da fazenda do avô. Nessa época tendo o pai ficado “abalado das faculdades mentais”, o menino Francisco foi levado com sua mãe e dois irmãos mais novos, para a fazenda da “Boa Vista”, à margem do rio Forquilha em Lagoa Vermelha, propriedade de seus tios e padrinhos Jeca de Oliveira e Filomena Xavier<sup>124</sup>.

### 2.2.3 As escolas de primeiras letras, as lojas de comércio, e as tropas

Aos oito anos de idade, Francisco foi morar, com a mãe e os irmãos, na vila de Lagoa Vermelha, onde frequentou aulas de instrução primária e trabalhou na casa de comércio de seu tio Fortunato Xavier de Castro. A primeira função foi vigiar a mercadoria exposta, dar água às bestas dos fregueses, e atender as freguesas a domicílio. Era mandalete para levar amostras, trazer pedidos, fazer entregas. “O elemento feminino da vila não ia fazer compras nas casas comerciais”<sup>125</sup>.

Depois, o menino alternou os ofícios de caixeiro (balconista) e de piá madrinheiro. A frequência às aulas deve ter sido bastante irregular em decorrência das requisições dos tios para tropeadas. Era um guri franzino, com fama de não ser dado às peraltices próprias da idade e de fiança na condução das guexas velhas usadas para madrinhas.

De início, Francisco realizou viagens curtas; com dez anos ajudou a conduzir uma tropa de bois do seu tio Fortunato Xavier, até Passo Fundo. Em 1887, como já soubesse soletrar e contar, foi retirado da escola para em dezembro seguir com uma tropa de mulas de seu tio Cesário Xavier de

---

<sup>123</sup> - M. JANOTTI, op. cit. p. 10.

<sup>124</sup> - OLIVEIRA, “Auto-biografia”.

<sup>125</sup> - Id. Annaes, v.2, p. 410.

Castro rumo a Sorocaba.

Durante cinco meses, mais ou menos, a tropa ficou “posta em descanso” em Ponta Grossa, enquanto isto, Francisco foi caixeiro numa casa comercial. No final de maio ou início de junho de 1888, estava em Sorocaba onde a tropa foi vendida na feira. Esta viagem foi muito importante, senão decisiva, para o desenvolvimento intelectual do piá balconista e tropeiro. Durante os pousos, entre uma jornada e outra, costumava alisar as cinzas e com um graveto garatujar letras, formar palavras, até frases construía. Na feira de Sorocaba gastou parte do que ganhara como caixeiro, na compra do Novo Almanaque de Lembranças do ano de 1888, editado em Portugal<sup>126</sup>. Em julho voltou a Lagoa Vermelha, impressionado com o que vira e ouvira na viagem.

Em outubro de 1888, com doze anos completos, Francisco estava de retorno a sua terra natal, indo morar na casa da sua prima e madrinha Anna Joaquina Xavier e Oliveira, casada com o então major Lucas José d'Araújo. Francisco, que talvez já tivesse resolvido acrescentar Antonino ao nome, voltou ao ofício de caixeiro, agora na casa comercial do major Lucas, e a frequentar as aulas (por pouco mais de um ano, no Colégio Luso-Brasileiro, do professor Eduardo de Brito)<sup>127</sup>.

## 2.2.4 A iniciação na política

Ainda adolescente, Antonino começou a inteirar-se da vida política municipal e da política em geral. A casa comercial do major Lucas, onde Antonino era caixeiro, “era o ponto em que diariamente se formavam palestras, nas quais apareciam destacados elementos políticos da terra”, conservadores, liberais e do grupo republicano em formação, além de propagandistas da recém vitoriosa campanha abolicionista e divulgadores dos ideais republicanos. Nessas palestras e encontros informais o menino balconista conheceu as ideias e propostas dos “sócios do clube do toco de vela”.

Cinquenta anos mais tarde escreveu:

"Foi através dessas palestras, que recorda com indelével saudade, que o autor do trabalho presente, sem que o percebesse então, reuniu grande parte das noções que hão concorrido para os seus labores históricos e também a este auxiliam preciosamente"<sup>128</sup>.

Também lia jornais vindos da capital do estado, como “A Federação”, de que o major Lucas era assinante. Já ouvir palestras e conferências, como a que proferiu, em 1889, “sobre a ideologia, o dr. Joaquim Pereira da Costa, depois deputado à constituinte federal e que aí, em propaganda, excursionava na região”<sup>129</sup>. Em todas essas oportunidades, aumentou seus conhecimentos e recolheu informações, ao mesmo tempo que adquiriu intimidade com praticamente todas as pessoas atuantes na vida política da comunidade. Desta forma os laços familiares que o ligavam ao grupo dirigente foram reforçados e ampliados por laços de amizade e de comunhão intelectual.

Quando surgiu O Echo da Verdade, o menino que lia até “bula de remédio”, tornou-se um dos seus leitores mais entusiastas, “um regalo para a minha meninice ávida de ler”<sup>130</sup>. Outra leitura, dessa época, e que confessa, lhe causou forte impressão, foi a do livro de Samuel Smiles O Poder de Vontade<sup>131</sup>. Isto significa que desde cedo mesclou a leitura de panfletos políticos e folhas literárias, a de textos mais densos de livros que em geral tomava de empréstimo. Com essas leituras superou a “instrução primeira muito deficiente” e iniciou-se no autodidatismo, uma de suas características mais marcantes.

Antonino, apesar da pouca idade, acompanhou de uma posição privilegiada a formação do PRR em Passo Fundo e as movimentações preliminares que levaram ao enfrentamento entre maragatos e pica-paus. Além das reuniões informais e “pluripartidárias” na loja do Major, havia reuniões partidárias na chácara e residência do mesmo. Nas ausências do Cel. Gervásio Lucas Annes, presidente municipal do partido, exercendo mandato na Assembleia Provincial desde 1872, assumia o cargo o Maj. Lucas d'Araújo.

<sup>126</sup> - Delma GEHM, op. cit. v. 3, p. 193-5.

<sup>127</sup> - OLIVEIRA, “Auto-biografia”.

<sup>128</sup> - Id. Annaes, v. 2, p. 395.

<sup>129</sup> - Id. Ibid. v. 2, p. 396.

<sup>130</sup> - Id. Ibid. v. 3, p. 177.

<sup>131</sup> - Id. Ibid. v. 3, p. 178.

## 2.2.5 Os “dias fratricidas” da década de 1890

No lustro marcado pela Revolução Federalista, Antonino presenciou e participou de muitos dos eventos que um dia irá narrar, por exemplo, a reunião na estância do Cel. Miranda, em 1890:

"Quando o manto crepuscular da última guerra fratricida [revolução de 93], sob a forma preliminar de simples reuniões de churrasco, mate e cantorias à viola começava a estender-se pelas coxilhas legendárias do Rio Grande do Sul"<sup>132</sup>.

O Cel. Francisco de Barros Miranda, “vulto imponente do liberalismo antigo de Passo Fundo”, como o descreve Antonino, era a época, com oitenta anos, o mais graduado e o de maior antiguidade dentre os oficiais passofundenses da Guarda Nacional que participaram da guerra contra o Paraguai. Nessa condição e na de ex-chefe do Partido Liberal (desde 1882 estava na liderança o advogado Antonio Ferreira Prestes Guimarães), foi figura de destaque na dissidência liberal e adesão daqueles oficiais ao Partido Republicano Riograndense<sup>133</sup>.

Em novembro de 1891, quando os republicanos chefiados pelo coronel Chicuta e os liberais pelo major Prestes Guimarães<sup>134</sup> reuniram-se em armas, acampando em diferentes pontos, na cidade e seus arredores e nos distritos de Passo Fundo, Antonino, na época um rapazote de quinze anos de idade, participou dos acampamentos republicanos<sup>135</sup>. Tendo agrupado mais homens e se apoderado das melhores posições, Prestes Guimarães ocupou a cidade e se assenhoreou do poder local. Daí por diante o enfrentamento só iria cessar em agosto de 95. Fundado o Partido Federalista, em 31 de março de 1892, no Congresso de Bagé, a ele aderiram os liberais de Passo Fundo e região, liderados por Prestes Guimarães. Em meados de 92, quando a morte do coronel Chicuta provocou em Passo Fundo o acirramento do confronto, desencadeando mútuas represálias, entre federalistas e republicanos, o major Lucas e o irmão de Chicuta, Fortunato Xavier de Castro, com suas famílias refugiaram-se em Santa Catarina. Antonino que estava em Lagoa Vermelha, desde o mês de maio, acompanhou-os. Durante o ano de 93 irá percorrer, com o major Lucas, o oeste catarinense e a região de Palmas no Paraná, tropeando, ora bois, ora cavalos<sup>136</sup>. Na lide de gado e animais, Antonino permaneceu alguns meses em Campos Novos, como invernadeiro, de onde rumou para Palmas e depois para Porto União. As bestas que lidava pertenciam ao major Lucas d'Araújo, deste fato pode-se deduzir que as mesmas se destinavam ao abastecimento das forças republicanas. Além de tropeiro, Antonino foi elemento de ligação, “vindo ao Município várias vezes, no citado ano de 1892 e no seguinte”<sup>137</sup>.

Em 1893, dias após o combate de 4 de junho e retomada de Passo Fundo pelos legalistas, Antonino contatou o capitão Eleutério, comandante do contingente da Brigada Militar sediado na cidade. “Talvez por sugestão da parte salientíssima que, assim, tivera ele na pugna mencionada [combate do Boqueirão], impressionou-me a sua figura naquele nosso encontro”<sup>138</sup>. Nesse combate, ocorrido no extremo ocidental da cidade, o ex-professor de Antonino, Eduardo de Brito, comandou no posto de major, a infantaria da Guarda Republicana, conhecida por “Treme Terra”, composta de elementos citadinos (entre oitenta e cem voluntários) aquartelados na sede do Clube Literário “Amor à Instrução”<sup>139</sup>.

No início de 1894, quando Gomercindo Saraiva estabeleceu o cerco da Lapa e enviou uma

<sup>132</sup> - Id. Ibid. v. 3, p. 101.

<sup>133</sup> - "Os oficiais que lutaram no Paraguai, [...]voltaram com ideias republicanas, absorvidas dos inflamados argentinos e nas conversas com os altivos prisioneiros paraguaios”.

J. CUIAVENATTO, op. cit. p. 210.

<sup>134</sup> - Antônio Ferreira Prestes GUIMARÃES, neto do cabo Neves, líder liberal, deputado provincial (três legislaturas, 1885, 1887, 1889), Vice-Presidente da Província, assumiu a presidência de 25 jun. a 8 jul. 1889, Major da Guarda Nacional, foi promovido a general das forças federalistas; ver seus apontamentos: A Revolução Federalista em Cima da Serra.

<sup>135</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 3, p. 107.

<sup>136</sup> -Id. “Auto-biografia”.

<sup>137</sup> - Id. Annaes, v. 2, p. 376.

<sup>138</sup> - Id. ibid. v. 3, p. 234.

<sup>139</sup> - Também participou a Guarda Municipal, comandada pelo espanhol Jose Tomaz Rosendo, avô da historiadora Delma Rosendo GEHM, op. cit. v. 3, p. 121-5 e v. 1, p. 41; ver tb. Nicolau VERGUEIRO, loc. cit.

força em direção a Porto União, Antonino abandonou precipitadamente a localidade:

"Depois de estar escondido em vários pontos do sertão entre Campos Novos e Curytibanos, com Lucas e mais dois companheiros, sem podermos sahir porque havia forças para todos os lados e Lucas corria perigo" ... "consequimos, com dificuldades e perigos, sahir dali e irmos a Porto Alegre"<sup>140</sup>.

## 2.2.6 Em Porto Alegre, no Club Caixeiral

Chegando em Porto Alegre, em maio de 1894, Antonino empregou-se de caixeiro numa loja da Rua da Praia e frequentou durante certo tempo um curso comercial cujas aulas começavam às 22 horas (só a partir dessa hora os empregados do comércio estavam livres do trabalho). No curso recebeu noções de Escrituração Mercantil, que no futuro lhe seriam muito úteis. O curso funcionava no Club Caixeiral, sociedade cultural e recreativa dos caixeiros. Além do curso "básico comercial", havia aulas de alfabetização frequentadas, principalmente, pelos mancebos vindos das aldeias do norte de Portugal e Galícia, que trabalhavam "por detraz dos balcões" (em regime que pode ser classificado de semiescavidão) em casas comerciais de seus patrícios. Aos domingos havia a "matinée" dançante, animada pela banda musical do Club, e peças de teatro encenadas pelo grupo dramático dos comerciários. A sociedade possuía tipografia própria e aos domingos editava o órgão de defesa da classe, "O Athleta"<sup>141</sup>, jornal onde Antonino publicou o seu primeiro conto e várias colaborações. Também publicou um soneto no "Correio do Povo". Mas seu maior interesse era outro: "A felicidade de ler alguns livros, facultados pela biblioteca dessa sociedade a quem devo indelével gratidão"<sup>142</sup>.

## 2.3 O cidadão Antonino Xavier

Restabelecida a paz no Rio Grande do Sul, em Passo Fundo o PRR garantiu a maioria do Conselho Municipal e a escolha do Intendente, cargo ocupado, ainda em 1895, pelo Tte. Cel. Lucas d'Araújo, e depois pelo Cel. Gervásio Lucas Annes. A hegemonia dos republicanos no município foi facilitada pelo exílio do líder federalista Gen. Prestes Guimarães. Em setembro de 1896, aos vinte anos de idade, Antonino retornou a Passo Fundo, para assumir seu primeiro cargo público: amanuense do Conselho Municipal. Ao mesmo tempo empregou-se como caixeiro na loja de sua prima Lúcia Pureza de Oliveira Xavier, viúva de Fortunato Xavier de Castro.

Em 28 de maio de 1898, Antonino casou-se com sua prima Anna Joaquina Quadros Xavier, filha do Cel. Chicuta (Francisco Marques Xavier), neta de Francisco Leandro de Quadros e Balbina Maria da Trindade. Esse matrimônio reforçou os laços familiares de Antonino com descendentes dos primeiros birivas estabelecidos no Planalto Médio.

### 2.3.1 De negociante a rábula

Ainda em 1898, Antonino Xavier associado ao concunhado Hollanda Cavalcanti, adquiriu a casa comercial de Lúcia Pureza de Oliveira Xavier "passando a trabalhar como negociante". Por falta de capital, a empresa não prosperou, sendo logo liquidada. Como agravante, um processo em que ele e o sócio eram imputados de haverem dado, em pagamento, uma nota falsa. Não dispondo de numerário para contratar os serviços de um advogado, Antonino resolveu preparar a defesa, em causa própria. Em julho de 1899 obteve, no Juízo Federal em Porto Alegre, a absolvição<sup>143</sup>. Assim ingressou na advocacia, profissão que exerceu nos intervalos do desempenho de funções públicas, até 1950, quando se aposentou, aos setenta e quatro anos de idade. Em 1933, em resultado da

---

<sup>140</sup> - OLIVEIRA, "Auto-biografia".

<sup>141</sup> - O "club" era um sindicato clandestino, os trabalhadores do comércio estavam proibidos de sindicalizar-se, sob pena de terem seus nomes incluídos numa lista, com a ordem "Não Admitir", essa lista circulava em Porto Alegre e nas outras praças da região. "Club Caixeiral: Cinquentenário", Correio do Povo, Porto Alegre, 1 out. 1932.

<sup>142</sup> - OLIVEIRA, "Auto-biografia".

<sup>143</sup> - Id. Ibid.

regulamentação da carreira e sendo o decano dos advogados de Passo Fundo, recebeu a carteira de advogado profissional n 74 da Ordem dos Advogados do Brasil secção do Rio Grande do Sul. Na condição de advogado atuou em Passo Fundo e na capital do estado, na área pública, como Procurador do Município, e na área privada, principalmente, em causas de Direito Comercial. A advocacia privada, exerceu-a, na banca do Cel. Gervásio Annes e em banca própria. Na banca do chefe republicano, onde trabalhou cerca de dois anos, teve como colega José Prestes Guimarães, filho do general Prestes Guimarães. Além de exercer a advocacia fazia escritas comerciais, substituindo em alguns momentos a banca pelo escritório contábil.

### 2.3.2 Os cargos públicos

À exceção dos cargos eletivos a que nunca se candidatou, é possível afirmar que Antonino Xavier ocupou quase todos os cargos públicos do primeiro escalão municipal, no executivo, legislativo e judiciário. Foi Prefeito municipal nomeado.

Em meados de 1899 Antonino Xavier deixou o cargo de amanuense no Conselho Municipal por haver sido designado Promotor Público da comarca, função que exerceu, interinamente, durante um ano, indo depois substituir o escrivão de órfãos por seis meses. De 1901 a 1905, foi secretário da Intendência Municipal. De novembro de 1905 até janeiro de 1909 foi Juiz distrital da sede (1 distrito). De 1909 a 1912 foi Vice-Intendente. De 1913 a 1916 esteve a seu encargo a organização jurídica do Município, quando elaborou os regulamentos da Intendência, o Código de Posturas e a Lei Orgânica. Em 1918 voltou a exercer o cargo de Juiz Distrital. Em 1923 novamente ocupou a secretaria da Intendência. Em 1924 mais uma vez exerceu o cargo de Juiz distrital. Em 1945, estando algum tempo afastado da função pública e dedicado à advocacia, foi nomeado Prefeito municipal<sup>144</sup>.

Além desses cargos, Antonino Xavier desempenhou a função de encarregado da representação do Município na Exposição Estadual de Porto Alegre, em 1900 e na Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908; foi escrevente da Junta de Recenseamento Federal, em 1900; encarregado do Recenseamento Federal no Município em 1910 e 1911; Delegado Seccional para a Serra e Missões (dez municípios) recenseamento de 1920-1921; ainda no ano de 1900, foi advogado do Município na questão de limites entre Passo Fundo e Lageado; foi durante vários anos Propagandista Agrícola do Município, realizando extensão rural nos distritos, em especial, nas áreas de colonização, entre os agricultores de origem europeia recém chegados das “colônias velhas”; em 1927 foi nomeado executor do Mapa Geográfico do Município de Passo Fundo, tarefa concluída em 1929, em Curitiba, com a supervisão do trabalho de litografia<sup>145</sup>; em 1930-1931, presidiu a Comissão de Sindicâncias do Município de Cruzeiro (atual Joaçaba) em Santa Catarina; e em 1932 organizou a contabilidade da Prefeitura Municipal de Chapecó, SC.

### 2.2.3 Representante das classes patronais

Mesmo tendo fracassado como empresário, Antonino Xavier foi uma espécie de consultor e relações públicas da classe empresarial passofundense. Em diversas ocasiões representou os empresários do Município e da região. Na condição de delegado do comércio madeireiro passofundense, participou do Congresso dos Transportes reunido em Porto Alegre, em 1917; integrou a comissão do comércio serrano (dois representantes de Passo Fundo e dois de Cruz Alta) que se deslocou ao Rio de Janeiro, em 1919, para exigir a melhoria do serviço ferroviário<sup>146</sup>; no I Congresso Serrano-Missioneiro de Estradas de Rodagem, realizado em Cruz Alta, em março de 1938, representou, como delegado especial, as associações Comercial e Rural do município de Passo Fundo, e o jornal “O Nacional” da mesma cidade<sup>147</sup>; na ocasião apresentou quatro teses e três propostas orais para o Plano Rodoviário do Rio Grande do Sul, constantes do trabalho Passo Fundo na Viação Nacional, publicado pela primeira vez em 1949<sup>148</sup>; quando em 1946 os ruralistas (criadores

<sup>144</sup> - Por ato do interventor no Rio Grande do Sul, Desembargador Samuel Figueiredo da Silva, nomeado pelo Presidente da República em exercício, Ministro José Linhares. Note-se que na maioria dos municípios sul-riograndenses os prefeitos foram substituídos pelo Juiz de direito da comarca.

<sup>145</sup> -Ver infra “Mapa Geográfico”, p. 84.

<sup>146</sup> -"A ganância da empresa belga concessionária dos serviços ferroviários prejudicava o desenvolvimento do comércio e da indústria". Hemétério SILVEIRA, op. cit. p. 305; ver tb. A Notícia, 7 nov. 1919; e A Rua, 10/18 nov. 1919.

<sup>147</sup> - O Nacional, 23, 24 e 26 mar. 1938.

<sup>148</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 1, p. 291-363

de gado) resolveram fundar em Passo Fundo uma Cooperativa de Carnes e Derivados, a Associação Rural convidou-o para consultor e secretário dos trabalhos preparatórios<sup>149</sup>.

#### 2.3.4 Jornalista

Do retorno a Passo Fundo, em 1896, até o final da vida, em 1959, o jornalismo foi a atividade a que Antonino se dedicou com maior constância. Muitos dos seus escritos sobre a história passofundense foram, inicialmente, artigos publicados em jornais. A sua atuação na imprensa não foi apenas de articulista e colaborador, em diversas ocasiões foi redator-chefe e mesmo diretor.

Em 1899, "O Palco", órgão oficial do recém fundado Grêmio Dramático Passo-fundense, foi confiado a Antonino Xavier. Durante largo período foi redator do Boletim da Intendência Municipal de Passo Fundo. Também, foi redator do Boletim do Hospital de Caridade. Na imprensa partidária destacou-se como redator de dois jornais locais: em "O Gaúcho", órgão do Partido Republicano (na segunda fase do jornal, iniciada em 1905) e no jornal "A Voz da Serra", fundado em 1915 como hebdomadário independente no ano seguinte Antonino Xavier foi chamado a assumir a redação para colocar "A Voz da Serra" na defesa política dos líderes republicanos dr. Nicolau Araújo Vergueiro e Gabriel Bastos<sup>150</sup>.

Porém, é na condição de colaborador e correspondente que o jornalista Antonino Xavier apresenta o rol mais extenso e diversificado de periódicos. O primeiro jornal em que colaborou, conforme já referido, foi "O Athleta", onde usou o pseudônimo Plutharco. Em Passo Fundo, no "O Gaúcho", além de redator, conforme referido, foi colaborador usando vários pseudônimos: Japy, Argos, Senio, Jano, J. Tagarella. Igualmente no "A Voz da Serra", com o pseudônimo, Arnio. Em "A Época", João D'Outroira e João D'Agora. Em "O Nacional", ao qual esteve ligado desde a fundação por Herculano Annes e onde exerceu várias funções, também assinava como João D'Outroira<sup>151</sup>.

Na imprensa porto-alegrense também colaborou em "O Delta", revista do Grande Oriente do Rio Grande do Sul, na revista literária "Alma" e na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul", e foi correspondente de "O Diário". Na imprensa de outras cidades, foi correspondente de "O Carasinho" de Carazinho, RS, "O Diário do Interior" de Santa Maria, RS, "O Cruz Alta", de Cruz Alta, RS, "A Reforma" de Machado, MG, e "Jornal do Comércio" de São Paulo, SP.

Quando em 1956 foi fundada a Associação dos jornalistas Profissionais de Passo Fundo, Antonino Xavier recebeu os títulos de Presidente de Honra e Sócio Honorário da entidade.

#### 2.3.5 Professor

Antonino Xavier também dedicou-se ao exercício do magistério e dirigiu escolas e cursos. Foi diretor da Escola Minerva, em 1899-1900, e da Escola Guilherme Dias, da maçonaria. Em 1908, foi professor no Colégio Passo Fundo. Em dezembro de 1919 foi fundado em Passo Fundo o Instituto Gymnasial, atual Instituto Educacional da Igreja Metodista, com os cursos Primário, Elementar, Ginásial e Comercial, nos anos letivos de 1920 a 1923, Antonino Xavier integrou o corpo docente do Instituto, lecionando Educação Cívica, Português e Escrita Mercantil. Em 1921, dirigiu o Curso Comercial, e até o final da década foi responsável pela cadeira de Educação Cívica<sup>152</sup>.

#### 2.3.6 Líder na Comunidade

Tendo se destacado como um dos líderes intelectuais da comunidade, Antonino participou, criou e dirigiu entidades culturais, filantrópicas, sociais, políticas, gremiais:

- presidiu o Clube Literário Recreativo Passo-Fundense no biênio 1897-1898, promovendo a fusão com o Club Literário "Amor à Instrução", cuja presidência veio a ocupar em 1900, cumulativamente com a presidência do Grêmio Dramático; em 1904 foi um dos fundadores do Clube "Pinheiro Machado", órgão do Partido Republicano, fez parte da primeira diretoria no cargo de Orador Oficial, ocupou em várias ocasiões o cargo de Secretário;
- em 1906 presidiu a Liga Protetora dos Pobres; essa liga deu origem mais tarde ao Hospital da

---

<sup>149</sup> - O Nacional, 30 de maio 1946.

<sup>150</sup> - Delma GEHM, op. cit. v. 1, p. 61-91.

<sup>151</sup> - R. do Inst. Hist. e Geogr. RGS, Porto Alegre, 1989, n.º. 125, p. 173; ver tb. O Nacional, 19 jun. 1975; Delma GEHM, v. 3, p. 206.

<sup>152</sup> - OLIVEIRA, Instituto Educacional, p. 15, 25-6, 71-9; ver tb. A Época, Passo Fundo, 18 nov. 1927.

Caridade, atual Hospital da Cidade de Passo Fundo, do qual Antonino foi um dos idealizadores e primeiro diretor, de 1914 a 1924;

- membro da Maçonaria, dirigiu a Loja Maçônica Concórdia do Sul de 1909 a 1913, da qual era Orador Oficial; foi também secretário local da Ordem Maçônica Estrela do Oriente; pelos relevantes serviços prestados à Ordem e à comunidade, foi distinguido com o Grau 33 Venerável;

- sócio fundador (na segunda fundação, em 1920) do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, foi ativo participante daquela entidade; todavia, por não residir na Capital, ficou relegado à condição de Sócio Correspondente;

- presidiu o Comitê da Aliança Liberal, de 1929 a 1930, e o Comitê Popular Pró-Getúlio Vargas, de 1929 a 1930;

- em meados de 1931 foi um dos organizadores do Comitê Passo-Fundense Pró-Liberdade de Consciência, frente única reunindo adeptos da maçonaria, teosofismo, espiritismo, metodismo, esoterismo e protestantismo, que presidiu e representou junto ao Comitê Central Pró-Liberdade de Consciência em Porto Alegre<sup>153</sup>;

- sócio fundador, em 1938, do Grêmio Passo-Fundense de Letras presidiu a entidade de setembro de 1939 a dezembro de 1940;

- foi membro da Sociedade Theosófica de Benares, Índia;

- sócio honorário da Sociedade Yolanda Margarita di Saboya (atual Clube Caixeiral de Passo Fundo)<sup>154</sup>.

- sócio fundador do CTG Lalau Miranda<sup>155</sup>

- Propugnador da criação do ensino superior em Passo Fundo, Antonino Xavier foi um dos fundadores da Sociedade Pró-Universidade. No início do ano de 1950 integrou a comissão de redação dos estatutos da futura Universidade de Passo Fundo. Em 4 de março de 1950, foi eleito Tesoureiro da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo, presidida pelo dr. Cesar Santos<sup>156</sup>.

Afora essas participações destacadas, Antonino Xavier era com frequência o orador principal, em atos cívicos, comícios partidários, festas sociais, encontros culturais, congressos empresariais ou cerimônias fúnebres. “A palavra fácil e imaginoza, a frase clara e escorreita de Antonino Xavier fizeram-no um orador primoroso e apreciado pelo povo”<sup>157</sup>. Também com frequência era chamado a representar quer órgãos do poder público, quer entidades da sociedade civil do município de Passo Fundo em eventos de âmbito regional, estadual e mesmo nacional<sup>158</sup>.

### 2.3.7 “Pai da História de Passo Fundo”

Com base nos dados biográficos, sucintamente registrados, é possível fazer-se uma ideia da ativa participação de Antonino Xavier na vida pública do município de Passo Fundo. Exerceu várias profissões e múltiplas funções, tanto no serviço público, como nos negócios privados. Concomitantemente ao exercício de cargos públicos e atividades no comércio, na banca de advocacia, no escritório contábil, dedicou-se ao jornalismo e à pesquisa histórica. Em 1903, aos vinte e sete concluiu seu primeiro escrito sobre a história da “terra natal”, Annaes do Município de Passo Fundo. E durante mais de meio século, como historiador, memorialista e publicista, pesquisou e divulgou a história da sua terra e da sua gente. Foi justamente na condição de historiador que Francisco Antonino Xavier e Oliveira alcançou o renome que o consagrou “Pai da História de Passo Fundo”.

---

<sup>153</sup> - O Nacional, 12 jun. 1931; Correio do Povo, 24 jun. 1931.

<sup>154</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 1, p. 25-7.

<sup>155</sup> - Cfe. Ata de Fundação.

<sup>156</sup> - Diário da Manhã, 2 fev. 1950; Roteiro, 5 fev. 1950; Diário de Notícias, Porto Alegre, 11 mar. 1950.

<sup>157</sup> - Jornal da Serra, 18 jun. 1930.

<sup>158</sup> - Delma GEHM, “Valores de Passo Fundo, Antonino Xavier e Oliveira” e “Um século” (série comemorativa do centenário de nascimento de Antonino Xavier).



## CAPÍTULO III

### O CONTEUDO GERAL DA OBRA DE ANTONINO XAVIER

O historiador se faz conhecer em tudo o que escreve, mesmo numa correspondência particular ou numa colaboração esporádica a desconhecida revista. Isto é porque o livro de história é produto de um complexo de atividades intelectuais; é fruto de um ato criativo individual, que reflete uma preocupação coletiva e, nesta medida, ele é instrumento da conscientização pela sociedade de sua própria realidade histórica.

Maria de Lourdes M.

Janotti

João Francisco Lisboa: jornalista e historiador

#### 3.1 A Obra Escrita

A produção historiográfica de Antonino Xavier, pelo caráter e pela abrangência de que se reveste, independentemente do conceito em que pode ser tida e do uso que se lhe pretenda dar, é obra de consulta indispensável. O termo obra é aqui usado do amplo da totalidade da produção literária, incluindo seus cadernos de rascunhos, onde se encontram anotadas e pesquisas realizadas e esboços de trabalhos planejados, petições e de outras peças advocatícias, sua correspondência pessoal e funcional, textos de palestras e conferências, alguns ainda no manuscrito, enfim tudo o que escreveu. Além da obra editada (referida no item a seguir) existe uma vasta produção em forma de artigos, publicados em jornais e revistas, e aproximadamente uma vintena de trabalhos inéditos. A consulta e estudo dos trabalhos editados em vida do Autor tornaram-se mais acessíveis, desde julho de 1990, com a reedição realizada pela Universidade de Passo Fundo. Os artigos publicados em periódicos ainda não foram compulsados em sua totalidade. Muitos desses artigos estão assinados com pseudônimos como: Avilez, Senio, Plutarco, Argos, Arnio, Jappy, J. Tagarella, João D'Agora e João D'Outrora, já citados, e que são os conhecidos, mas podem existir outros.

#### 3.2 Conteúdo da Obra Editada de Antonino Xavier

"Apresento o meu trabalho como um simples esboço, pedindo para ele o julgamento dos competentes, não como uma deferência à minha obscura individualidade, mas como preito de homenagem à história importantíssima do município"<sup>159</sup>.

Antonino Xavier, além de ter sido o primeiro a dedicar-se a escrever a História do Município de Passo Fundo, ocupa um lugar privilegiado e ímpar na historiografia passofundense na condição de homem memória. Durante uma longa existência (1876-1959) em íntima ligação com os personagens e acontecimentos locais, e a sua integração e de sua parentela ao grupo dominante permitiram-lhe reunir um cabedal de informações e de tradição oral que abrangem mais de um século da história local e regional. Sob esse ponto de vista sua obra é insubstituível. A História que relata é, muitas vezes, a história presenciada, ou a lembrança dos íntimos, a versão de parte significativa do grupo dominante local. Dessa constatação decorre, em boa parte, a importância que nessa monografia é atribuída à produção historiográfica de Antonino Xavier, para constituição de uma História da formação sociocultural e econômica do Planalto Médio Rio-grandense e do Vale do Alto Uruguai. Por outro lado a importância de sua obra na qualidade de matriz regional de um elevado número de Histórias locais exige uma crítica historiográfica rigorosa e o consequente abandono de textos meramente laudatórios do gênero dos que via de regra têm sido produzidos até o momento.

Os escritos de Antonino Xavier relatam os fatos da história local/regional, mesmo quando versam sobre questões mais abrangentes, seja a Abolição da Escravatura, a queda da Monarquia, a Revolução Farroupilha, a Guerra contra o Paraguai, as revoluções de 1893 e de 1923, ou a Aliança

---

<sup>159</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 59.

Liberal. Seu público preferencial e costumeiro sempre foi o público passofundense. Os temas tratados são os mais diversos, quase todos os aspectos da vida na região foram de alguma forma referidos em seus trabalhos. As múltiplas atividades exercidas, no setor público e no setor privado, e as relações de parentesco e de amizade, conforme ficou assinalado, proporcionaram-lhe amplo conhecimento da realidade local e regional. A visão histórica de Antonino Xavier é decorrência direta da visão de seu grupo familiar, alargada pelo convívio político e funcional com os demais integrantes do grupo dirigente local, burilada pelas leituras. Ele soube, como nenhum outro passofundense, dar forma erudita à mundividência tosca dos birivas que, a partir do segundo quartel do século XIX, assenhorearam-se dos ervais e dos campos do Planalto Médio Rio-grandense. A essa ideologia biriva foi amalgamando ideias dos demais elementos que aos poucos foram chegando e se integrando ao grupo dominante. A versão elaborada tornou-se assim a versão oficial da história passofundense.

### 3.2.1 Os primeiros trabalhos

A produção historiográfica de Antonino Xavier inicia-se com os Annaes do Município do Passo Fundo<sup>160</sup>, concluídos em junho de 1903, publicados em 1908, pela livraria do Globo de Porto Alegre, em brochura de 96 páginas, ilustrada com 32 fotos retratando 31 personagens do período historiado (a foto de Prestes Guimarães é a única repetida). Quase todas as fotos são modelo oval e tamanho 3x4. O trabalho não foi reeditado em vida do Autor.

Este primeiro trabalho sobre a história passofundense inicia com a ocupação do território pela “raça branca” e vai até 15 de novembro de 1889. Compreende: Introdução e três capítulos. Na apresentação do trabalho o Autor, numa breve nota “Ao Leitor”, expõe os motivos que o levaram a escrever a história da sua “terra natal” e agradece: “Ao patriótico governo do município, que se dignou de conceder-me o auxílio que lhe pedira para esta publicação”.<sup>161</sup> Na folha de rosto da edição de 1908 estão arroladas as fontes utilizadas:

"Tradição oral. Archivos particulares. Archivo do município. Publicações oficiais do município e do Estado. Notícia descriptiva da região Missioneira, por Evaristo Affonso de Castro. Annaes da província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, pelo Visconde de S. Leopoldo. Rio Grande do Sul, por Alfredo Varella. História do Rio Grande do Sul, por João Maia. História do Brasil, de Southey. História da República Jesuítica do Paraguay, pelo Conego Gav. E outras"<sup>162</sup>.

A Introdução e o primeiro capítulo, “Papel do território na evolução das Missões durante os domínios jesuíticos e espanhol”, constituem, pela forma e conteúdo, um capítulo único (ao todo dez páginas), contendo a crônica histórica daqueles períodos. Aí, Antonino Xavier trata ainda da consolidação das fronteiras meridionais do Brasil e dos “selvícolas ferozes” do território passofundense. Esta parte, certamente, foi compilada com base na “tradição oral” e nos autores e obras relacionadas nas “fontes”. Tece elogios à “meritória obra” dos jesuítas, condena a política de Portugal e Espanha, e o “vandalismo dos bandeirantes”, louva o “inaudito arrojo de um punhado de valorosos rio-grandenses” conquistadores, para a coroa de Portugal, do território das Missões Orientais.

O segundo capítulo abrange o período de 1819 a 1856. Trata do “Povoamento do território pela raça branca. Fatores pró e contra. Evolução até 1856”. É uma breve crônica histórica (seis páginas), baseada na tradição oral e em documentos, com informações sobre os primeiros moradores, a subordinação política e administrativa do território, a resistência do indígena, e o impacto da Revolução Farroupilha na povoação e no quarteirão.

O terceiro e último capítulo é o mais extenso, 80 páginas, abrange o período de 1857 a 1889, com o título “O município, sua criação, instauração e principais fatos até a queda do regime monárquico”. É uma cronologia dos acontecimentos municipais, fundamentada em dados, obtidos mediante consulta de documentação oficial e registros particulares, além de informações colhidas

---

<sup>160</sup> - Id. Ibid. v. 2, p. 57-170.

<sup>161</sup> - Id. Ibid. v. 2, p. 59.

<sup>162</sup> - Inexplicavelmente esta informação historiográfica importante, apesar de incompleta, foi omitida na reedição de 1990, realizada pela Universidade de Passo Fundo.

oralmente. A propósito de questões como o Abolicionismo no município, a pretendida criação da Província das Missões e a economia do município, o Autor insere trechos de documentos da época.

Ainda em 1908, foi editado o trabalho de Antonino Xavier: O Município do Passo Fundo na Exposição Nacional de 1908<sup>163</sup>. Este segundo trabalho, apresentado em brochura (80 páginas, i1.), é referido no “Prólogo” como folheto “redigido apenas em 20 dias, apressadamente, porque, do contrário, não ficaria pronto em tempo ir àquele certame”. Contém: uma descrição histórico-geográfica do município, “baseada nos apontamentos que de há longos anos vinha coligindo”<sup>164</sup>; informações sobre a organização político-administrativa e a vida econômica, social e cultural do município; o Catálogo de Produtos Expostos e o relatório da comissão encarregada da representação passofundense. Anexo, Mapa do Município de Passo Fundo, na escala: 1:600.000, litografado a cores.

### 3.2.2 Os outros trabalhos editados

Além dos dois trabalhos supra referidos, mais dezessete foram editados em vida de Antonino Xavier: quinze em prosa, como os dois primeiros; um, parte em prosa e parte em verso (Pelo Passado); um, totalmente em verso (Cartas Gaúchas). Alguns desses trabalhos, em todo ou em parte, foram publicados na forma de artigos em jornais ou revistas antes de serem editados (ver item 1.3.4). Estes dezenove trabalhos versam sobre uma ampla gama de assuntos, sendo difícil reuni-los em grupos de acordo com a temática ou outro parâmetro classificatório porque o conjunto é assistemático. Os títulos editados são, via de regra, igualmente assistemáticos, reunindo alguns deles uma verdadeira miscelânea de temas, podendo os mesmos ter continuidade ou ser repetidos em outros títulos. A obra escrita está complementada por peças cartográficas: mapas e croquis que ilustram alguns trabalhos, e um Mapa Geográfico.

Com exceção do primeiro trabalho (Annaes do Município de Passo Fundo; 1908), onde há uma rigorosa sistematização cronológica, o Autor parece haver produzido ao sabor do momento, sem ter um plano de constituição de uma História municipal. Ao menos é o que se pode concluir do exame dos trabalhos editados. Assim sendo optou-se por agrupar a obra editada, de acordo com o assunto mais relevante do conteúdo de cada título. Pela abrangência temática os Annaes (1908) mais os cinco títulos a seguir arrolados formam um conjunto dedicado à História geral do município.

Terra dos Pinheirais<sup>165</sup>, com o subtítulo “série comemorativa do centenário do começo do povoamento do território passofundense pela gente brasileira civilizada”, foi editado em 1927. É uma brochura reunindo treze textos, escritos entre 1922 e 1927, com temas variados e momentos diversos da história do município. Está ilustrada com 55 fotos da “galeria dos vultos não só do passado como do presente” e três “vistas de panoramas”, 30 páginas.

O Município de Passo Fundo Através do Tempo<sup>166</sup>, escrito em 1937, “Este trabalho se destinava à comemoração do aniversário de Município, mas não pôde ser publicado então por falta de espaço em 'O Nacional', da mesma cidade”<sup>167</sup>. Por iniciativa do poder público municipal foi editado em 1957, em comemoração do centenário do Município. Contém a História de Passo Fundo desde a emancipação até meados da década de 1930. Descreve as alterações ac território do município e as mudanças na composição populacional tanto em termos numéricos, como étnicos. O foco principal do trabalho é a História político-administrativa, 31 páginas.

Rememorações do Nosso Passado<sup>168</sup>, reúne textos escritos, certamente, durante as décadas de 1930-40, foi editado pela primeira vez em 1949. Em 1957 foi uma dos quatro trabalhos de história local (todos de Antonino Xavier) mandados imprimir pela Prefeitura em comemoração ao centenário do Município. É uma coletânea de textos cuja única coerência de conteúdo entre si é tratarem de assuntos passofundenses: “Passo Fundo na Abolição” narra a campanha abolicionista no município de 1871 a 1886, reproduzindo com mais detalhes o que já fora consignado na cronologia editada em 1908. “A República em Passo Fundo” evoca a propaganda e as lideranças republicanas locais anteriores a 15 de novembro de 1889 e as conseqüentes alterações político-administrativas no município logo a seguir. “Passo Fundo de 1888” descreve a então vila quando do retorno do Autor, após a viagem a Sorocaba. “Serviço Judiciário” historia sua instalação em 1857, seus órgãos e principais titulares até 1949. “A Colonização do Município” informa sobre as colônias e companhias de

<sup>163</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 1, p. 57-145.

<sup>164</sup> - Id. ibid. v. 1, p. 61.

<sup>165</sup> - Id. ibid. v. 2, p. 171-249.

<sup>166</sup> - Id. ibid. v. 2, p. 287-332.

<sup>167</sup> - Id. ibid. v. 2, p. 289.

<sup>168</sup> - Id. ibid. v. 2, p. 379-426.

colonização. “O Trigo em Passo Fundo” é a síntese de trabalhos anteriores, em especial, do Relatório da Propaganda Agrícola<sup>169</sup>, historiando a cultura do cereal no município de 1858 até 1937. Oito fotos de personagens dos relatos e uma vista da Matriz (ca. 1908) ilustram as 31 pág.

Pelo Passado<sup>170</sup>, com o subtítulo: “História, Tradições, Lendas, Panoramas, Usos e Costumes de Passo Fundo”, é um opúsculo de 35 páginas, editado em 1922 e assinado com o pseudônimo João D’Otrora. Alterna versos (quartetos) com prosa, mistura trechos autobiográficos, uma homenagem ao avô Francisco Xavier de Castro e outra a Joaquim Fagundes dos Reis, dados biográficos do coronel Francisco de Barros Miranda, e quadrinhas populares.

Seara Velha<sup>171</sup>, editado em 1932, é outra miscelânea de textos evocativos de personagens da história local como Chicuta, Miranda, Fagundes, João de Vergueiro, James Franco e Souza, padre Guedes, coronel Gervásio, capitão Eleutério; e de acontecimentos como a curta existência do jornal “O Echo da Verdade”, a capela do Pinheiro Torto, o clube Amor à Instrução. Outros textos narram alguns episódios jocosos ocorridos na cidade entre 1891 e 1893, e a passagem do monge João Maria de Agostinho pelo município, após a Revolução Federalista. 92 páginas.

A História Econômica do município é tratada especificamente em Passo Fundo na Exposição de 1908, supra referido, e nos cinco títulos comentados a seguir. Deve-se ainda notar que quase todos os trabalhos de Antonino Xavier contêm significativas informações sobre a economia local e regional, demonstrando sensibilidade para com os aspectos econômicos da vida municipal, tanto em relação ao passado, como em relação ao momento em que escreveu.

Passo Fundo Econômico em 1934<sup>172</sup>. Editado em 1939, pela Prefeitura do Município, para distribuição na II Exposição Agropecuária, Industrial e Feira Anexa, inaugurada a 18 de janeiro de 1940 em Passo Fundo. Uma brochura contendo doze artigos (os cinco primeiros, publicados pelo jornal “Diário de Notícias” de Porto Alegre, em 1934), ilustrada com quatro vistas da cidade em 1934 e as fotos do Autor e do prefeito municipal Arthur Ferreira Filho. Trata-se de um trabalho onde, a despeito da concisão, a estrutura e a conjuntura econômicas do município estão bem explicitadas e analisadas. Também é historiado o desenvolvimento dos setores mais importantes da economia municipal, e apontada “a necessidade de uma estatística econômica” eficiente. 19 páginas.

A Margem de um Problema Ferroviário<sup>173</sup>, editado em 1932, reúne doze artigos, publicados de abril a junho de 1931, mais um publicado em junho de 1932, todos em “O Nacional” de Passo Fundo subtítulo “A margem de um projecto ferroviário”. É um estudo do problema ferroviário do Planalto Médio rio-grandense do Vale do Alto Uruguai e do Oeste catarinense e a proposta de construção de um ramal ferroviário ligando Iraí a Porto Alegre, via Passo Fundo, Guaporé, Garibaldi. A edição de 1932 está ilustrada com croquis do projeto, na escala 1:1.000.000, onde se lê: “Roteiro que canalizaria para Porto Alegre a exportação do norte rio-grandense e oeste catarinense”.<sup>174</sup> 27 páginas.

Passo Fundo na Viação Nacional<sup>175</sup>. Trabalho escrito entre 1938 e 1939, editado pela primeira vez em 1949, e reeditado pela Prefeitura Municipal, em comemoração do ano do centenário do Município. História as vias de transporte e comunicação do território passofundense, desde 1822 “atravessado por Francisco Xavier de Castro e Manoel Francisco Xavier”<sup>176</sup> até a década de 1940 com as carreiras comerciais dos aviões da VARIG, a partir de 1942, e da SAVAG, a partir de 1947. Descreve os caminhos que se cruzam em Passo Fundo, analisando suas implicações econômicas, sociais e militares. Inclui a História das comunicações postais, telegráficas e telefônicas e da via férrea. Discute o Plano Estadual Rodoviário para a região e retoma o problema do ramal ferroviário Iraí-Passo Fundo-Porto Alegre. Trata das balsas de madeira no rio Uruguai, questão que na época afetava a economia regional. Encerra com uma evocação sentimental à carreta e ao carreteiro. O trabalho é ilustrado com fotos e o croqui do traçado do ramal de Iraí. 100 páginas.

Relatório da Propaganda Agrícola<sup>177</sup>. Editado em 1917, o Autor presta contas da atividade de extensão agrícola que realizou nos distritos e colônias do município naquele ano, na qualidade de funcionário público. Não é, como se poderia supor, um mero informativo de um burocrata aos seus superiores, mas um estudo da economia agrícola municipal com análise de suas deficiências e

---

169 - Id. Ibid. v. 1, p. 147-66.

170 - Id. Ibid. v. 1, p. 83-110.

171 - Id. Ibid. v. 1, p. 173-236.

172- Id. Ibid. v. 1, p. 225-58.

173 - Id. Ibid. v. 1, p. 167-94.

174 - Id. Ibid. v. 1, p. 168.

175 - Id. Ibid. v. 1, p. 291-363.

176 - Id. Ibid. v. 1, p. 297.

177 - Id. Ibid. v. 1, p. 147-66.

perspectivas. Apesar de centrado na questão da triticultura, móvel da propaganda, ocupa-se das demais culturas, do extrativismo vegetal, da pecuária e da agroindústria. É um valioso subsídio para a História Econômica da região. Brochura, 40 páginas.

Oração ao Mate<sup>178</sup>. Apresentado oralmente no concurso literário da I Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Carazinho, em junho de 1934, o texto (quatro laudas), revisto, foi editado em 1935 na forma de folheto para acompanhar, na Exposição Farroupilha, o mostruário ervateiro de Passo Fundo. A linguagem rebuscada, construída com o fito de impressionar os ouvintes e os jurados do concurso, não prejudica o entendimento do nexos da erva na evolução socioeconômica do Planalto Médio. Sob este ponto de vista, Oração ao Mate, é uma peça de História Econômica. 6 pág.

A geografia municipal está presente nos trabalhos de Antonino Xavier. O que é natural e compreensível. “Desde Heródoto, a História e a Geografia andaram juntas, senão confundidas”.<sup>179</sup> Entretanto, apenas um dos dezenove títulos editados, Passo Fundo Físico em 1934<sup>180</sup>, trata especificamente da geografia passofundense. Editado em 1934, foi reeditado para distribuição na II Exposição Agro-Pecuária, Industrial e Feira Anexa (janeiro/1940). Inicia com breve notícia da extensão territorial, dos limites, da população e da divisão distrital em 1857, as modificações verificadas até 1934, com a descrição dos limites municipais e da divisão administrativa então vigentes.

Passo Fundo Físico, como estudo monográfico do meio físico regional em determinado momento, arrola os dados então disponíveis, complementados por pesquisas e observações diretas realizadas pelo Autor. O estudo compreende: a hidrografia, o relevo, os recursos minerais e vegetais, as fontes energéticas, a agricultura a pecuária e as atividades extrativistas. São também relacionadas as espécies da flora nativa existentes no município e é indicada a utilidade de cada uma (das principais, como o pinheiro e a erva, é dada uma descrição mais ampla). Deve-se destacar a bem fundamentada defesa do preservacionismo. 27 páginas, il.

Um outro escrito de Antonino Xavier, não obstante o título, Apostilas Geográficas<sup>181</sup>, é mais uma contribuição à toponímia do que propriamente à geografia passofundense. Editado em 1935, deveria integrar a série “Passo Fundo Histórico e Geográfico” que não se concretizou. O fascículo inicia pela discussão da origem do nome Passo Fundo, para em seguida ocupar-se das “Designações Erradas” (título da seção de “O Nacional”, onde foram publicados, em datas diversas, parte dos tópicos reunidos nesse fascículo). Brochura, 35 páginas.

Conforme já assinalado, a obra escrita de Antonino Xavier é complementada por trabalhos cartográficos, significativos para o estudo da Geografia regional. O mais importante é, sem dúvida, o Mapa Geográfico do Município de Passo Fundo, litografado a cores, na escala 1:200.000. O levantamento topográfico, as pesquisas de campo e em arquivos, e a execução do mapa foram realizados pelo Autor ou diretamente supervisionados pelo mesmo, como no caso da composição e impressão em Curitiba<sup>182</sup>, em 1929. Na reedição de 1990 este mapa figura, em preto e branco, em quatro lugares diferentes<sup>183</sup>, porém são reproduções tão ridiculamente diminutas que é impossível apreciar o trabalho cartográfico; perderam assim a função informativa e tornaram-se simples enfeites.

A Revolução Farroupilha no território passofundense, tema tratado com destaque em todos trabalhos de Antonino Xavier referentes àquele período, é especificamente estudada em duas monografias:

Passo Fundo na Revolução de 1835<sup>184</sup>. Escrita em 1943, e publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, nº 93, 1 Trimestre de 1944, p. 96-144. Circulou entre os leitores habituais do Autor em separata. Não foi reeditada em vida do mesmo. Esta monografia descreve o então 4º distrito de Cruz Alta, e o povoado do Passo Fundo das Missões, para a seguir historiar o sucedido na área e em seu entorno regional. Tão frequentes as referências ao Oeste catarinense. A passagem de forças militares, mormente os trajetos percorridos, é narrada com minúcia. O foco do estudo é a conjuntura socioeconômica, não propriamente as operações militares. Ou melhor dizendo, as operações beligerantes são relatadas em função das suas consequências socioeconômicas.

No Decênio Farroupilha<sup>185</sup>, é uma tese (comunicação) “A propósito de uma referência à ação

178 - Id. Ibid. v. 3, p. 237-42; Id. Dicionário Histórico e Geográfico de Carazinho, p. 69-75.

179 - N. Werneck SODRÉ, Introdução à Geografia, p. 107.

180 - OLIVEIRA, Annaes, v. 1, p. 195-224.

181 - Id. Ibid. v. 1, p. 259-90.

182 - Litografado na “Impressora Paranaense” de Max Schrappe.

183 - OLIVEIRA, Annaes, v. 1, p. 51; v. 2, p. 51 e 295; v. 3, p. 51.

184 - Id. Ibid. v. 2, p. 335-66.

185 - Id. Ibid. v. 2, p. 367-77; vide Anexo III “Parecer”.

das forças revolucionárias no distrito de Passo Fundo”, apresentada no IV Congresso de História e Geografia Sul Rio-Grandense, realizado em 1945 em Porto Alegre, Anais, 1946, v. 2, p. 943-53). Também publicada em “O Nacional”, Passo Fundo, em setembro de 1953. Escrita em 1940 e revisada às vésperas do Congresso, refuta afirmações de Hemetério Velloso a respeito “das depredações que faziam os chefes” farroupilhas no então distrito de Nossa Senhora do Passo Fundo<sup>186</sup>.

Produzidas durante a primeira metade da década de 1940, essas duas monografias são resultado de pesquisa iniciada em 1931, tendo em vista o Centenário Farroupilha. Em 1935, segundo informa Antonino Xavier, o trabalho, “em parte, já estava elaborado, todavia não o pôde concluir em tempo, só vindo a consegui-lo, posteriormente e apresentando-o em dois”<sup>187</sup>. Trata-se de estudo onde; além da recolha da tradição oral, de entrevistas com pessoas mais antigas do lugar e da pesquisa em arquivos (suas fontes habituais), o Autor recorreu (conforme assinala em notas de rodapé) a variada literatura sobre o assunto, além dos seus próprios trabalhos publicados anteriormente.

Finalmente, existem três trabalhos, cada um com um tema específico, que não se repete em outros títulos editados. São eles:

O Elemento Estrangeiro no Povoamento de Passo Fundo<sup>188</sup>. Série de vinte artigos publicados, de 25 de setembro a 11 de novembro de 1931, no diário passofundense “O Nacional”. Supõe-se havido uma 1ª edição em 1949. Em 1957, foi apresentado no concurso de história local já aludido e editado com o patrocínio da Prefeitura, em comemoração do ano do centenário do Município. No primeiro artigo o Autor faz considerações muito interessantes sobre sua atividade como historiador. Dez artigos (II ao XI) estão dedicados a historiar a chegada e fixação dos primeiros estrangeiros, entre 1835 e 1847, ao todo nove alemães e um genovês e suas famílias. Merece maior destaque o casal Schell, cujas fotos (oval 3x4) ilustram a brochura. Em função do período são frequentes as referências à Revolução Farroupilha. Nos outros nove artigos o Autor apenas lista os estrangeiros (homens) que se fixaram no município (alguns temporariamente) entre 1847 e 1895. Do rol constam cerca de 160 nomes. Informações como ano de chegada, origem, local onde se fixaram, quando aduzidas, aparecem em notas de rodapé. A edição de 1957 é uma brochura de 26 páginas.

Por uma Grande Obra<sup>189</sup>, com o subtítulo “Apelo aos corações bons de Passo Fundo”, editado em 1920. Trata-se de um folheto escrito para “impulsionar a propaganda e reforçar os elementos da grande e generosa obra do Hospital de Caridade”. Contém o histórico da instituição, o relatório de seu estado físico, patrimonial e financeiro no início de 1920, o projeto de ampliação e um apelo, ao povo passofundense, para apoiar material e moralmente a “Santa Obra”, segundo expressão de Antonino Xavier.

Cartas Gaúchas<sup>190</sup>, reúne versos publicadas em novembro e dezembro de 1929, em “O Nacional” de Passo Fundo, em “Homenagem à Aliança Liberal e seus denodados batalhadores que, hoje, formam a guarda avançada das instituições republicanas da Pátria, na mais necessária de todas as reivindicações”. A edição é do mesmo ano, e está ilustrada com as fotos de Antônio Carlos, Assis Brasil, Borges de Medeiros, Getúlio Vargas e João Pessoa. São versos escritos para divulgar as propostas da Aliança Liberal, cujo comitê em Passo Fundo foi presidido por Antonino Xavier. É o único trabalho político-partidário em toda sua obra editada. No periódico os versos apareceram assinados com o pseudônimo João D'Outroira.

No final do opúsculo o Autor acrescentou um “Elucidário das palavras e frases populares e outras, usadas neste município e que, por não figurarem ou, algumas delas, terem outra significação nos dicionários mais comuns, foram postas em grifo”<sup>191</sup>. 62 páginas.

A temática de Antonino Xavier na obra editada, entretanto, não se esgota nos títulos e tópicos dos trabalhos. Existem temas que além de importantes, em si, na constituição de uma História passofundense, são fundamentais para o desvelamento do caráter ideológico do discurso historiográfico em estudo. Alguns desses temas encontram-se esparsos em diferentes textos, sem nem mesmo serem referidos em um único tópico. Dentre os temas com as características ora apontadas, acredita-se que existem três que devem merecer maior atenção. São: a Revolução Federalista de 1893, os indígenas, e os escravos negros e seus descendentes.

---

<sup>186</sup> - Hemetério J. V. SILVEIRA, op. cit. p.376.

<sup>187</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 264.

<sup>188</sup> - Id. Ibid. v. 2, p. 251-85.

<sup>189</sup> - Id. Ibid. v. 3, p. 57-81.

<sup>190</sup> - Id. Ibid. v. 3, p. 115-72.

<sup>191</sup> - Id. Ibid. v. 3, p. 169-72.

### 3.2.3 A Revolução Federalista de 1893

Os escritos de Antonino Xavier são fonte bibliográfica valiosa para a História da Revolução Federalista de 1893, em particular dos eventos relacionados à área do primitivo Município do Passo Fundo. Quando trata do período 1890-1895, os seus relatos abrangem, genericamente, acontecimentos de toda a região “em cima da Serra” (hoje Planalto Médio e Vale do Alto Uruguai). Há igualmente referências ao leste catarinense e sul do Paraná, onde esteve do final de 1892 ao início de 1894.

Além de haver pesquisado esse período como historiador, Antonino Xavier presenciou e mesmo participou de muitos eventos, desde alguns ocorridos na fase imediatamente anterior à Revolução Federalista, até a fase posterior à pacificação quando teve uma atuação ainda mais marcante na vida municipal<sup>192</sup>.

Ao referir-se à Revolução Federalista, Antonino Xavier evoca os acontecimentos políticos e os enfrentamentos em Passo Fundo nos anos de 1890 e 1891, trazendo o testemunho de quem acompanhou todo o processo desde os primeiros momentos. Nessa época, o futuro historiador tinha quatorze-quinze anos de idade<sup>193</sup>. Conforme já foi assinalado, estava ligado por laços de parentesco ou de amizade a pessoas envolvidas diretamente no conflito. Alguns familiares seus lideravam o Partido Republicano Rio-grandense na região. A maior parte de sua parentela era formada de “pica-paus” (ou era simpatizante), mas havia também “maragatos”. O ambiente politizado em que cresceu fê-lo participante consciente e observador arguto dos eventos revolucionários, este detalhe não deve ser esquecido, nem subestimado na análise de sua obra. Por outro lado, deve ser levado em consideração o fato da vitória do Partido Republicano haver favorecido a sua carreira de funcionário público e a sua liderança intelectual na cidade e na região.

À exceção do primeiro trabalho (Annaes; 1908) cuja delimitação temporal permitiu a ausência de qualquer menção à Revolução de 93, na maioria dos trabalhos são frequentes e explícitas as referências, as descrições e as opiniões a propósito do conflito que abalou o Rio Grande do Sul há cem anos. Pode-se, mesmo, afirmar que toda obra de Antonino Xavier está permeada pela Revolução Federalista. Não bastasse a vivência pessoal, durante anos ele pesquisou fontes documentais, recolheu depoimentos orais e tomou conhecimento de grande parte da literatura a respeito da Revolução de 93. Este conhecimento adquirido ficou refletido ao longo de sua produção historiográfica em trechos esparsos, o que por si só dificulta captar o conjunto de informações e a visão do Autor.

Isto, aliado ao fato de não haver publicado nenhum texto tratando especificamente aquele período de guerra civil – apesar de h o título e subtítulo “Dias Tristes. História da Revolução de 1898”<sup>194</sup> – levou críticos superficiais a afirmarem que ele nada publicou sobre o tema. Entretanto permanece a dúvida a respeito da não publicação de um trabalho reunindo tudo o que sabia sobre os eventos daquele lustro.

A conjugação de fatores, ora apontada, pode explicar a ausência do mais importante historiador passofundense, no rol dos historiadores da guerra civil de 1893-95. A questão da inexistência de trabalho, editado em vida, dedicado especialmente a este tema, será tratada no item dos trabalhos inéditos. Quanto à visão e posicionamento de Antonino Xavier face aos acontecimentos revolucionários e suas consequências, basta percorrer a obra editada; nela evidencia-se claramente o entendimento e os juízos de valor deste historiador passofundense a respeito da Revolução Federalista, no contexto da história local e regional.

É oportuno lembrar que apesar de ser um contemporâneo, uma testemunha ocular de inúmeros eventos revolucionários e um ativista republicano, Antonino Xavier não esteve engajado em armas no conflito. Seu ponto de vista, em relação a 93, é do observador e crítico civil. No âmbito de sua obra editada encontra-se delineado o quadro geral, estrutural e conjuntural, do momento da Revolução Federalista de 1893 na área do então município do Passo Fundo. Estão ausentes, nesses trabalhos, as crônicas detalhadas de movimentações dos grupamentos beligerantes e as descrições dos combates, tão características dos historiadores militares. O Autor não trata da história militar da Revolução, mas da história municipal no período da guerra civil.

Antonino Xavier, seja pelas palavras que utiliza seja pelos conceitos que expressa, condena o que qualifica de “luta fratricida” e lamenta os danos morais e materiais ocasionados por essa “pugna entre irmãos” às pessoas e aos haveres, em particular, no município do Passo Fundo. Aliás,

---

<sup>192</sup> - Ney Eduardo d’AVILA, “A Revolução Federalista de 1893 na Visão do Historiador Passo-fundense Antonino Xavier.”

<sup>193</sup> - Cf. supra item 2.2.5, p 62-64.

<sup>194</sup> Cfe. Anotação autografa em caderno de notas intitulado “Plano de coordenação e ampliação do trabalho.”

considera que a posição estratégica de lugar de passagem e ponto de convergência de estradas, as quais formam no seu entender uma cruz, à qual atribui a predestinação ao sacrifício, “concorreu para que fosse o Município, entre os demais do Estado, a maior vítima da calamidade fratricida então em curso”<sup>195</sup>.

Ao referir-se às razões pelas quais nenhum estrangeiro se fixou no município na primeira metade da década de 1890, Antonino Xavier afirma:

"Pode-se dizer que o município esteve em situação anormal desde 1890 até 1895, pois que já no primeiro desses anos teve, em maio, um movimento armado promovido pelos federalistas; em 1891 (novembro) , a revolução contra o golpe do Estado que dissolvera o Congresso Nacional; em 1892, a malograda contra-revolução republicana de fevereiro e a resistência federalista ao golpe de 17 de junho, que repusera no governo do Estado o Partido Republicano e, finalmente, daí em diante, a situação revolucionária que se prolongou até 1895 e na qual, além da batalha de 27 de junho de 1894, travada entre Pulador e São Miguel, no campo dos Melos, foi teatro de vários combates, alguns dos quais importantes”<sup>196</sup>.

Ao longo de toda obra, Antonino Xavier não se exime de manifestar-se contra as guerras civis. Ele lamenta e condena a Farroupilha e a Revolução de 23, mas é para a Revolução de 93 que reserva as palavras mais acres e sua maior desaprovação. Menciona o período como “dias fratricidas”, “página sombria”, “tragédia cruciante”, “quadra dolorosa”. Estes conceitos podem, ao menos em parte, ser decorrência da maneira como a Revolução Federalista marcou a sua vida e a de muitos de seus familiares e amigos. Por outro lado não deve ser esquecido o impacto desse conflito na vida política passofundense e no consequente delineamento das facções políticas locais. Porém, se existem razões de ordem pessoal, familiar e social, suficientes para que a opinião de Antonino Xavier seja compreendida, é oportuno notar que no contexto da historiografia rio-grandense, é desse mesmo modo que, via de regra, a Revolução de 93 é considerada, a ponto de “muitos historiadores rio-grandenses, entre os quais Souza Docca, recusarem-se a descrevê-la”<sup>197</sup>.

### 3.2.4 Os indígenas

No capítulo anterior desta monografia foi destacado o papel marginal e negativo ocupado pelo indígena na historiografia passofundense e quanto para isso influíram os escritos de Antonino Xavier. Marginal, tanto no sentido de que o indígena é colocado à margem, não mencionado, quanto no sentido de lhe ser atribuída uma função à margem, isto é, fora da sociedade. Porém, o indígena sendo uma presença real, quer dizer, concreta, sua função social não podendo ser totalmente escamoteada, é reconhecida e mencionada como negativa, porque considerada contrária ao desenvolvimento da sociedade “da raça branca” e da civilização de que esta seria portadora. Nada mais significativo desta visão que a primeira frase do primeiro escrito, Annaes do Município de Passo Fundo, dedicada aos jesuítas, agentes da civilização, e a segunda frase, onde os indígenas são o objeto da ação civilizadora: “Foram os jesuítas os primeiros civilizadores” ... “arrancando das trevas do barbarismo os indígenas”<sup>198</sup>.

De acordo com essa interpretação, a História da região Missioneira e por consequência a História de Passo Fundo, inicia no século XVII com os europeus (no caso jesuítas) como sujeitos e, prossegue com “o vandalismo dos bandeirantes que percorriam os sertões à cata de índios para vender como escravos”<sup>199</sup>. No século XIX, “o povoamento do território pela raça branca” é retardado pela ação de “índios bravios e traiçoeiros”, os quais revelam-se “um obstáculo formidável ao ingresso

---

<sup>195</sup> Ney Eduardo d’AVILA, “A Revolução Federalista de 1893 na Visão do Historiador Passo-fundense Antonino Xavier.”

<sup>196</sup> - Id. Ibid. v. 2, p. 276.

<sup>197</sup> - Glauco CARNEIRO, História das Revoluções Brasileiras, p.97.

<sup>198</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 61.

<sup>199</sup> - Id. ibid. v. 2, p. 70.



da civilização<sup>200</sup>; em consequência, Passo Fundo:

"apesar de atravessado em todo comprimento por essa estrada [dos tropeiros] não pôde ser povoado senão com demora de alguns anos, devido aos terríveis coroados, cuja cólera seria fatal ao branco audacioso que nele fosse domiciliar-se, atendendo-se à guerra sem tréguas que lastrava entre as duas raças"<sup>201</sup>.

Em 1856, ano anterior à emancipação municipal, "uma malta de índios que permaneciam rebeldes à catequese"... "assassinaram, barbaramente, o proprietário" de uma fazenda e mais seis ou sete pessoas. "Os autores desse monstruoso crime" foram perseguidos por "índios já domesticados" que mataram quase todos<sup>202</sup>. As operações armadas contra os indígenas "exterminando, às vezes, tribos inteiras"<sup>203</sup>, são vistas como atitudes legítimas dos moradores, chegando a ser descritas no folheto destinado a divulgar o município na Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908. Nesse mesmo ano de 1908, cinquenta anos após sua criação, o município de Passo Fundo contava oficialmente em sua população com 1% de indígenas, assim descritos, no mencionado folheto:

"A raça americana é representada pelos índios coroados, descendentes dos antigos dominadores do território. Conquanto ainda vivam pelas selvas, conservando uma grande parte de seus primitivos costumes, acham-se em contato com a civilização e não cometem atentados contra esta"<sup>204</sup>.

Considerando-se que, em 1908, a população total estava calculada em 35.000 habitantes, a "insignificante parcela" indígena seria formada por uns 350 indivíduos, tidos como "domesticados", sendo fácil supor que o território do município, então com 35.000 quilômetros quadrados, era habitado por um número maior; todavia, os "selvagens rebeldes à catequese" não eram contados como gente do Município.

Outrossim, nos escritos de Antonino Xavier não se encontra refletida a participação do indígena nas realizações creditadas apenas à "raça branca". A "abertura" de caminhos é consignada ao "tino de viajante prático", ora de perspicaz tropeiro paulista, ora de arguto padre jesuíta (da mesma forma que outros autores elegem um denodado alferes curitibano!); ao índio o máximo concedido é ajudar as mulas carregar a tralha do branco. Não é mencionado o conhecimento transmitido ao branco pelo indígena a respeito de frutos e raízes comestíveis, ervas e drogas medicinais. O artesanato indígena é visto apenas como um expediente de nômades. Mesmo a notória participação do indígena na escolha dos lugares e consequente denominação, não é reconhecida. Exemplo mais cabal é o próprio nome "Passo Fundo", a propósito do qual Antonino Xavier considera apenas a versão de que seria derivado da designação dada pelos tropeiros ao vau (passagem) do rio, no lugar onde atualmente está a ponte da Avenida Brasil Leste. A denominação kain-gâng Goio-En (muita água, rio fundo), que corresponde à denominação guarani Uruguai (água funda), é descartada e considerada nada mais que uma "coincidência digna de nota":

"O fato assim notado não podia, entretanto, concorrer para que o antigo Uruguai-mirim recebesse do elemento luso-brasileiro o nome que tem, de vez que os referidos índios só vieram a ser convertidos à civilização muito depois de começado o povoamento destas plagas pelo mesmo elemento"<sup>205</sup>.

---

<sup>200</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 71.

<sup>201</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 74.

<sup>202</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 79.

<sup>203</sup> - Id. *ibid.* v. 1, p. 63.

<sup>204</sup> - Id. *ibid.* v. 1, p. 78.

<sup>205</sup> - Id. *ibid.* v. 1, p. 265.

O argumento, além de ingênuo, denota a visão a respeito dos indígenas, uma visão preconceituosa, de vez que “desbravadores” e “descobridores” de caminhos e veredas foram guiados por índios “matreiros”, isto é, conhecedores. Também os tropeiros-ervateiros faziam-se acompanhar por índios, e muitos “agregados” dos primeiros moradores eram indígenas ou mestiços. Basta um estudo do vocabulário doméstico e campeiro da região, para aquilatar a participação do kaingáng e do guarani, com predominância do primeiro. O kaingáng, por exemplo, contribuiu fortemente para a diferenciação entre o gaúcho serrano típico do Planalto Médio rio-grandense e Oeste catarinense e o gaúcho da região da Campanha<sup>206</sup>.

A visão preconceituosa de Antonino Xavier leva-o a narrar, de modo não crítico, como se fosse um episódio da História passofundense, uma piedosa lenda sobre a capela de Nossa Senhora da Conceição, na qual índios coroados desempenham não só o papel de traiçoeiros, sanguinários e covardes, mas o de perfeitos imbecis. Em “Aritmética Errada”<sup>207</sup> um grupo de bugres, armado cada qual com um “tremendo cacete”, resolveu perpetrar um assalto ao povoado de Passo Fundo. Um dos silvícolas trepou num alto pinheiro para vigiar e ficou espantado com tanta gente que viu sair de uma única casa. Era domingo, e o que era raro, um padre havia vindo de Cruz Alta, atraindo toda população do lugar e dos arredores à capela. “Se cada casa da povoação tinha assim tanta gente” era impossível efetivar o “plano diabólico”, teriam decidido, “visto ser tática invariável desses índios só atacar com pronunciada superioridade numérica”. O texto, datado de 8 de agosto de 1923, 66 aniversário da emancipação municipal, conclui com uma frase, verdadeiro brilharete: “Eis como, por uma errada multiplicação, a aritmética dos coroados salvou a nascente povoação”. Há também o do bichará (pala grosseiro) que enganava os índios<sup>208</sup>.

### 3.2.5 Os escravos negros

A obra de Antonino Xavier é, também, fonte bibliográfica apreciável para a construção da História dos Escravos e da Abolição na área do primitivo Município do Passo Fundo<sup>209</sup>.

No ano da Abolição da Escravatura Antonino Xavier completou doze anos de idade. Estava ligado por laços de parentesco e de amizade, tanto a proprietários de escravos, quanto a ativistas do movimento abolicionista passofundense. Da infância na Fazenda Boa Vista do Forquilha, em Lagoa Vermelha, recorda o episódio da passagem da bandeira “reunindo fundos para festa religiosa”, no qual existe a seguinte referência a escravos: “saindo a recebê-la e beijando-a, no pátio fronteiro, toda a família e escravatura da casa”<sup>210</sup>. Em toda obra é a única referência a escravos pertencentes a seus familiares.

Baseado em recenseamentos, Antonino Xavier informa: em 1858 e escravos representavam cerca de 20% da população total passofundense, havia então 1.692 escravos e 127 libertos num total de 8.208 habitantes<sup>211</sup>; em 1908, portanto, cinquenta anos depois, raça negra constituía menos de 5% da população, cerca de 1.400 negros num total de 35 .000 habitantes<sup>212</sup>. Também são consignados 15% de mestiços, sem indicações da origem étnica, mas, certamente, com importante participação da raça negra. A origem da população escrava passofundense é por ele assim explicada: “Inicialmente constituída pelos povoadores luso-brasileiros que, a partir de 1827, da província de São Paulo e sul dessa, atraídos pela existência, aqui, de vastos campos devolutos, neles vieram estabelecer-se; a escravatura que trouxeram, [era] sem dúvida numerosa”<sup>213</sup>.

Antonino Xavier adita que, após 1834, começou a “penetração estrangeira” e “paralelamente, avolumou-se a penetração do brasileiro genuíno, procedente de outras comunas rio-grandenses”<sup>214</sup>. São os dois fatores a que atribui a gradativa redução da raça negra no município, em termos percentuais, desconsiderando, destarte a miscigenação e os fatores que possam ter concorrido para uma redução também em números absolutos.

---

<sup>206</sup> - Pedro A. V. da FONSECA, A Formação do Gaúcho, p. 86.

<sup>207</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 209-10; ver tb. Delma R. GEHM, op. cit. v. 1, p. 16; e Elli BENINCA, op. cit. p. 19.

<sup>208</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 217-8; e v. 3, p. 201-3.

<sup>209</sup> - Ney Eduardo d'AVILA, “Escravos e Abolição no Município do Passo Fundo nos Escritos do Historiador Antonino Xavier”.

<sup>210</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 3, p.213 (grifo nosso).

<sup>211</sup> - Id. ibid. v. 2, p. 83; ver supra p. 52.

<sup>212</sup> - Id. ibid. v. 1, p. 66.

<sup>213</sup> - Id. ibid. v. 2, p. 302.

<sup>214</sup> - Id. ibid. v. 2, p. 304.

Em diferentes escritos, Antonino Xavier refere, descreve e emite opiniões a propósito do escravo negro, do trabalho servil e da Abolição da Escravatura. Mas é, sobretudo, em Annaes do município de Passo Fundo que história, com maiores detalhes, a atividade abolicionista na Vila e nos distritos de Passo Fundo<sup>215</sup>. Da análise da obra editada conclui-se que orientou a pesquisa e a produção historiadora sobre este tema, notadamente, para os atos abolicionistas da sociedade civil e do poder público passofundenses. Merecem destaque especial, em seus escritos, a Sociedade Emancipadora, entidade fundada por meia centena de pessoas, quase todos moradores na Vila, e a Câmara Municipal de Vereadores.

Antonino Xavier, praticamente, não dispensou atenção à vida cotidiana dos escravos, dos libertos e dos seus descendentes. Nada refere a respeito do relacionamento senhores-escravos. A História do abolicionismo passofundense, que narra, enaltece a postura do branco e nada diz da luta dos dominados. A libertação dos cativos é atribuída à piedade e ao liberalismo do povo de Passo Fundo, bem como aos exemplos e estímulos vindos de fora, em particular, de Cruz Alta e Porto Alegre.

Na crônica da vida municipal (Annaes; 1908) referente ao ano de 1871, Antonino Xavier escreveu:

"A escravidão, essa nódoa tristíssima que ofusca um largo período da história nacional, também encontrou em Passo Fundo um povo que se apiedasse dela, secundando para eterno orgulho do município, a sacrossanta campanha do abolicionismo, de que era supremo evangelizador no país o másculo talento desse brasileiro que se chamou José do Patrocínio. A ideia generosa da redenção dos cativos, tomou pela primeira vez a forma de movimento popular no município, com a fundação da sociedade emancipadora das crianças do sexo feminino"<sup>216</sup>.

Na crônica do ano seguinte, anotou: "A Câmara [Municipal] propôs à Assembleia Legislativa a formação de um fundo para emancipação das crianças escravas"<sup>217</sup>. Decorridos doze anos, volta o tema do abolicionismo a figurar entre eventos municipais assinalados:

"A ideia abolicionista, adormecida de há anos, ressurgiu impetuosamente, avassalando o município, cujo espírito liberal, esclarecido pelo mais puro patriotismo, acabava de compreender, finalmente, que a escravidão era uma vergonha para o Brasil. A campanha benemérita" ... "como um incêndio colossal projetou seu clarão sobre todas as consciências" ... "no dia 28 de setembro [de 1884] a Câmara reunida em sessão solene, proclamou a liberdade de 300 cativos".<sup>218</sup>

Outro registro é o de que a 11 de dezembro de 1884, a Câmara expediu o seguinte telegrama ao Presidente da Província:

"No dia 2 do corrente, com mais 246 cartas de liberdade, ficou emancipada a comarca, com exceção somente dos escravos de órfãos, interditos e ausentes. Esta câmara exulta com Vossa Excelência por este faustoso acontecimento, que tanto nobilita o patriotismo

---

<sup>215</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 117-58.

<sup>216</sup> - Id. *ibid.* v.2, p.117; ver tb. Livro de Atas da Sociedade Emancipadora Passo-Fundense.

<sup>217</sup> - OLÍVEIRA, Annaes, v. I, p. 120.

<sup>218</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 146-6.

popular”.<sup>219</sup>

Em Rememorações do Nosso Passado, editado em 1949, no capítulo “Passo Fundo na Abolição”<sup>220</sup>, retoma, com maiores detalhes e acréscimo de comentários, a narrativa inserta nos Annaes<sup>221</sup>, mantendo o mesmo enfoque e os mesmos juízos de valor de 1903. No mesmo livro, no capítulo “Passo Fundo em 1888”, descreve como era a Vila naquele ano, e a única referência, ainda que indireta, à escravidão ou às suas consequências, é ao “grupo de 3 ou 4 ranchos do ‘Quilombo’, tão alegre quanto barulhento”<sup>222</sup>. Outra referência indireta é feita em “A capela do Pinheiro Torto”, cuja construção foi iniciativa de “dois pretos Generoso e Isaías, pai e filho”<sup>223</sup>. Aliás, os dois únicos negros cujos nomes figuram na obra de Antonino Xavier, igualmente, são os únicos negros passofundenses citados como participantes da Guerra contra o Paraguai, sendo Generoso, também, o único negro citado como participante da Revolução Farroupilha. As fontes utilizadas por Antonino Xavier foram o arquivo da Câmara Municipal, registros da Sociedade Emancipadora Passo-Fundense<sup>224</sup> e relatos de contemporâneos dos acontecimentos.

### 3.3 Os Trabalhos Inéditos

O objeto da presente monografia, conforme já explicitado, é a obra de Antonino Xavier, editada em vida do Autor. Todavia, durante a fase de pesquisa, constatou-se que o mesmo deixou ao falecer cerca de uma vintena de trabalhos inéditos. As informações a respeito desses trabalhos inéditos foram obtidas junto à filha e à neta do Autor, respectivamente Marina Xavier e Oliveira Annes e Marília Xavier e Oliveira Mattos, na imprensa da época, na obra de Delma Rosendo Gehm e nos trabalhos editados do próprio Autor. Alguns desses trabalhos estavam prontos para serem impressos, com os originais datilografados e encadernados com capa dura protetora. Outros, certamente ainda sem a redação final ou mesmo inacabados, foram, em parte ou no todo, extraviados após a morte do Autor. De acordo com informações obtidas são Trabalhos Inéditos de Antonino Xavier:

Anais do Município de Passo Fundo, parte II, período posterior a 1889. Segundo plano do Autor deveria ser a continuação do trabalho editado em 1908 e abranger o período da Revolução Federalista. Em Apostilas Geográficas, edição de 1935, referindo-se aos Anais, volume I, aduz, em nota de rodapé, “A continuação está por ser publicada”.<sup>225</sup> No trabalho Passo Fundo na Viação Nacional, escrito entre 1938 e 1939, consigna ter realizado pesquisas e consultado outros autores sobre a Revolução de 93, para a continuação dos “Anais”<sup>226</sup>.

Uma Grande Lição, comédia escrita no início da década de 20 e encenada no Instituto Gymnasial em 14 de julho de 1921, o texto não foi publicado.<sup>227</sup>

Três Vultos Salientes da Velha Guarda Republicana de Passo Fundo; Galeria do Passado, com mais de cinquenta estudos biográficos; Páginas Evocativas; Artigos Históricos; Trabalhos Históricos; Resumo da História de Passo Fundo; Religião e Moral; Crônicas e Trabalhos Literários em prosa, são títulos, alguns talvez provisórios, que Antonino Xavier estava preparando ainda na década de 1920, fato comprovado por alguns de seus amigos, principalmente colegas de jornalismo, os quais tiveram acesso a esses trabalhos.<sup>228</sup>

Conferências, realizadas no Instituto Gymnasial (atual Instituto Educacional) da Igreja Metodista de Passo Fundo no ano de 1923, revisadas pelo Autor em 1951 para publicação, mas permaneceram inéditas até 1991, quando foram editadas pela Universidade de Passo Fundo em convênio com o Instituto Educacional.

Breve descrição do Município de Passo Fundo, escrita para servir de “introito do album do artista-photograph sr. Cândido Avila”, enviado a um concurso no Rio de Janeiro em 1922 ou 1923, o

---

<sup>219</sup> - Id. *ibid.*v.2, p. 149.

<sup>220</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 383-90.

<sup>221</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 117-58.

<sup>222</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 405.

<sup>223</sup> - Id. *ibid.* v. 3, p. 221-3.

<sup>224</sup> - Parte desses registros encontra-se no arquivo pessoal de Xarina Xavier e Oliveira Annes, filha de Antonino.

<sup>225</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 1, p. 288.

<sup>226</sup> - Id. *ibid.* v. 1, p. 303; ver tb. “Passado Irônico”, O Nacional, 14 set. 1931; e Delma GEHM, *op. cit.* v. 3, p. 207.

<sup>227</sup> - Cf. A *Época*, 21 jul. 1921.

<sup>228</sup> - Mister OLIVIER, “Nossos Vultos”; ver tb. Alady Berlese de LIMA, “Vulto Insigne”.

texto, em original único, não foi reproduzido.<sup>229</sup>

Notas de Viagem (de Passo Fundo a Santa Catarina), iniciado na década de 1920, “condensa em sucessivas crônicas detalhes objetivos de uma incursão ao vale do rio Uruguai”<sup>230</sup>, teve continuidade em 1931 com a inclusão de crônicas sobre os municípios catarinenses de Chapecó e Cruzeiro (hoje Joaçaba), onde esteve a serviço em várias ocasiões entre 1930 e 1932.<sup>231</sup>

Passado Irônico, teria sido concluído em 1931 e, segundo noticiado, seria de “sabor levemente humorista”.<sup>232</sup>

Memórias de João D’Outroira, “livro dedicado ao esclarecimento da pré-história deste município e de seus primeiros povoadores”, encontrava-se em elaboração em 1931<sup>233</sup>. É provável que este trabalho tenha sido baseado nos depoimentos que Antonino colheu por escrito de seu avô Francisco Xavier de Castro, “graças ao qual pôde reconstituir parte importante do passado local entre 1822 e 1840”.<sup>234</sup>

Dicionário Histórico e Geográfico de Carazinho (com mapa do município), trabalho apresentado na Exposição Feira Agropecuária e Industrial de Carazinho (maio-junho de 1934). Apesar de ter sido apresentado incompleto e da comissão julgadora haver se manifestado “sem autoridade para dizer do seu mérito” o trabalho foi agraciado com diploma de honra e medalha de ouro<sup>235</sup>. Este dicionário permaneceu inacabado e inédito até 1992, quando foi publicado pela Universidade de Passo Fundo, com apoio financeiro da Prefeitura Municipal de Carazinho, uma edição revista, atualizada e complementada.

Dicionário Histórico e Geográfico de Passo Fundo. “Idêntico [ao anterior], porém mais vasto trabalho, foi há pouco terminado pelo autor [Antonino Xavier] com relação ao município de Passo Fundo”<sup>236</sup>. Atualmente o Grupo de Trabalho encarregado do Projeto “Resgate da Obra de Francisco Antonino Xavier e Oliveira” está elaborando a revisão histórica, geográfica e ortográfica dos originais deste dicionário, com vistas a uma futura publicação.

Dias Idos, “conjunto histórico variado a que adicionarei, também, alguns clichês com ele relacionados”, estava concluído em 1935, e seria o segundo fascículo da série “Passo Fundo Histórico e Geográfico”, mas, acrescentava o Autor “há necessidade, ainda, de meios pecuniários”.<sup>237</sup>

Dias Tristes. “História da revolução de 1893. Aproveita os originais já começados para o 2º vol. dos Annaes e as notas em [...] Adaptar, se possível, um mappa demonstrativo das operações. Retratos e vistas fotográficas”.<sup>238</sup>

Album dos Estrangeiros, foi planejado em 1931 para servir de complemento à série de artigos “O Elemento Estrangeiro no Povoamento de Passo Fundo”. Esse trabalho que pretendia incluir “o estudo do elemento estrangeiro na vida econômica, política e social do Município” deve ter ficado inconcluso<sup>239</sup>.

São, portanto, vinte e um títulos inéditos<sup>240</sup> cujo registro é ora feito com o objetivo de chamar a atenção para esta parte da obra de Antonino Xavier que talvez represente uma quantidade substancial de seus escritos.

---

<sup>229</sup> - Cf. A Época, 1 jan. 1924.

<sup>230</sup> - Sady Raphael SAADI, “Aspectos da economia serrana. Através a palavra de um velho estudioso”.

<sup>231</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 1, p. 25; ver tb. Id. “A Revolução em Sta. Catharina”; Delma GEHM, op. cit. v. 3, p. 207; Diário da Manhã, 23 nov. 1956.

<sup>232</sup> - O Nacional, 14 set. 1931.

<sup>233</sup> - O Nacional, 14 set. 1931 e 23 nov. 1954; ver tb. Diário da Manhã, 23 nov. 1956.

<sup>234</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 1, p. 297.

<sup>235</sup> - Jornal da Serra, 10 maio 1934; Correio do Povo, 5 jun. 1934 OLÍVEIRA, Dicionário Histórico e Geográfico de Carazinho, p. 75, 83-4.

<sup>236</sup> - Jornal da Serra, 10 maio 1934.

<sup>237</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 1, p. 261 (grifo nosso).

<sup>238</sup> - Vide supra nota 194.

<sup>239</sup> - Id. ibid. v. 2, p. 285; ver tb. Delma GEHM, op. cit. v. 3, p. 207; O Nacional, 8 set. 1976; e Diário da Manhã, 7 ago. 1970.

<sup>240</sup> - Não apenas dez como está indicado na reedição da UPF de 1990, vide “Obs.” no rodapé da p. 28 de cada volume.

## CAPÍTULO IV

### O HISTORIADOR ANTONINO XAVIER E SUA OBRA NO CONTEXTO DA HISTOGRAFIA LOCAL E REGIONAL

*Incorruptam fiedem professis neque amore  
quisquam et sine ódio dicendus est.*

#### 4.1 Um historiador municipal

Definido como historiador municipal o historiador dedicado à história local circunscrita ao território do município, sem dúvida, Antonino Xavier cabe por inteiro nesta definição. Ao longo de mais de meio século dedicou-se à pesquisa e divulgação da história de sua terra e sua gente, a história de sua terra natal que no seu dizer “jazia ainda à espera de quem a exumasse das brumas do passado”<sup>241</sup>. Além disso, como já foi salientado, os escritos de Antonino Xavier referem-se sempre a fatos da história local, mesmo quando tratam de questões de âmbito mais amplo. Outrossim, seu público preferencial sempre foi o público passofundense.

A difusão da História Municipal concebida por Antonino Xavier não se operou apenas mediante a edição de seus “livrinhos”, mas fundamentalmente, em função do rol desempenhado pelo Autor no seio da sociedade local e regional: Na imprensa local e estadual, ora como jornalista (cuja produção ainda não pôde ser avaliada em sua totalidade), ora como entrevistado ou pessoa-fonte. Da década de 1930 em diante foi comum correspondentes e repórteres de periódicos da capital e do interior do Rio Grande do Sul valerem-se dos conhecimentos do historiador, então já consagrado, para produzirem textos sobre Passo Fundo e/ou região serrana (Planalto Médio).

Afora a palavra escrita, Antonino Xavier também serviu-se com desenvoltura da palavra falada para divulgar sua História Municipal. Ele a difundiu em suas aulas, em suas conferências, em seus discursos e em suas exposições coloquiais. Quando um forasteiro chegava para ocupar um cargo ou função importante de pronto era aconselhado a procurar o “seu” Antonino e ouvir dele a “explicação” do burgo e seu povo. “... Se o Sr. não conhece ainda Antonino Xavier, não conhece Passo Fundo e sua gente”.<sup>242</sup>

Torna-se fácil compreender, com base nestas constatações, a significativa influência exercida por Antonino Xavier na formação de uma consciência histórica local. Consciência esta assimilada como dado objetivo. Não que esse fosse o entendimento do Autor (vide infra: A concepção de História em Antonino Xavier). No entanto, foi dessa forma que foi captada, aceita e introjetada pela sociedade passofundense. Embora o grupo social dominante não fosse homogêneo e Antonino Xavier estivesse claramente ligado a uma das facções, dentro da qual ocupava posição de destaque, sua versão da história municipal, no conjunto, foi assumida pela globalidade social. As discrepâncias (não poucas), fomentadoras das polêmicas, até o momento inconclusas, reportam-se a detalhes, em especial, a ação dos “heróis” da história local e regional.

Trata-se portanto de uma História local escrita e oralizada pelo mesmo autor, onde o texto escrito precede o discurso e cujo Autor possui tipicidades bem características de historiador municipal interiorano: é um autodidata, trechos de sua História integraram-se ao senso comum local, mas sua obra, à exceção de alguns especialistas, é desconhecida para além da área historiada.

#### 4.2 Uma historiografia regional

Antonino Xavier foi o fundador da historiografia do vasto território do primitivo município criado em 1857, com a extensão de oitenta mil quilômetros quadrados onde hoje situam-se em torno de uma centena de municípios<sup>243</sup>. Em relação a esta área a obra de Antonino Xavier representa o nascedouro de uma historiografia regional comum, em consonância com a interação de seus processos históricos. Desde esse enfoque, ela transcende o estritamente local passando a vincular-se à construção da

<sup>241</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2. d. 59.

<sup>242</sup> - Sady M. da SILVA, “Saudação a Antonino Xavier”.

<sup>243</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 81; v. tb. supra c. II it. 2.1.3 p. 50-1; Anexos IV “Mapa da situação aproximada do primitivo município” e V “Relação dos Municípios”.

História de municípios e localidades de significativa parte do norte do estado do Rio Grande do Sul.

"Obra grandiosa de um cuidadoso examinador dos atos locais e que deu à história regional e da terra uma validade de alto nível"<sup>244</sup>.

#### 4.3 A concepção de História em Antonino Xavier

O exame do conjunto dos trabalhos editados de Antonino Xavier permite concluir que ele não partiu de uma concepção teórica previamente elaborada ou adotada e que seus escritos têm base empírica em textos tomados por modelo de escrita da História. Isto, porém, não o impediu de ensaiar algumas teorizações a propósito da produção da História. Em raros e breves trechos, inseridos em geral nos prólogos de alguns trabalhos, é possível perceber sua compreensão da pesquisa e da escrita da História. Aí, deixa claro que seu trabalho não era definitivo, a ponto de considerar alguns "simples esboços", dispondo-se a acatar críticas, retificações e "o julgamento dos competentes", tendo em vista que:

"A história de um povo não é assunto que se possa elucidar à primeira investida, sem o concurso de outros obreiros e as ponderações judiciosas da crítica sensata"<sup>245</sup>

Em alguns trechos a visão teórica de Antonino Xavier apresenta-se em linguagem plena de figuras de retórica. É o caso quando, em 1937, refere-se às dificuldades encontradas para fazer o retrospecto da história de Passo Fundo desde a municipalização:

"Ponderada a vastidão do campo e o nevoeiro que sobre ele paira dificultando, em certos pontos onde mais se adensa, uma visão clara dos fatos e circunstâncias, de cujo conhecimento dependem as conclusões, que tenham de ser formuladas. (...) A tarefa, pedindo rigor histórico (...) de certo que superaria o alcance restrito da minha penetração. A deficiência, porém ao contrário de gelar a cogitação que nascera em meu espírito, a aquecia com a consideração de que, em primeiro lugar, não seria justificável que eu, tendo reunido no passado conterrâneo o cabedal, não pequeno constante de trabalhos próprios já publicados e por publicar, por simples receio de insucesso deixasse de utilizá-lo de tal maneira; e em segundo, que se, em História, como em qualquer outro ramo de ciência, os resultados colhidos eram sempre relativos, jamais absolutos, seguia-se que o meu esforço no tema, embora não sendo coroado de êxito, não deixaria, entretanto, de constituir relatividade que, apesar de humilde, bem poderia formar o esqueleto em que, com as correções reclamadas por deformidades quaisquer, o futuro buscasse plasmar o corpo integral da vida passofundense em tão largo período, realizando obra mais perfeita"<sup>246</sup>.

O trecho citado, de acordo com os parâmetros teóricos estabelecidos por Antonino Xavier, além de ser uma justificativa, é uma autocrítica. De igual teor é o trecho do artigo de apresentação da série "O Elemento Estrangeiro no Povoamento de Passo Fundo", publicada em 1931:

---

<sup>244</sup> - Dante de LAYTANO, "Prefácio" In: OLIVEIRA, Annaes.

<sup>245</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2. d. 59.

<sup>246</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 289.

"Como é de compreender para quem a vista projete ao dilatado espaço de tempo a que tive de descer para a pesquisa normal e cronológica do aludido fator, não se pode admitir que trabalho desta natureza se apresente desde logo, em feição definitiva. Pretendê-lo seria não levar em conta a dificuldade imensa que o filão a explorar oferece, principalmente quando, como acontece, desaparecidos são já tocos aqueles sobre os quais o inquérito há de recair, daí resultando que o pesquisador terá de fazer a mineração histórica adstrito ao processo indireto, recorrendo a um grande número de informantes e cotejando-os para, assim poder chegar a conclusões que, salvo exceções raras, serão sempre, no ponto de vista cronológico, meras aproximações. O exposto não obsta, porém, que se desçam os degraus do passado e, encontrado o primeiro marco da pesquisa, de lá, rompendo névoas em que a cada passo se erguem visões enternecedoras para a alma passofundense de mineiro, se venha rastreando a marcha da gente de além-mar e assinalando, no tempo e no espaço, a sua fixação".<sup>247</sup>

#### 4.4 A escrita da História

Antonino Xavier aprendeu a escrever História lendo obras de História regional e do Brasil. É possível deduzir das poucas indicações feitas que teria lido, entre outros: Alfredo Varela, João Maia, Evaristo Affonso de Castro, Southey, Visconde de São Leopoldo e Conego Gay, antes de escrever seu primeiro trabalho *Annaes do Município do Passo Fundo*, editado em 1908.

Os primeiros trabalhos de Antonino Xavier são meras descrições. Ao longo de toda obra predominam a narrativa e a cronologia em detrimento da análise. A carência de análise é mais notória nos trabalhos iniciais. Em trabalhos elaborados a partir da década de 1920, por exemplo, nas duas monografias sobre a Revolução Farroupilha, surge a preocupação não apenas com a análise dos factos, mas também, com a análise e a crítica de textos de outros autores. A carência de análise faz com que as suas crônicas se limitem, via de regra, à fixação da tradição popular ou das opiniões de seus informantes, sem uma análise crítica. Algumas são transcrições eruditas do senso comum, sem que o Autor submeta-o a exame crítico. Servem de exemplo as crônicas a respeito dos indígenas, como "Aritmética Errada" e o bichará do vaqueano<sup>248</sup>, e a crônica "Um Recurso do Cabo Neves"<sup>249</sup>. Idêntica prática verifica-se em trechos de narrativas históricas<sup>250</sup>. Um fato que chama atenção é Antonino Xavier haver "nomeado" Pedro Vargas fundador de Carazinho, sem possuir evidências históricas e baseado apenas em uma pia tradição da família Vargas.<sup>251</sup>

Excluídos os dois trabalhos editados em 1908, a *Oração ao Mate* e as duas monografias sobre o período farroupilha, os trabalhos de Antonino Xavier editados até 1957, em sua maior parte, são artigos jornalísticos, avulsos ou em série, posteriormente publicados em forma de livro. Em geral, o Autor atualizava os dados e a ortografia (quando necessário) e acrescentava notas de rodapé. De feito, o texto mantinha-se idêntico ao redigido para o jornal. Isto permite entender desníveis facilmente assinaláveis no conjunto da obra, seja na linguagem, seja no tratamento do relato. Também, pode

---

<sup>247</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 253; ver tb. *O Nacional*, 25 set. 1931.

<sup>248</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 209-10 e 217-8; ver supra p. 95.

<sup>249</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 203-4; ver supra p. 42-3, nota 88.

<sup>250</sup> - Compare-se: as crônicas sobre os indígenas com trechos dos cap. I e II dos *Annaes* e a crônica sobre o Cabo Neves com o início do texto II de *O Elemento Estrangeiro* In: OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 67-79, 254-5, respectivamente.

<sup>251</sup> - Id. *ibid.* v. 1, p. 105, e v. 2, p. 121; Id. *Dicionário*, p. 114; ver Pedro A. V. da FONSECA, *op. cit.* p. 106-12.



explicar porque quando os escritos são examinados na sequência temporal de publicação não se destaca um aprimoramento metodológico gradual.

A prática de acrescentar notas de rodapé nos artigos jornalísticos quando inseridos em livro revelou-se, metodologicamente, uma péssima solução. Essa prática foi levada ao extremo na edição de O Elemento Estrangeiro no Povoamento de Passo Fundo<sup>252</sup>, há páginas onde as notas ocupam dois terços do espaço destinado ao texto. Considerando que as notas foram impressas em padrão tipográfico reduzido, é possível calcular que o texto editado contém o dobro dos vocábulos do texto jornalístico. É lícito questionar qual a razão para o Autor, neste e em outros trabalhos, deixar de elaborar um novo texto com base no texto jornalístico, porém, com tratamento mais adequado. No parágrafo final do texto editado o Autor escusa-se por não haver dado ao mesmo “melhor feição”, aditando em uma última nota de rodapé:

"Por falta de tempo, não pôde o autor elaborar e reunir a segunda parte" ... “se limitando, por isso, a revê-lo, corrigindo-lhe as imperfeições extrínsecas mais sensíveis, acrescentando pequenos detalhes e notas e, como era necessário, atualizando-o”<sup>253</sup>.

#### 4.5 As fontes

A obra de Antonino Xavier, embora limitada pelo autodidatismo está, no fundamental, amparada em copiosa documentação e pesquisa. Vale-se da dedução apenas quando lhe faltam dados informativos, mas este é um recurso do qual faz pouco uso. Dante de Laytano considera-o “um historiador iniciado no descobrimento dos papéis da antiguidade local, [sua obra está] toda ela erguida sobre os firmes alicerces dos documentos”<sup>254</sup>.

A forma como Antonino Xavier escreveu História, corrente na época, principalmente entre autodidatas como ele, impossibilita a identificação das fontes de cada um dos textos. Porém, malgrado o modo assistemático como estão indicadas, é possível estabelecer e classificar as fontes mais significativas utilizadas no conjunto da obra. A primeira indicação encontra-se, conforme já referido, na página de rosto dos Annaes, edição de 1908<sup>255</sup>. A quase totalidade das indicações está em algumas notas de rodapé. Há também indicações de fontes no corpo de alguns textos.

"A distinção entre fontes primárias e secundárias tem caráter epistemológico e metodológico”<sup>256</sup>. É a partir deste pressuposto e com idêntico objetivo que os vários tipos de fontes usadas são aqui classificadas em primárias diretas e secundárias.

##### 4.5.1 Fontes primárias

As principais fontes primárias de Antonino Xavier foram a documentação escrita pública e particular, a tradição popular, o inquérito oral e a fotografia, além da pesquisa e observação in loco de sítios e panoramas.

###### 4.5.1.1 A documentação escrita

Antonino Xavier usou principalmente a documentação escrita oficial à qual teve acesso direto em razão dos cargos e funções desempenhados no Município. Essa documentação oficial compreende, em especial, a documentação da Câmara e da Intendência (posteriormente, Prefeitura) Municipal, dos diferentes cartórios da Comarca e de diversos órgãos estaduais e federais com delegação ou serviços em Passo Fundo, de que é exemplo a Junta Seccional de Recenseamento.

Outro tipo de documentação escrita a que Antonino Xavier teve acesso direto foram os livros de atas e outros registros de sociedades civis: beneficentes, culturais, político-partidárias e comerciais. Igualmente, pôde tomar conhecimento de documentos particulares que lhe foram facultados por familiares, amigos e correligionários.

Antonino Xavier detinha em seu arquivo particular os originais ou cópias de parte considerável dos documentos escritos de que fez uso.

---

<sup>252</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p.251-85.

<sup>253</sup> - Id. ibid. v. 2, p. 285.

<sup>254</sup> - Dante de LAYTANO, loc. Cit.

<sup>255</sup> - Ver supra p. 75 e 106.

<sup>256</sup> - Ciro CARDOSO, op. cit. p. 96.

#### 4.5.1.2. Tradição popular e inquérito oral

Excluída a documentação escrita, a fonte primária a que Antonino Xavier lançou mão com maior frequência foi, sem dúvida, a tradição oral ou tradição popular (ele usa os dois termos como sinônimos). No capítulo I dos *Annaes* (1908) assinala: "tradição popular, uma das fontes de que se apropria o historiador para a reconstrução das eras passadas".<sup>257</sup> A recolha e fixação da tradição popular em seus escritos é ou grandes contribuições de Antonino Xavier à historiografia passofundense. "A tradição oral é uma das mais ricas fontes da história local"<sup>258</sup>.

Além da tradição popular Antonino Xavier recolheu depoimentos de contemporâneos mais idosos. Seria, porém, incorreto afirmar que Antonino Xavier fez uso da História Oral, tendo em vista ser esta definida hodiernamente como "uma técnica de obtenção de informações históricas na qual o historiador guia a entrevista gravada com pessoas que tenham tido experiência e vivência importantes em determinados eventos históricos"<sup>259</sup>. Essa técnica, ao possibilitar o registro magnético da voz do depoente e posterior transcrição em documento escrito, permite a conservação e o controle das memórias oralizadas recolhidas. Este não é o caso dos depoimentos utilizados por Antonino Xavier.

Não dispondo dos atuais recursos tecnológicos para a realização de entrevista gravada, nem tendo empregado uma metodologia capaz de permitir o controle dos depoimentos, Antonino Xavier não realizou História Oral, ao menos de acordo como aqui está conceituada. Isto não invalida sua prática de inquérito oral. "Ouviu inúmeras pessoas antigas do Município" ... "das quais obteve preciosos elementos informativos"<sup>260</sup>. Do exame dos cadernos de notas, folhas avulsas e fichas deixados por Antonino Xavier concluiu-se que sua prática consistia em entrevistar pessoas conhecedoras do assunto pesquisado, ouvia-as e registrava por escrito, resumidamente, as informações selecionadas.

Dentre as "pessoas antigas" ouvidas a mais importante (não só pelo aspecto sentimental, mas também pelo cabedal de informações) deve ter sido o avô materno, Francisco Xavier de Castro. Em diversas passagens Antonino Xavier indica como fonte "um velho tropeiro curitibano": é a fórmula empregada para referir-se ao avô materno, de quem obteve a informação<sup>261</sup>.

Em várias notas de pé de página e em trechos no corpo de relatos Antonino Xavier identifica, inequivocamente, o avô, o "chiru" de cuja memória valeu-se:

"Antigo morador desse município, falecido a 15 de outubro de 1908, na sua fazenda de Três Capões, caminho desta cidade a Marau. O autor deste trabalho, seu neto, per escrito colheu o seu depoimento histórico, graças ao qual pode reconstituir parte importante ir passado local entre 1822 e 1840"<sup>262</sup>.

A proeminência de Francisco Xavier de Castro na reconstrução historiográfica do passado passofundense empreendida pelo dileto neto, fica patente neste trecho de 1922:

"Um velho da antiga têmpera, que morreu beirando os cem anos e foi, pela sua longa idade, clara memória e verdadeira palavra, um dos mais entendidos guias que o cantor de agora teve na sua viagem para trás do tempo"<sup>263</sup>

As demais pessoas-fonte estão identificadas, em regra, pelo nome. Neste caso Antonino Xavier também é sistemático, tendo se valido das memórias de inúmeras pessoas-fonte, apenas parte delas é nomeada e com diferentes graus de identificação. Há as citadas de modo explícito, como se verá a seguir, e as inominadas, cuja referência restringe-se a dados do tipos: "meu

<sup>257</sup> - OLIVEIRA, Annaes. v. 1. 2. 68.

<sup>258</sup> - J. Honório RODRIGUES, Teoria da História do Brasil, p. 151.

<sup>259</sup> - Carlos Humberto CORRÊA, Catálogo de História Oral, p. 5; e História Oral, teoria e técnica, p. 13-8.

<sup>260</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 366.

<sup>261</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 201; ver tb . v. 1, p. 286 e 297-8; v. 2, p. 198, 220, 265, 267, 353, 359; v. 3, p. 92-3.

<sup>262</sup> - Id. *ibid.* v. 1, p. 297.

<sup>263</sup> - Id. *ibid.* v. 3, p. 92.

informante”, ou “um morador antigo do lugar”, ou “pessoa antiga da terra”<sup>264</sup>. Em alguns relatos do Autor científica haver entrevistado várias testemunhas, sem nominá-las: “pessoas antigas das redondezas”<sup>265</sup>, e ainda “no inquérito” ... “houve quem me dissesse”<sup>266</sup>. Também há referências do tipo desta nota ao relato de uma “façanha” do Cabo Neves:

“Narrativa do velho Chico Preto contemporâneo dos primeiros dias do povoamento do nosso território pelo elemento brasileiro, que morava no Passo d'Areia [entre Valinho e Bela Vista], onde faleceu já há anos”<sup>267</sup>.

No conjunto da obra o Autor enuncia, explicitamente, as seguintes pessoas-fonte: o tenente-coronel Lucas José d'Araújo e Cândido d'Araújo Schell (filhos do capitão Manoel José d'Araújo), Joaquim Alves de Oliveira, Camila Duarte Pimentel, Antônio Ribeiro Pinto Deiró, Pedro Paulo de Oliveira, Ignácio Ribeiro de Oliveira, Joaquim Lourenço Marcondes<sup>268</sup>, Pantaleão Ferreira Prestes (neto do Cabo Neves)<sup>269</sup>, Adriano José Mathias<sup>270</sup>, Polybio Fortunato do Vale<sup>271</sup>, e João Paz<sup>272</sup> a propósito da Revolução Farroupilha em território passofundense; Jorge Meister (subscritor da ata de fundação da sociedade abolicionista criada em Passo Fundo em 1871) a propósito da campanha pela Abolição no município<sup>273</sup>; Pedro Pereira dos Santos (um dos cinco eleitores que sufragaram votos republicanos em Passo Fundo no início da década de 1880) a propósito da propaganda em favor da República no município<sup>274</sup>; Leonel O. Lima (entrevistado em Curitiba)<sup>275</sup>, e Manuel Amâncio Teixeira<sup>276</sup>, a propósito da Comissão de Estudos (1890-91) do traçado da linha férrea R5-SP; Guilherme Morsch, e propósito do casal Schell e da fundação da loja maçônica<sup>277</sup>; Bento Isaías, a propósito do avô Generoso e do pai Isaías e da ereção da capela de São Miguel no Pinheiro Torto<sup>278</sup>.

#### 4.5.1.3 A fotografia

A fotografia foi usada por Antonino Xavier tanto para ilustrar seus trabalhos (tarefa dificultada por inexistir na cidade uma oficina de clichéria), quanto como fonte primária, tendo com este objetivo reunido um razoável acervo de fotos de pessoas, de prédios, de logradouros e de panoramas. Em sua maioria são trabalhos do Atelier Fotográfico de Cândido Ávila (as mais antigas) e da Foto Moderna, dos Czamanski (as mais recentes). Parte dessas fotos permanece em boas condições de conservação no arquivo pessoal da filha Marina Xavier e Oliveira Annes, onde igualmente encontra-se parte da documentação escrita acima referida. Infelizmente, após o falecimento de Antonino Xavier, porção substancial do seu arquivo (conforme já assinalado) foi extraviada.

#### 4.5.1.4 A observação in loco

Valendo-se dos conhecimentos de tropeiro, Antonino Xavier aproveitou as missões de que foi incumbido para percorrer o território e regiões adjacentes, observando e colhendo informações in loco. É este o recurso básico que utilizou, por exemplo, para inventariar e descrever a flora e a fauna do município. Igualmente, é a observação direta que lhe permitia a riqueza de detalhes, a precisão (levada em conta a carência de recursos técnicos e metodológicos de que dispunha) com que

---

<sup>264</sup> - Id. *ibid.* v. 3, p. 199.

<sup>265</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 218.

<sup>266</sup> - Id. *ibid.* v. 3, p. 183.

<sup>267</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 204.

<sup>268</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 366.

<sup>269</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 361.

<sup>270</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 224 e 352.

<sup>271</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 372 e 375.

<sup>272</sup> - Id. *ibid.* v. 1, p. 276.

<sup>273</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 390.

<sup>274</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 393.

<sup>275</sup> - Id. *ibid.* v. 1, p. 319.

<sup>276</sup> - Id. *ibid.* v. 1, p. 323.

<sup>277</sup> - Id. *ibid.* v. 2, p. 256 e 270.

<sup>278</sup> - Id. *ibid.* v. 3, p. 223.

assinala em seus trabalhos os acidentes geográficos e as vias de comunicação.

#### 4.5.2 Fontes secundárias

De acordo com os objetivos desta monografia e da classificação adotada para as fontes considera-se fontes secundárias usadas por Antonino Xavier: livros, jornais, revistas e almanaques.

##### 4.5.2.1 Referências bibliográficas

Apenas parte das obras-fonte são referidas por Antonino Xavier e assim mesmo, apenas em alguns trabalhos. Da mesma forma que outras fontes, raramente encontram-se em seus trabalhos indicação de que determinada opinião ou informação está fundamentada em tal autor, ou foi encontrada em tal livro. Alguns trabalhos fazem referência aos autores e respectivas obras consultadas. É o caso já citado dos Annaes (1908) onde essas referências constaram na página de rosto<sup>279</sup>. E, ainda, o caso das duas monografias sobre a Revolução Farroupilha<sup>280</sup>, nas quais o Autor além de consignar referências genéricas às fontes utilizadas, esmerou-se em referências pontuais, ao molde das teses acadêmicas.

Na revisão dos textos editados de Antonino Xavier foram encontradas as seguintes referências bibliográficas formuladas de modo explícito:

ALMEIDA, Cândido Mendes de. Código Filipino.

AMARAL, Attila do. "Noras para a história das ferrovias sul-rio-grandenses". R. do Inst. Hist. e Geogr. do RS, 1 trim. 1942.

AMARAL, Victor do, MARTINS, Romário. Centenário da Colonização Alemã de Rio Negro e Mafra, 1929.

ARARIPE, [Tristão A. de]. A Guerra Civil no Rio Grande do Sul.

BOITEUX, Henrique. A República Catarinense.

CALOGERAS, Pandiá. Política Exterior do Brasil, v. 3.

CASTRO, Evaristo Affonso de. Notícia descritiva da região Missioneira, e O Gigante Missioneiro.

DUARTE, Manuel. "Santa Vitória". In: Diário de Notícias, Porto Alegre, 20 set. 1935.

FRAGOSO, Tasso. A Revolução Farroupilha.

GAY, Cônego. História da República Jesuítica do Paraguay.

GARIBALDI, José. Memórias.

KARNAL, Oscar da Costa. Subsídios para a história do município de Erechim, 1926.

LAYTANO, Dante de. A História da República Rio-Grandense.

LAXE, Cortines. Regimento das Câmaras Municipais, 2. ed. rev. p/ Macedo Soares, 1885.

LOTI, Pierre.<sup>281</sup>

MAIA, João. História do Rio Grande do Sul.

MARTINS, Romário. História do Paraná.

NEGRÃO, Francisco. "Monumentos Artísticos". Correio Ferroviário. Curitiba, n° 12, nov. 1942.

OLIVEIRA, Saturnino de Souza. As operações de Passo Fundo.

RIO BRANCO, Barão do. Efemérides Brasileiras.

RODRIGUES, Alfredo F. Almanaque do Rio Grande do Sul.

SÃO LEOPOLDO, Visconde de. Annaes da província de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

SILVEIRA, Hemetério José Velloso da. As Missões Orientais e seus antigos domínios.

SOUZA DOCCA. "Vocabulos Indígenas na Geographia Rio-grandense", R. do Inst. Hist. e Geogr. do RS, 1° e 2° trim. ano 5.

SPALDING, Walter. A Revolução Farroupilha.

SOUTHEY, Robert. História do Brasil.

VARELLA, Alfredo. Rio Grande do Sul.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo, Visconde de Porte Seguro. História I [geral] do Brasil.

WEBER, Guilherme Aloysio. "Através de Três Estados", O Gaúcho, Passo Fundo, 1906.

Estão igualmente referidos os seguintes periódicos:

Bol. do Inst. de Eng. do Paraná. Curitiba, n° 8, nov. 1935.

O Delta. [rev. do Grande Oriente do RS]. Porto Alegre, jun. 1918.

17 de Junho. [Passo Fundo, 1891]

---

<sup>279</sup> - Ver supra p. 26, nota 162.

<sup>280</sup> - OLIVEIRA. Annaes, v. 2, p. 334-77.

<sup>281</sup> - Sem ref. título, contém "impressões de sua viagem da terra dos faraós à Palestina". OLIVEIRA. Annaes, v. Z p. 190.

O Echo da Verdade. [Passo Fundo, 1890-1].  
A Federação. [Porto Alegre, 1915-29].  
O Gaúcho. [Passo Fundo, 1899-1917]  
Gazeta de Porto Alegre, dez. 1884.  
O Nacional. [Passo Fundo, 1925-...]  
O Povo, Órgão oficial da República Rio-Grandense. [Piratini, 1838; Caçapava, 1839], coleção, vol. reprod. Inst. Hist. e Geogr. RS.  
R. do Inst. Hist. e Geogr. do RS. [Porto Alegre, 1921-...]  
A Sentinela do Sul. Porto Alegre, 9 ago. 1868.

#### 4.6 Influências Recebidas

Segundo as informações recolhidas pela historiadora Delma Rosendo Ghem, o menino Francisco que depois veio a ser Antonino Xavier, foi um aluno aplicado nas classes de primeiras letras que frequentou na Vila de Lagoa Vermelha, revelando desde cedo pendor para a leitura e para a escrita<sup>282</sup>. São desconhecidas as influências intelectuais recebidas nessa época, mas sua filha Marina relata que “parentes ricos de Lagoa” teriam prometido patrocinar a continuação dos estudos (o que não aconteceu). De certeza o grande impulso intelectual foi a viagem a Sorocaba, aos onze anos de idade. Já alfabetizado, o que viu, ouviu e leu em Ponta Grossa e principalmente na feira, em meados do ano de 1888, deve ter-lhe ampliado a compreensão do mundo. A aquisição do Novo Almanaque de Lembranças deve ter sido um marco em sua vida intelectual.

##### 4.6.1 O Almanaque de Antonino Xavier

A publicação, adquirida na Feira de Sorocaba, editada em Portugal pela Livraria de Antônio Maria Pereira, estabelecida na Rua Augusta, na baixa pombalina lisboeta, além do calendário completo do ano de 1888, trazia, como era de uso nos almanaques da época, um repertório recreativo, humorístico, literário, científico, informativo e de atualidades mundiais. Na parte literária contava com a colaboração de intelectuais brasileiros do Recife, Bahia e Rio de Janeiro. Nas atualidades anunciava a invenção do fonógrafo e da fotografia instantânea. Tratava de temas como o Abolicionismo no Brasil, o inverno na Suíça, a anunciação da Virgem, a consanguinidade matrimonial. Ao todo cerca de 300 artigos. Era ilustrado com litografias.<sup>283</sup>

Nesse Novo Almanaque de Lembranças está também a chave da origem do nome do personagem desta monografia. Tendo sido batizado Francisco, nome do avô materno, também do bisavô pelo lado paterno e de vários tios de ambos os lados<sup>284</sup>, assinava Francisco Antonino Xavier e Oliveira, mas para seus contemporâneos era Antonino Xavier, ou simplesmente Antonino. Xavier é fácil explicar pela ligação afetiva e intelectual ao avô materno e a maior importância da família da mãe. O nome tão inusual quanto Antonino foi, por certo, inspirado no do bacharel português autor (organizador?) do almanaque que tanta impressão causou ao piazito serrano. Antonino Xavier Rodrigues Cordeiro era o criador daquela obra maravilhosa, um encanto para o guri ávido de saber, um modelo para seus projetos literários.

Haveria a possibilidade de outra hipótese: ligar o prenome Antonino à localidade Antonina, da comarca de Curitiba, mas, nada na biografia de Antonino Xavier ou de seus ascendentes corrobora esta hipótese.

O certo é que este inabitual prenome “Antonino” leva a frequentes enganos por assimilação ao prenome Antônio. Frequentes e mesmo surpreendentes, porquanto no livro da filha Marina figura, uma vez na página 9 e duas vezes na 81, o prenome Antonio<sup>285</sup>, do mesmo modo em ofício, datado de agosto de 1992, assinado pela neta Marília, ocorreu essa troca do prenome.

##### 4.6.2 As leituras e amizades

De volta da tropeada a Sorocaba, Antonino Xavier retornou à terra natal onde, malgrado o

---

<sup>282</sup> - Delma R. GEHM, op. cit. v. 3, p. 188-99; “Traços biográficos”, Id. *ibid.* v. 2, p. 150, não consigna as aulas em Lagoa Vermelha; ver tb. OLIVEIRA, “Autobiografia”.

<sup>283</sup> - Delma R. GEHM, op. cit. v. 3 p. 195-6.

<sup>284</sup> - Ver Anexo II “Quadro genealógico”.

<sup>285</sup> - Marina ANNES, Johann Adam Schell.

atraso cultural intelectual do povo passofundense<sup>286</sup>, encontrou um ambiente favorável ao desenvolvimento de seus dotes artísticos e literários. Na vila logo integrou-se a uma “orquestra de coros e fandangos”, da qual seu avô participava<sup>287</sup>. Também aprendeu a desenhar e pintar. Mais tarde, no Grêmio Dramático, desenhou e pintou cenários, também, pintou quadros e, quando casou, decorou as paredes da casa com pinturas, mas foi obrigado a abandonar as tintas por motivos de saúde.

As leituras, contudo, foram o “regalo” e a paixão de Antonino nessa fase e se prolongaram assim pelo resto da vida. Trabalhando durante o dia na loja do Cel. Lucas e estudando à noite na escola do professor Eduardo de Brito, ainda encontrava vagar para ler jornais, livros e até bulas de remédio. Do final de 1888 até meados de 1892; aproximou-se do grupo que constituía a “elite intelectual” da vila e do município. Foi assim que conheceu os “sócios” do (a algum tempo quase clandestino) “clube do toco de vela”, embrião do clube republicano. Frequentava o Clube Amor à Instrução e a tipografia do “Echo da Verdade”, focos das ideias republicanas. Desta forma, desde a adolescência, conviveu tanto com a política, quanto com a literatura; esta “simbiose” se manifestou, sempre harmonicamente, em seus escritos.

Excluído o Novo Almanaque de Lembranças, o livro O Poder da Vontade, de Samuel Smiles, e os jornais “O Echo da Verdade” e “A Federação”, são desconhecidas as leituras de Antonino Xavier durante este período. Entre outros, é muito provável que tenha lido livros e jornais da biblioteca do Clube Amor à Instrução<sup>288</sup>.

À segunda etapa importante na formação intelectual de Antonino Xavier inicia-se no período vivido em Porto Alegre, de maio de 1894 a setembro de 1896. O fulcro do seu interesse foi o Club Caixeiral, em particular o grupo dramático, o jornal e a biblioteca. Nesses três setores da sociedade dos caixeiros da capital, teve a oportunidade de aprimorar seus dons artísticos. Datam desse momento seus primeiros ensaios literários quando, “apesar de muito atrasado”, escreveu contos, versos e sonetos<sup>289</sup>. De volta a Passo Fundo continuou a escrever pequenas peças literárias e iniciou a pesquisa e escrita da História da “terra”. Antonino não registra na sua autobiografia, nem em outros textos, quais foram neste período suas leituras, a não ser o que refere, em 1903, nas “Fontes” dos Annaes que acabara de escrever [vide 3.2.1].

A terceira etapa, não propriamente de formação, mas de transformação e aperfeiçoamento de Antonino Xavier como historiador, ocorre a partir de 1920 com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Convém lembrar que Antonino Xavier foi um dos fundadores do IHRGS e que, na qualidade de sócio correspondente, participou das atividades daquele instituto até meados da década de 1950. Sua pesquisa e seus escritos sofrem concomitantemente uma mudança qualitativa refletida, como já foi destacado, nas duas monografias sobre a Revolução Farroupilha. A própria interpretação dessa guerra civil se modifica, tanto é que tão volta a afirmar (como ainda em 1923 fizera) que os farrapos “pleiteavam a separação do Rio Grande”<sup>290</sup>.

Nota-se de certo modo essa mudança qualitativa, também, nos dois trabalhos monográficos escritos no início da década de 1930, Passo Fundo Econômico e Passo Fundo Físico<sup>291</sup>. Pode-se em consequência afirmar que no que tange a Antonino Xavier verificou-se a ação do IHGRS, sintetizada por Moacyr Flores nestes termos:

“Uma força propulsora da pesquisa histórica, coletando documentos, promovendo cursos, congressos e publicando revista especializada. Com tendências sistematizadoras do pensamento histórico em torno da terra e do homem rio-grandense, o IHGRS revisou fatos, contestando informações errôneas, de sorte que ao longo de sua existência constituiu uma história unitária, uma individualidade em linha tradicional”<sup>292</sup>.

Nessa terceira fase da evolução de Antonino Xavier como historiador, em resultado da

---

<sup>286</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 1, p. 82.

<sup>287</sup> - Delma R. GEHM, op. cit. v. 3, p. 190.

<sup>288</sup> - Vide Anexo VI “Biblioteca do Clube Amor à Instrução”.

<sup>289</sup> - OLIVEIRA, “Autobiografia”.

<sup>290</sup> - Id. Annaes, v. 2, p. 199.

<sup>291</sup> - Id. Ibid. v. 1, p. 195-285.

<sup>292</sup> - Moacyr FLORES, op. cit. p. 10.

citação mais minuciosa de suas fontes, é possível uma avaliação mais ampla de suas leituras com base nas suas referências bibliográficas. Afora essas indicações [vide supra p. 117-9], cerca de trinta trabalhos entre livros e artigos e pouco mais de uma dezena de periódicos, encontra-se em seus escritos alusões aos *Lusiadas* de Camões, e ao *Uruguay* de Basílio da Gama<sup>293</sup>.

Não obstante, o rol é diminuto para um leitor contumaz que dedicava as horas que “sobravam da luta pela vida” a ler e escrever. Antonino Xavier levava à prática, de forma radical a máxima de Sêneca: “*Otium sine literis mors est et hominis sepultura*”. Sabe-se que Antonino Xavier foi um leitor eclético, sua principal leitura foram os livros de Direito e de História; a filha Marina lembra que os domingos eram dedicados a “leituras mais amenas”, como as da coleção “Clássicos Portugueses”, com preferência por Eça e Herculano. Ainda segundo sua filha, à noite sempre lia um texto religioso da “corrente espiritualista-teosofista”. Um roteiro para inventariar o substrato bibliográfico de Antonino poderia ser o exame do conteúdo de sua biblioteca<sup>294</sup>, tarefa impossível por dois motivos; a biblioteca de Antonino era muito reduzida e suas leituras eram de livros emprestados e o que restou de seus livros foi misturado com livros de outras bibliotecas.

Do estudo da biografia de Antonino Xavier transparecem os liames estreitos unindo sua produção literária, suas leituras e seu círculo de amigos, entre os quais, expoentes da intelectualidade da acanhada e interiorana Passo Fundo da primeira metade do século XX, fossem eles ali moradores ou estivessem de passagem em função de encargos.

#### 4.7 A propósito da publicação dos trabalhos de Antonino Xavier

Embora o tema desta monografia seja a obra editada, é pertinente fazer, também, algumas considerações a respeito dos textos que o Antonino não quis ou não alcançou publicar. É instigante o fato de um autor com predicados e vivências do quilate dos de Antonino Xavier, com duas dezenas de trabalhos editados em forma de livros, fascículos e folhetos [vide 3.2.1 e 3.2.2], e mais de uma centena de artigos em periódicos diversos, abordando ao logo de meio século variados temas da história passofundense, não haja publicado nenhum texto dedicado especificamente a um tema como a Revolução Federalista de 1893, nem dado continuidade aos *Anais do Município*. Na verdade, além de haver deixado mitos rascunhos e apontamentos, deixou uma vintena de textos prontos ou praticamente prontos para editoração, inclusive a sequência dos “*Anais do Município de Passo Fundo*” [vide 2.2].

Existem duas questões básicas a serem respondidas pela ordem: Por que Antonino Xavier não publicou os trabalhos que tinha prontos? Por que esses mesmos trabalhos não foram publicados após seu falecimento?

Quanto à primeira interrogação podem ser propostas várias hipóteses explicativas. Nenhuma dessas hipóteses consegue por si só dar uma explicação satisfatória. No entanto tomadas em bloco podem oferecer alguns esclarecimentos:

A segunda parte dos *Anais Municipais*, certamente abrangendo todo período da Primeira República, estava concluída no início da década de 1930<sup>295</sup>. Esse lapso de tempo, marcado pelas revoluções de 1893 e de 1923 e encerrado pela de 1930, impunha escolhas difíceis de serem conciliadas pelo político, pelo funcionário público e pelo intelectual, reunidos em Antonino Xavier. Talvez a busca de isenção partidária, talvez a necessidade de conciliação política, talvez o parecer do chefe, de turno na Intendência e no Partido, expliquem a indefinida postergação. Não pode ser olvidado que a primeira parte dos *Anais*, com dilemas historiográficos bem menos cruciais, depois de passar por uma comissão de revisão nomeada pelo Intendente<sup>296</sup>, ainda demorou cinco anos para sair do prelo. Trabalhos, político-partidariamente mais neutros, não aguardaram menos tempo, e só foram publicados quando a municipalidade, em função de algum evento, desejava apresentar a terra, o povo e o governo passofundenses com brilho intelectual.

De qualquer forma o conhecimento de Antonino Xavier foi uma espécie de reserva para as ocasiões (ou emergências) em que se fazia necessária a versão oficial apresentada em discurso erudito escrito ou falado. Em 1922, aos 46 anos de idade, sentindo-se um “chiru velho, curvado e maceta, cansado de lidas e vidas”, é possível que ele houvesse tomado consciência deste papel, porque no mesmo trecho escreveu do personagem que era ele próprio:

"O pobre do João d'Outroira, nos últimos tempos, estava feito palanque de frente de bodega de

---

<sup>293</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 186-193.

<sup>294</sup> - Eduardo FRIERO. *O Diabo na Livraria do Cônego*.

<sup>295</sup> - Esse e outros “inéditos” vide 3.2.3

<sup>296</sup> - OLIVEIRA, Annaes, v. 2, p. 59.

campanha, em que tudo que era andante, sem mais aquela, ia amarrando o matungo..."<sup>297</sup>.

Trabalhos "politicamente neutros" (para o senso comum), como a série "Passo Fundo Histórico e Geográfico", não obtiveram o apoio financeiro solicitado:

"Há necessidade, ainda, de meios pecuniários, que só poderão ser obtidos se o público, na sua parte que sabe compreender o alcance dos trabalhos deste gênero, acoroçoar a publicação com apoio que a torne viável"<sup>298</sup>.

Ora, quem era essa "parte que sabe compreender"? Na certa o grupo letrado e com algum interesse pela cultura literária. Um tipo de gente que historicamente nunca abundou por aqueles lados, Antonino Xavier registrava em 1908:

"Em matéria de cultura intelectual, o povo passofundense é ainda bastante atrasado"<sup>299</sup>.

Ainda hoje, com uma população urbana de cento e quarenta mil habitantes e apesar de ser sede de uma universidade, a cidade só possui uma livraria "especializada em livros". Outras vendem papéis diversos, canetas esferográficas, chocolate caseiro, cartões com a mensagem impressa e outras miudezas. Algumas até mantêm, bem no fundo da loja, uma prateleira com livros. Mas não se trata de uma questão puramente de "cultura intelectual", ela vincula-se, também, ao poder econômico. Na década de 1930 (quando Antonino Xavier reclamava meios pecuniários para seu projeto) a classe abastada preferia gastar, em outros investimentos, os lucros fáceis proporcionados pela atividade madeireira. Para os integrantes das autodenominadas classes produtoras havia opções mais sedutoras, uma era a importação de "francesas" da banda argentina para "cabarets" passofundenses.

Aos aspectos culturais e econômicos devem ser associados os aspectos político-partidários e religiosos. Antonino Xavier, já foi assinalado, pertencia ao PRR, partido situacionista tanto no estado, como no município, onde consolidou sua posição com a vitória na guerra civil de 1893-95. Sendo maçom, estava irmanado ao sólido círculo maçônico que liderava a política municipal, suas convicções teosóficas e espiritualistas o integravam ainda mais à facção do grupo social dominante formada por maçons, luteranos, teosóficos, metodistas e espiritualistas. A partir da segunda década do século XX a facção formada pelos católicos começa crescer em número e influência, reforçada culturalmente pela chegada de clérigos mais ativos, aos quais vieram juntar-se em 1923 as Irmãs da Congregação Notre Dame e em 1929 os Irmãos Maristas. Estes já haviam empreendido vinte anos antes, uma tentativa fracassada de se estabelecer em Passo Fundo.

A disputa entre as duas facções e a participação direta de Antonino Xavier patenteia-se nas áreas da assistência hospitalar e do ensino. Em 1914 liderou a fundação do Hospital da Cidade, em 1918, a outra facção, tendo à frente a Associação dos Vicentinos fundou o Hospital São Vicente. O folheto redigido por Antonino Xavier em 1920, Por uma grande obra. Appelo aos corações bons de Passo Fundo<sup>300</sup>, é um dos desdobramentos desta disputa. Também em 1920 iniciaram-se as atividades do Instituto Gymnasial, escola mista dirigida por professores vindos dos Estados Unidos, ligados à Igreja Metodista. No decurso de toda aquela década Antonino foi membro do corpo docente, regendo a cátedra de Educação Cívica. Ainda naquela década começaram a funcionar as escolas católicas feminina (1923) e masculina (1929). Em março de 1950 a facção de Antonino Xavier deu o primeiro passo para a criação do ensino de 3º grau; fundando a Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo (SPU), sob a presidência do médico dr. Cesar Santos e tendo como tesoureiro Antonino Xavier:

"Não se poderia escolher outro tesoureiro que melhor calhasse, e que mesmo doente, ali estava junto à mesa para dar o seu entusiasmo à campanha"<sup>301</sup>.

---

<sup>297</sup> - Id. Ibid. v. 3, p. 88.

<sup>298</sup> - Id. Ibid. v. 1, p. 261.

<sup>299</sup> - Id. Ibid. v. 1, p. 82.

<sup>300</sup> - Id. Ibid. v. 3, p. 57-81.

<sup>301</sup> - Jorge E. CAFRUNI, "Tomou posse".



Em 1956, sob o comando do bispo Cláudio Colling, foi fundado o Consórcio Universitário Católico que mais tarde absorveu a SPU; dando origem à Fundação Universidade de Passo Fundo.

Em síntese, pode-se afirmar que, não obstante o prestígio de Antonino Xavier como pessoa e como intelectual<sup>1</sup>, o acatamento da sua versão da história passofundense, incontestada como História oficial, e os serviços prestados ao grupo social dominante, os seus escritos não receberam o apoio reclamado, nem a divulgação merecida por três razões principais:

- político-partidárias e sociais; não interessava ao partido no governo municipal lembrar, mesmo numa versão favorável, episódios que fatalmente colocariam em causa suas lideranças e poderiam dificultar adesões e alianças, bem como o clima de apaziguamento que havia se estabelecido entre inimigos momentâneos;
- econômicas: os integrantes do grupo social economicamente capaz não tiveram motivação, quer individual, quer coletivamente, para investimentos em mecenato, como o praticado por algumas burguesias locais, culturalmente ativas;
- religioso-filosóficas: a facção católica do grupo social dominante, apesar de não haver criticado negativamente a obra (alguns de seus membros representativos hostilizaram, em certas ocasiões, a pessoa de Antonino sem, contudo, atingir a obra), também, não cooperou na sua divulgação, haja vista o silêncio em torno da produção historiográfica de Antonino Xavier nos educandários católicos de Passo Fundo e por parte da facção católica na Universidade de Passo Fundo<sup>302</sup>.

A segunda questão: Por que os trabalhos que ficaram por publicar, não o foram após o falecimento de Antonino Xavier?

Mutatis mutandis, as razões continuaram a ser as mesmas, acrescidas de mais uma, o principal batalhador pela publicação (Antonino) estava morto. Quase trinta anos depois, em meados da década de 1980, o Pe. Elli Benincá, professor da UPF, no curso de suas pesquisas sobre a história de Passo Fundo e região para sua dissertação de mestrado<sup>303</sup>, praticamente redescobriu a obra de Antonino Xavier. Na sequência dessa “redescoberta” e do interesse de outros mestrandos que igualmente necessitavam “dados sobre a formação sócio espacial da região” foi formado na UPF o grupo de trabalho, integrado por professores das áreas de História, Geografia e Língua Portuguesa, encarregado do “resgate da obra de Antonino Xavier”, que iniciou suas pesquisas no segundo semestre de 1987<sup>304</sup>. Da atividade desse grupo resultou, até o momento, a reedição dos trabalhos editados de 1908 a 1957, em três volumes sob o título *Annaes do Município de Passo Fundo*, e a edição dos até então inéditos, *Conferências e Dicionário Histórico e Geográfico de Carazinho*<sup>305</sup>. Agora o grupo está revisando, para editar, o Dicionário Histórico e Geográfico de Passo Fundo.

#### 4.8 Obra primeira da historiografia passofundense

Como foi destacado, a influência e acatamento dos escritos de Antonino Xavier fizeram com que ainda em vida ele fosse cognominado o “Pai da História de Passo Fundo”, título justo, em especial, quando decorridos mais de trinta anos de sua morte e da última edição de seus trabalhos, verifica-se ser sua obra a matriz da historiografia passofundense, local e regional. A pujança de conteúdo dessa obra ressalta ao serem consideradas as vicissitudes a que esteve votada e mesmo, o descaço com que foi tratada.

Antonino Xavier, tendo sido o fundador da historiografia do vasto território do primitivo “Município do Passo Fundo”, emancipado em 1857, é compreensível que a produção historiográfica sobre essa área, ao longo do século XX, tenha por base e fonte primordial, sua obra. Esse fator por si só não seria suficiente para consolidar a primazia. Existem outros dois fatores que garantiram a esta obra a primazia e a condição de matriz historiográfica. O primeiro, intrínseco, a sua qualidade. O segundo extrínseco, o fato de ser única.

A qualidade da produção historiográfica de Antonino Xavier não é uma questão que se deva avaliar toando por parâmetro como ela deveria ter sido escrita, quais os temas e enfoques que deveria ter privilegiado, sim o que pode fornecer – para a constituição de uma historiografia passofundense e regional que atenda os requisitos da atual ciência histórica e ajude responder aos questionamentos a respeito do passado humano nessa área e suas relações. Servem de exemplo os Annaes (1908). Registrando acontecimentos da vida local e regional até 1889, representam valiosa

<sup>302</sup> - A menção à política geral de um conjunto e não a atitudes individuais.

<sup>303</sup> - Elli BENINCÁ, op. cit. Cap. 1 “Região de Passo Fundo”.

<sup>304</sup> - “Introdução”. In: OLIVEIRA, Annaes.

<sup>305</sup> - Vide infra “Referência Bibliográficas”.

fonte bibliográfica, cuja ordenação cronológica facilita a consulta, não obstante serem um relato fático, desprovido de análise portador da versão ideológica de um grupo social.

A afirmação de que é única, é axiomática, visto que a História de Passo Fundo não teve, contemporaneamente, outra versão a não ser a versão de Antonino Xavier. A historiografia de toda área abarcada pelo primitivo município emancipado em 1857 tem por base e fonte historiográficas a obra de Antonino Xavier. Não apenas historiadores locais e forâneos, mas, praticamente todos os que de uma forma ou de outra utilizaram o conhecimento histórico sobre essa região valeram-se, declarada ou sub-repticiamente, das obras publicadas e/ou dos escritos inéditos de Antonino Xavier, quer por consulta direta, quer mediante o uso de escritos de outros autores.

#### 4.8.1 Influências exercidas

A marcante influência dos escritos de Antonino Xavier, na intelectualidade local e regional, pode ser valorada mediante o exame dos trabalhos dos principais autores que na segunda metade do século XX ocuparam-se da história de Passo Fundo ou de outras áreas circunvizinhas. A breve e superficial notícia desses autores não pretende, nem poderia pretender, analisar em toda sua extensão e profundidade o uso dado, de parte de cada um desses autores, aos escritos de Antonino Xavier. Essa é tarefa para ser empreendida em estudos da historiografia regional ou sub-regional da área por ele historiada.

O exame proposto, é bom iniciá-lo pelos dois discípulos de Antonino Xavier, Jorge Edethe Cafruni e Delma Rosendo Gehm, seus contemporâneos mais jovens. Eles receberam de Antonino ensinamentos e valeram-se em suas pesquisas e trabalhos históricos, não só das obras publicadas, mas, igualmente de trabalhos inéditos, anotações, bem como informações orais. Se outros méritos não tivessem, restar-lhes-ia o mérito de haverem cooperado para que uma parte ainda maior dos trabalhos de Antonino Xavier estivesse hoje irremediavelmente perdida. Aos dois, mas principalmente a Delma, deve-se, também, a produção da maioria dos textos da biografia de Antonino Xavier, embora o estilo biografia-panegirico, os coloque em idêntico nível de outras peças laudatórias e acrílicas, onde dados biográficos surgem envoltos na paixão do amor pelo mestre.

Jorge Edethe Cafruni ao escrever, em 1964-65, Passo Fundo das Missões, cita amiúde largos trechos de Antonino Xavier, seja na fundamentação histórica, seja na descrição do espaço físico. Nesse “estudo histórico do período jesuítico” que em muitos trechos se parece a uma “antologia de História”<sup>306</sup>, Cafruni usou não só textos publicados de Antonino Xavier, mas também trabalhos inéditos. O livro é dedicado em:

"Homenagem póstuma a Francisco Antonino Xavier e Oliveira (Antonino Xavier) Pai da História de Passo Fundo e marco perene das nossas letras".

São de Cafruni textos apologéticos como: “Antonino Xavier, o Cincinato dos Pampas” e “Antonino Xavier, cidadão do dever” onde se encontram alguns dados biográficos do homenageado<sup>307</sup>.

Delma Rosendo Gehm, igualmente, não apenas utilizou em seus escritos, excertos das obras publicadas, mas também, dos apontamentos e dos trechos inéditos de Antonino Xavier. Porém, pela ausência de sistematização, tal como Cafruni, não é fácil distinguir a origem das citações. Pelos seus escritos Delma evidencia ser, dentre os que se valeram da obra e escreveram sobre o Autor, não só a melhor conhecedora da obra de Antonino Xavier, mas igualmente, da biografia. Até a presente data, a mais completa biografia de Antonino Xavier foi escrita por Delma Gehm<sup>308</sup>.

Os demais autores selecionados para figurarem nesse rol demonstrativo, porém não exaustivo, da utilização dos trabalhos de Antonino Xavier, são a seguir apresentados pela ordem cronológica da publicação base da inferência em pauta.

Hemetério Velloso, em sua obra publicada em 1909, assim refere o trabalho do historiador passofundense publicado no ano anterior:

"Um importante subsídio, um eloquente

---

<sup>306</sup> - Jorge E. CAFRUNI, Passo Fundo das Missões, p. 14.

<sup>307</sup> - Idem. In: O Nacional, 13 set. e 22 dez. 1959.

<sup>308</sup> - Delma R. GEHM, Passo Fundo Através do Tempo, v2, p. 149-152, e v. 3, p. 188-89; “Valores de Passo Fundo”; “O Hospital da Cidade”; “Um século”.

documento, a monografia, que acaba de publicar e divulgar o Sr. Francisco Antonio [sic] Xavier e Oliveira, neto do respeitável ancião Francisco Xavier de Castro, único sobrevivente entre os primeiros povoadores do território de Passo Fundo”<sup>309</sup>.

Renato Sá Brito, em suas “Informações diversas, coligidas em 1920” a respeito do Município de Passo Fundo, cita como fonte os trabalhos de:

“Francisco Antonino Xavier e Oliveira, o dedicado e inteligente estudioso de homens e fatos de Passo Fundo”<sup>310</sup>.

Oscar da Costa Karnal<sup>311</sup>, Aldo Castro<sup>312</sup> e Antônio Ducatti Neto<sup>313</sup>, ao historiarem o município de Erechim e região, usam os trabalhos de Antonino Xavier como fonte bibliográfica e argumento de autoridade.

Gomercindo dos Reis (descendente do emancipador de Passo Fundo, Fagundes dos Reis), quando em seus “versos líricos”<sup>314</sup> canta a “terra natal”, apoia-se no conhecimento histórico do conterrâneo e contemporâneo Antonino Xavier que “Narrando com firmeza e honestidade fez a história desta terra onde nasceu”.

Marina Annes; ao descrever o contexto histórico da família Schell<sup>315</sup> cita os trabalhos de seu pai Antonino Xavier.

O desembargador Solon Macedonia Soares, em oração mandada imprimir e distribuir pela prefeitura municipal de Carazinho, refere-se a Antonino Xavier como “ilustre historiógrafo”<sup>316</sup>.

Guilherme Schultz Filho, em seu estudo sobre a História de Carazinho, refere como uma de suas fontes os “inúmeros e substanciosos trabalhos de pesquisas desta região” realizados por Antonino Xavier<sup>317</sup>.

Álvaro Vargas, na Introdução do seu livro sobre “300 anos de história de Carazinho”, informa haver se inspirado “naqueles fabulosos livrinhos de Francisco Antonino Xavier e Oliveira”. Ao longo de seu escrito encontram-se várias citações de Terras dos Pinheirais, Passo Fundo na Viação Nacional e Seara Velha<sup>318</sup>.

Ao prefaciar, em 1992, a edição da até então inédita de Antonino Xavier, o médico Álvaro Vargas dá este depoimento:

“Quando nos preocupamos em estudar a História regional, chegamos à conclusão de que noventa por cento do que existia registrado fora feito por Antonino Xavier e que não era fácil encontrar exemplares de seus trabalhos, e as pessoas que os possuíam guardavam-nos como relíquias”.<sup>319</sup>

Fátima Dorneles, para estabelecer uma “visão histórica do território de Pinheiro Marcado”, atual 3º distrito de Carazinho, baseia-se em: “Francisco Antonino Xavier, no seu livro Terra dos Pinheirais, publicado em 1927”<sup>320</sup>.

Welci Nascimento, em dois livros publicados recentemente faz amplo uso dos trabalhos de

<sup>309</sup> - Hemetério SILVEIRA, op. cit. p. 289.

<sup>310</sup> - Renato Sá BRITO, O Município de Passo Fundo, p. 8.

<sup>311</sup> - Oscar da Costa KARNAL, Subsídios para a História do Município de Erechim.

<sup>312</sup> - Aido A. CASTRO, “Conceição ou Candelária” e “Barro para Augusto Cesar”.

<sup>313</sup> - Antônio DUCATTI Neto, O Grande Erechim e sua História.

<sup>314</sup> - Gomercindo dos REIS, Nuvens e Rosas.

<sup>315</sup> - Marina ANNES, op. cit.

<sup>316</sup> - Solon Macedonia SOARES, Estudo Histórico e Social sôbre o Município de Carazinho.

<sup>317</sup> - Guilherme SCHULTZ Filho, “Visão histórica do Município de Carazinho”.

<sup>318</sup> - Álvaro VARGAS, Do Caapi ao Carazinho, p. 8.

<sup>319</sup> - Id. “Prefácio” In: OLIVEIRA, Dicionário, p. 23.

<sup>320</sup> - Fátima DORNELES, Pinheiro Marcado.

Antonino Xavier<sup>321</sup>.

Não só estes e vários outros historiadores locais da região de Passo Fundo, também historiadores estaduais como Dante de Laytano<sup>322</sup> e Margaret Marchiori Bakos<sup>323</sup>, valeram-se do conhecimento histórico produzido por Antonino Xavier.

Pedro Villas-Bôas nomeia Antonino (grafado Antonio) Xavier entre os autores sul-rio-grandenses e arrola todos os trabalhos editados entre 1908 e 1957<sup>324</sup>. Ari Martins cita Antonino (grafado Antônio) Xavier entre os escritores do Rio Grande do Sul como historiador e memorialista; arrola, além dos escritos publicados de 1908 a 1957, alguns inéditos e dá um resumo biográfico<sup>325</sup>. Rovílio Costa e Itálico Marcon qualificam a obra de Antonino Xavier entre as fontes bibliográficas da História da imigração italiana no Rio Grande do Sul<sup>326</sup>.

O conhecimento histórico produzido por Antonino Xavier foi, também, usado por urbanistas que projetaram o reordenamento das cidades de Passo Fundo<sup>327</sup> e Carazinho<sup>328</sup>.

A área acadêmica, apenas em meados da década de 1980, teve a atenção despertada para os escritos de Antonino Xavier. Devem ser citados: Elli Benincá, a cujo trabalho<sup>329</sup> fez-se referência supra, Selina M. Dal'Moro e Aldomar A. Ruckert<sup>330</sup>, os quais com suas monografias sinalizaram aos pesquisadores universitários do Planalto Médio o potencial historiográfico da obra de Antonino Xavier.

O grupo pluri-disciplinar de professores da Universidade de Passo Fundo encarregado do "Projeto Resgate da Obra de Francisco Antonino Xavier Oliveira" avalia ser essa obra:

"Sem sombra de dúvida, o que de melhor já se produziu sobre Passo Fundo e sua importância no contexto regional"<sup>331</sup>.

Roselys Vellozo Roderjan, paranaense, Mestre em História, em recente trabalho sobre as "comunidades campeiras no Brasil meridional", vale-se da produção historiográfica de Antonino Xavier para historiar a contribuição dos curitibanos na ocupação e povoamento da "região serrana" (Planalto Médio) do Rio Grande do Sul. A autora usou a edição de 1990 da Universidade de Passo Fundo<sup>332</sup>.

#### 4.9 "Sine ira et studio"

Os autores e os trabalhos arrolados são alguns exemplos da influência e acatamento dos escritos do "Pai da História de Passo Fundo". Há outras questões que dizem respeito à produção historiográfica de Antonino Xavier, mas deixam de ser analisadas nesta dissertação. Duas dessas questões são aqui apenas mencionadas: o IHGRS, como ponto de interação entre Antonino Xavier e historiadores sul-rio-grandenses e de outros estados; e o uso sub-reptício dos escritos, publicados e/ou inéditos, de Antonino Xavier, seja mediante puro e simples plágio<sup>333</sup>, seja creditando a citação a interposto autor.

---

<sup>321</sup> - Welci NASCIMENTO, Conheça Passo Fundo, Tche! e Maragatos e Pica-Paus, Passo Fundo na Revolução de 1893.

<sup>322</sup> - Dante de LAYTANO, "Origem de Passo Fundo". Em seu Manual de fontes... não consta nenhuma referência a Antonino Xavier e sua obra.

<sup>323</sup> - Margaret Marchiori BAKOS, RS: Escravidão & Abolição.

<sup>324</sup> - Pedro VILLAS-BÔAS, Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores, p. 347-8.

<sup>325</sup> - Ari MARTINS, Escritores do Rio Grande do Sul, p. 404.

<sup>326</sup> - Rovílio COSTA, Itálico MARCON. Imigração Italiana no Rio Grande do Sul: fontes históricas, n. 156-7.

<sup>327</sup> - Edvaldo PAIVA et al. Passo Fundo: Plano Diretor.

<sup>328</sup> - Iñez d'AVILA et al. Plano Diretor da Cidade de Carazinho.

<sup>329</sup> - Elli BENINCÁ. Conflito Religioso e Práxis.

<sup>330</sup> - Selina DAL'MORO, Aldomar RUCKERT. "A agricultura no processo de desenvolvimento do Planalto Rio-grandense".

<sup>331</sup> - Ver "Considerações Metodológicas", In: OLIVEIRA. Annaes.

<sup>332</sup> - Roselys V. RODERJAN, Os Curitibanos e a Formação de Comunidades Campeiras no Brasil Meridional (séculos XVI-XIX).

<sup>333</sup> - É o caso de Alfredo COSTA, O Rio Grande do Sul, editado em 1922. O item "Município de Passo Fundo" (p. 233-42) apresenta trechos, alguns de página inteira, que correspondem *ipsis literis* a trechos dos trabalhos de Antonino Xavier editados em 1908.

Por outro lado, não pode ser omitida a constatação de que tanto as adesões, quanto as rejeições à obra de Antonino Xavier têm sido marcadas pelo sectarismo fundamentado em visões partidárias, quer político-partidárias, quer filosófico-religiosas, da atuação pessoal do Autor. Assim ocorrem casos nos quais a adesão ou rejeição prende-se menos ao conteúdo da obra e mais a militância e aos posicionamentos do Autor. Com a diferença da adesão ser notória e a rejeição manifestar-se pelo silêncio e omissão. E com a semelhança de ambas assumirem, via de regra, idêntica visão de classe e produzirem a mesma História, apenas, alterando as personagens ou seus papéis.

As monografias acadêmicas de Benincá, Dal'Moro e Ruckert são exemplos do uso crítico e valorização da obra de Antonino Xavier sem, necessariamente, implicar adesão à visão ideológica e metodológica do Autor.

## CONCLUSÃO

O estudo da vida e da obra de Francisco Antonino Xavier e Oliveira, ainda que voltado apenas para os trabalhos editados antes de seu falecimento, permitiu compreender melhor a versão oficial da História de Passo Fundo e por extensão do Planalto Médio sul-rio-grandense e do Vale do Alto Uruguai. Permitiu, também, esboçar a interação dessa “versão oficial” com a “consciência histórica” e o “sensos *communis*”.

Espera-se, com este trabalho, estar provocando o início de uma reflexão, em bases objetivas, a respeito da historiografia dessa região do estado do Rio Grande do Sul. Reflexão que leve em conta a preocupação, existente desde Heródoto, em conceber a historiografia como epistémé, ou seja, como conhecimento verdadeiro, distinto da *doxa*, simples opinião, ou seja, o conhecimento comum, não que os dois se oponham de modo irreduzível, nem que o segundo deva ser desprezado.

No curso da pesquisa que fundamentou a presente monografia, buscou-se colher o maior e mais variado conjunto de opiniões sobre a obra e seu Autor, sem que se fizesse distinção entre apologistas e detratores. Por outro lado, adotou-se um distanciamento intelectual tanto em relação aos epígonos do autor, quanto aos que o rejeitam, visando exarar um juízo, que apesar de não definitivo, acredita-se esteja desprovido da parcialidade e da paixão que tolhem a aproximação às verdades perseguidas.

Assim sendo e independente da polêmica linguística em torno da frase de Tácito, o lema adotado pelos fundadores do Instituto Histórico, “*Incorruptam fidem professis neque amore quisquam et sine ódio dicendus est*”, vale aqui pelo que aqueles possivelmente quiseram dizer nos idos de 1920, isto é, o compromisso de tratar as personagens da história com isenção de ânimos, vale também, em relação à obra de Antonino Xavier, criticada sem bajulação, mas também sem ódio.

O primeiro passo empreendido nessa crítica foi o reconhecimento da qualidade e da prioridade dos escritos em pauta nos termos postulados neste estudo. A própria escolha do objeto de estudo ocorreu em função dessa qualidade e prioridade, posteriormente comprovadas. O segundo passo foi a compreensão da obra e do seu Autor no contexto histórico-espacial. O terceiro passo foi a análise da obra, tomando-a desvinculada da pessoa do Autor, tarefa não contraditória com a executada no passo anterior, porquanto o seu sentido foi o de não transferir para a obra as virtudes ou os defeitos, verdadeiros ou supostos, do Autor.

Observou-se que Antonino Xavier possuía consciência das dificuldades e incertezas da pesquisa histórica, e da transitoriedade das conclusões historiadoras, considerando necessária a colaboração dos historiadores “e as ponderações judiciosas da crítica sensata” para a construção do conhecimento histórico. Isto posto, acredita-se que a análise historiográfica efetuada nesta monografia, embora sem ser um julgamento, está à altura do “julgamento” aguardado pelo Autor, ainda quando em 1903, aos vinte e sete anos de idade, concluiu seu primeiro trabalho sobre a História do Município de Passo Fundo.

As atividades exercidas e o conhecimento histórico produzido por Antonino Xavier tiveram repercussão, quase que exclusiva, em Passo Fundo e no entorno regional integrante do primitivo município emancipado em 1857. Tendo vivido, praticamente, toda sua vida na cidade de Passo Fundo, permaneceu desconhecido para além da região, talvez porque as incursões fora do município tenham sido passageiras, as colaborações em periódicos de outros locais, do estado e do país, esporádicas e os escritos destinados quase que exclusivamente ao público passofundense, mesmo porque a temática era passofundense.

Não obstante as divergências ideológicas, políticas e religiosas exacerbadas, bem características de uma pequena cidade interiorana, como era Passo Fundo na época, colocando-o como um dos expoentes de uma facção do grupo social dirigente, e alvo de críticas e discriminações por parte de outras facções, Antonino Xavier conseguiu impor-se no conceito de seus contemporâneos como historiador criterioso, memorialista fecundo, literato ilustre, advogado consciencioso, topógrafo minucioso, funcionário público devotado, jornalista culto e, principalmente, cidadão atuante. Todavia foi na condição de historiador que Antonino Xavier alcançou renome e ficou consagrado, ainda em vida, como “Pai da História de Passo Fundo”.

A História construída por Antonino Xavier é uma História municipal política, econômica e social. É municipal porque extravasa o estritamente local, o núcleo urbano, para preocupar-se com o Município, adquirindo hoje, pela área abrangida, o caráter de História regional ou sub-regional (dependendo do conceito em que a palavra região for tomada). Do perto de vista de seu objeto é uma História política, econômica e social porque são esses os aspectos da vida cotidiana e municipal que trata de preferência, não é uma História do cotidiano.

A História passofundense escrita por Antonino Xavier relata a ocupação do território pela “raça branca”, a formação do núcleo urbano que constituiu-se em sede do Município, a vida político-

administrativa e o desenvolvimento socioeconômico do município desde sua criação até meados do século XX. É uma História na qual as cenas da vida cotidiana raramente aparecem, e sempre como apêndices de fatos políticos, econômicos ou sociais. É uma História de chefes e patrões, as personagens são os chefes políticos e militares e os grandes patrões, quer dizer, os integrantes do grupo social dominante; os índios, os negros, os mestiços e os brancos pobres ou mesmo remediados, são apenas peões inominados. É, também, uma História “masculina” e “adulta”, na qual as mulheres e as crianças estão ausentes como personagens.

Antonino Xavier ao escrever sua História baseou-se, conforme ficou demonstrado, na tradição oral recolhida entre seus contemporâneos mais idosos, no seu próprio testemunho pessoal e na documentação a que teve acesso privilegiado em decorrência dos cargos exercidos. Essas fontes foram complementadas por pesquisas e observações *in loco*, e por leituras.

Antonino Xavier, como ele próprio assinalou em vários trechos, escreveu no intuito de constituir uma História de sua terra natal. Essa História foi escrita, de acordo com o que ficou evidenciado, desde o ponto de vista do grupo social dominante.

Os escritos de Antonino Xavier tiveram sua divulgação dificultada, segundo se constatou, por dois motivos principais que atuaram tanto em vida do Autor como após sua morte, um dos motivos foram as divergências político-partidárias e filosófico-religiosas existentes no interior do grupo social dominante, outro motivo foi a falta de interesse dos setores economicamente capazes em investir na área cultural.

Com base no exame da biografia e dos escritos de Antonino Xavier chegou-se à conclusão de que o mesmo foi um homem de “partido” nas três acepções analisadas por Adam Schaff em História e Verdade; contudo sua obra não é político-partidária no sentido de que não assume a defesa de uma facção e o conseqüente ataque às outras. É uma obra partidária no sentido de que assume os valores e as personagens de uma classe definida. É, também, uma obra partidária no sentido de que adota a posição idealista na compreensão da realidade.

Em sua posição idealista Antonino Xavier era, do ponto de vista filosófico e metodológico, um eclético, o mesmo pode ser dito de sua concepção religiosa, era um teísta eclético. Do ponto de vista político era um conservador liberal não reacionário. Político-partidariamente, Antonino Xavier integrou os quadros do Partido Republicano Rio-grandense durante toda a existência desse partido, em 1929-30 presidiu o Comitê da Aliança liberal em Passo Fundo, no pós-45 não se filiou a nenhum dos partidos então criados.

De todas as classificações nas quais é possível enquadrar Antonino Xavier, talvez a que melhor o defina seja a de intelectual orgânico do grupo social dominante de Passo Fundo. Como foi possível demonstrar neste trabalho, Antonino Xavier exerceu com plenitude a função de intelectual orgânico, consoante o conceito gramsciano, não apenas pela História produzida, mas por toda sua atuação como jornalista, publicista, memorialista, professor, conferencista revelou-se o mais importante e completo intelectual da elite dominante passofundense durante a primeira metade do século XX. Pode-se afirmar que foi um verdadeiro ideólogo, no sentido daquele que se ocupa do conjunto de ideias próprias de um grupo em um determinado momento histórico. Neste sentido, também, é figura ímpar na sociedade passofundense, haja vista, ninguém mais haver exercido essas funções da forma como exerceu, concentrando quase que numa só pessoa todos os referenciais ideológicos da elite dirigente local. O autor do presente estudo, tendo conhecido pessoalmente Antonino Xavier, é testemunha do apreço e projeção de que o mesmo desfrutava entre seus contemporâneos.

Antes de concluir deve-se reiterar a avaliação da obra de Antonino Xavier como obra primeira da historiografia passofundense, por conseqüência cabem aqui algumas considerações de caráter prático a propósito do presente e futuro dessa obra.

A iniciativa da Universidade de Passo Fundo em criar o grupo de trabalho incumbido do “resgate da obra de Antonino Xavier”, já apresenta seus primeiros resultados: a reedição, em 1990, com o apoio financeiro da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, dos trabalhos editados entre 1908-1957, em três volumes; e a edição de dois inéditos, as Conferências, editadas em 1991, com a participação do Instituto Educacional de Passo Fundo, e o Dicionário Histórico e Geográfico de Carazinho, editado em 1993, com o apoio financeiro da Prefeitura Municipal de Carazinho. Acredita-se que em breve outros inéditos de Antonino Xavier serão publicados permitindo assim o conhecimento mais amplo da produção literária e historiográfica desse intelectual passofundense.

O trabalho desenvolvido pela UPF está garantindo a preservação e divulgação ao menos de parte da produção literária de Antonino Xavier, o que por si só demonstra que essa universidade está cumprindo com uma de suas funções primordiais, qual seja a de conservadora e anunciadora do conhecimento. Porém, esta tarefa está sendo efetuada de modo muito acanhado e rotineiro, publicar e colocar os livros à venda numa livraria não é suficiente, basta dizer que decorridos três anos da

citada reedição a obra e por consequência seu Autor continuam quase tão desconhecidos quanto antes nos meios acadêmicos e em geral entre os pesquisadores da área das ciências sociais.

Isto posto, sugere-se que a UPF estabeleça um programa de distribuição de exemplares das edições efetuadas em 1990, 1991 e 1992 às universidades e outras entidades dedicadas aos estudos e pesquisas em ciências históricas e humanas. Esse programa poderia ser implementado mediante o sistema existente de permuta inter bibliotecas. Paralelamente a esse programa deve ser criado, no Museu e Arquivo Histórico Regional da UPF, o Fundo Antonino Xavier a fim de constituir um acervo reunindo os materiais que pertenceram a Antonino Xavier ou que relacionam com as atividades por ele desenvolvidas, atualmente na posse ou sob a guarda da UPF, e os que venha, futuramente, receber. Esse fundo deveria ser de imediato acessado aos pesquisadores, tendo em vista as dificuldades e empecilhos existentes para a realização de pesquisas sobre esse Autor e sua obra. Outras duas razões imperativas justificam a criação desse fundo e o seu acesso aos pesquisadores: a inconveniência de aguardar a publicação (sem data marcada) dos textos inéditos e a necessidade de ao menos algumas pesquisas serem feitas a partir de fontes originais e não secundárias como são os escritos editados.

Em relação a futuras edições de escritos de Antonino Xavier entende-se, após quatro anos de estudos e pesquisas sobre a obra e o Autor, que os prefácios laudatórios devem ser substituídos por apreciações críticas orientadoras do leitor comum. Não se trata de censurar o que foi escrito, mas de alertar o leitor para a historicidade do texto e o enfoque ideológico do Autor. É injustificável, por exemplo, quando tantos esforços são empreendidos para restituir os direitos dos povos da floresta, uma universidade editar (ou reeditar) um texto com afirmações preconceituosas em relação aos indígenas, sem chamar a atenção do leitor para a posição equivocada do autor do escrito.

Outra sugestão é que a UPF estimule seus alunos de graduação e em especial os de pós-graduação a utilizarem em seus trabalhos escolares e monografias autores da região, entre os quais Antonino Xavier. Em relação aos seus professores, que cursam em outras universidades, mestrados ou doutorados sinalizar como uma das prioridades, estudos, pesquisas e monografias tratando da obra de Antonino Xavier, ou ao menos que seja incluída na revisão de literatura sobre a região.



**ANEXOS**

## ANEXO I

*PERDÔO, de coração, a todos que hostilizaram, deprimiram ou injuriaram. Peço que os meus também lhes perdoem e sejam úteis, si for possível. É isto um grande dever de cidadão. E aproveito o ensejo para lhes recomendar (aos meus) que nunca alimentem o ódio em seus corações; sejam sempre benevolentes para com todos, relevando-lhes as fraquezas, e pagando com o bem o mal que receberam. Outrossim, não percam ocasião de ser úteis. Evitem dizer mal do próximo.*

*Há uma cousa que me tortura nesta hora; deixar os meus na pobreza, quando me pertencia o dever de ampará-los. Que me perdoem eles disto. Não foi por meu gosto. São testemunhas que toda a minha vida foi de trabalho ativo, e que fui de hábitos modestos. Perdoem também as minhas impertinências. Quem trabalhava mentalmente como eu, esgotando-se, tinha de ser neurastênico.*

*Também aos meus amigos e relacionados, peço relevarem qualquer ressentimento que tenham de mim. Na vida ativíssima que sempre levei, frequentemente assaltada por preocupações absorventes, bem pode ser que lhes tenha sido descortês nalguma ocasião. E agradeço-lhes do fundo d'alma todos os obséquios e provas de amizade ou de consideração que me deram.*

*Quanto aos meus atos em geral, não me preocupa o modo como sejam julgados. É certo que procurarei andar bem neles, mas bem pode acontecer que o não fizesse muitas vezes por erro de compreensão. Si assim aconteceu, peço a Deus que me dê luz e forças para reparar o mal que assim fizesse.*

*Reconheço que a característica mais forte da minha compleição foi a sensibilidade, e isto me conforta, porque me faz crer que se tive erros, talvez que partissem eles dessa característica. Em todo caso e si fui mau para outrem, a esses*

*Na minha atuação de funcionário tive erros, o que era natural diante da inexperiência e mesmo ignorância que me caracterisavam, quando entrei e servi. Com o curso do tempo, porém, reconhecendo esses erros no exame do meu passado me torturei e procurei agir com mais segurança, fato que justificou o escrúpulo, o melindre de que me acusavam.*

*Devo, pois, a esses erros um grande benefício em minha vida: me preveniram eles para o futuro, concorrendo para que se ampliassem a compreensão do meu dever e da minha responsabilidade.*

*Eis o que posso dizer na premência de tempo em que estou. Si for possível, publicarei essas notas, esclarecendo o que tiver omitido e merecer referência.*

*Pai. Perdôa os meus erros e concede que eu tenha o ânimo precioso para os reparar. A tua lei é justa, impecável, maravilhosa. Quero cumpri-la e para isto te peço forças. E si é possível, concede que lá no espaço eu possa auxiliar e confortar a todos que sofrem neste plano e a todos que estiveram nas trevas, concorrendo para que se iluminem e salvem. Concede, ainda, Pai, que em toda e qualquer angústia da minha vida terrestre ou ultra-terrestre, eu receba tudo, ao com resignação, mas na confiança e mais firme de que na minha angústia está se cumprindo a tua lei, que eu devo amar sobre todas as cousas, porque nela é que está a Verdade.*

Passo Fundo, 22 de novembro de 1930.

(a.) Francisco Antonino Xavier

e Ola.

---

*Nota bene: Este texto encontrado entre os papéis de Antonino, por sua filha Marina, foi publicado pelo Diário da Manhã em Passo Fundo, na edição de 26 de fevereiro de 1981.*

## ANEXO II

### Parecer da Comissão

Tese: No Decênio Farroupilha. A propósito de uma referência à ação dos chefes das forças revolucionárias no distrito de Passo Fundo.

Autor: Francisco Antonino Xavier e Oliveira

Na tese em exame o seu autor, nosso digno consócio, e provector investigador do nosso passado, estuda uma acusação, feita aos chefes de forças farroupilhas que operaram na região serrana, pele Dr. Hemetério José Veloso da Silveira, na sua obra "As missões orientais e seus antigos domínios".

Afirmou Hemetério Veloso que os habitantes do distrito de Passo Fundo, durante a Guerra dos Farrapos, fôra vítimas de "depredações" cuja responsabilidade atribue exclusivamente aos comandantes revolucionários. E por que, até o presente, ninguém houvesse contestado a arguição, o autor da tese, que contra ela se insurgiu, traz ao IV Congresso de História e Geografia essa excelente contribuição de seu trabalho.

Argumenta com precisão e clareza. Mostra que o termo depredação (grifado) não traduz fielmente o que se poderia ter passado, isto é. requisições militares, inevitáveis em tempo de guerra. Enumera os chefes das forças farroupilhas que percorreram a região, e que foram: José Mariano de Matos, David Canabarro, Bento Gonçalves da Silva, Gomes Portinho e Demétrio Ribeiro; acrescentando ainda que, presumivelmente, ali estiveram, também no comando de hostes republicanas, Bento Manoel Ribeiro, João Antonio da Silva, Joaquim Pedro Soares e Joaquim Theodoro Prestes.

Examina a vida de todos, êsses chefes, sustentando que, nela, nada autoriza a acusação, aliás desacompanhada de provas, do Dr. Hemetério Veloso; e em benefício de Portinho e de Bento Manoel invoca ainda duas tradições locais, sôbre atos que honram e dignificam êsses comandantes revolucionários.

Alude, em seguida à orientação do governo republicano de Piratini, no sentido de excluir o arbítrio e a violência no assunto das requisições militares, transcrevendo e comentando o decreto de 9 de julho de 1838.

Extranha, com inteira procedência, que a acusação recaia exclusivamente sôbre os farrapos, como se, nos tumultuosos tempos, os chefes imperialistas realizassem o milagre de uma conduta irrepreensível.

Em conclusão:

O trabalho do Sr. Francisco Antonino Xavier de Oliveira, que a preceito se enquadra no programa dos nossos trabalhos, constitui uma valiosa contribuição sôbre fatos do decênio: merece, a nosso ver, a aprovação e publicação nos Anais do Congresso.

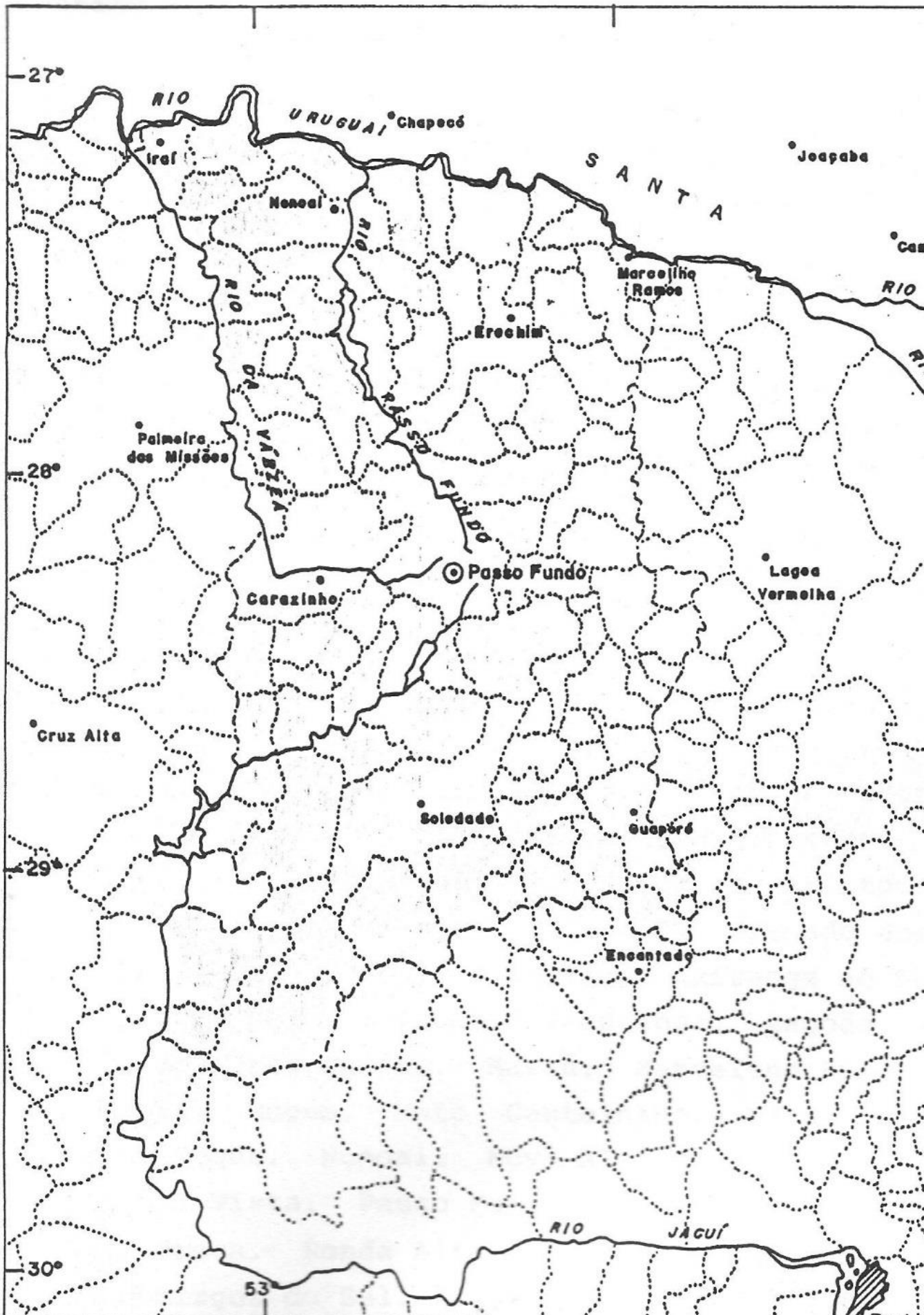
Sala das Sessões, 20 de março de 1945.

As.) Othelo Rosa - Relator  
Eduardo Duarte Jorge G.  
Felizardo

Aprovado na Sessão de 2-3-1945.

Publicado nos Anais do IV Congresso de História e Geografia Sul Rio-Grandense. Porto Alegre, 1945. v. 2, p. 953-5.

**ANEXO III – Situação aproximada do município de Passo Fundo criado em 28 de janeiro de 1857**







## ANEXO IV

No território do município de Passo Fundo, criado em 28 de janeiro de 1857 estão atualmente (1993) localizados os seguintes Municípios:

Água Santa. Alpestre. Alto Alegre. Anta Gorda. Aratiba. Arroio do Tigre. Arvorezinha. Áurea. Barão do Cotegipe. Barros Cassal. Barra do Rio Azul. Camargo. Campinas do Sul. Carazinho. Casca. Ciríaco. Colorado. Constantina. Carlos Gomes. Centenário. Charrua. Coqueiros do Sul. Coxilha. David Canabarro. Dois Lageados. Entre Rios do Sul. Erebang. Erechim. Ernestina. Erval Grande. Espumoso. Estação. Engenho Velho. Faxinalzinho. Fontoura Xavier. Gaurama. Gentil. Getúlio Vargas. Guaporé. Gramado dos Loureiros. Ibirama. Ibirapuitã. Ilópolis. Ipiranga do Sul. Iraí. Itatiba do Sul. Itapuca. Jacutinga. Lagoão. Lagoa dos Três Cantos. Marau. Marcelino Ramos. Mariano Moro. Montauri. Muçum. Mato Castelhana. Mormaço. Muliterno. Não-Me-Toque. Nonoai. Nova Alvorada. Nicolau Vergueiro. Nova Boa Vista. Passo Fundo. Planalto. Putinga. Pontão. Ponte Preta. Ronda Alta. Rondinha. Rio dos Índios. São Domingos do Sul. São José do Herval. São Valentim. Sarandi. Segredo. Serafina Correa. Sertão. Severiano de Almeida. Sobradinho. Soledade. Santo Antônio do Palma. Santo Antônio do Planalto. São Valentim do Sul. Tapejara. Tapera. Três Arroios. Três Palmeiras. Trindade do Sul. Tunas. União da Serra. Vanini. Viadutos. Victor Graef. Vila Maria.

Total: 96 municípios (dos 427 existentes no Rio Grande do Sul).

## ANEXO V

### Inventário Bibliográfico do Clube Literário Amor à Instrução (\*)

#### 1. Livros

ABRANTES, Duquesa de. Memórias.  
AIMARD. O Explorador.  
ALENCOURT, Visconde d'. A Nódoa de Sangue.  
ALMEIDA, Fialho de. A Cidade do Vício.  
ALMEIDA, Pires de. Os Mártires da Vida Intima.  
\_\_\_\_. Homens da Cruz Vermelha.  
ANDRÉ, Charles. Literatura Franceza.  
AZEVEDO, Aluízio. O Cortiço.  
BOUILLET. Dicionário Histórico e Geográfico.  
BRANCO, C. C. A Poeira no Subterrâneo.  
BRASIL, Assis. República Federal.  
BÜCHNER. O Homem, segundo a Ciência.  
BYRON, Lord. Obras Poéticas.  
CARNEIRO, Lourenço. O Desmoronamento.  
CASTELAR, Emílio. Ricardo.  
CHAGAS, Pinheiro. As Descobertas do Juca.  
CHATEAUBRIAND. Os Mártires.  
CONSTÂNCIO. Diccionário.  
COOPER. O Derradeiro Mohicano.  
\_\_\_\_. O Piloto.  
COTEGIPE, Barão. Discursos.  
COUTINHO. Dicionário Botânico.  
COUTINHO, Albano. Política do Brasil.  
CUNHA, Felix da. Poesias.  
DUMAS, Alexandre. De Paris a Cadiz.  
\_\_\_\_. Os Mohicanos de Paris.  
\_\_\_\_. A Dama das Pérolas.  
DUMAS Filho, Alexandre. Memórias de uma Favorita.  
\_\_\_\_. Processo Clemenceau.  
\_\_\_\_. Romance de uma Senhora.  
ENNES, Antonio. Os Lazaristas.  
ESCRICH. O Pão dos Pobres.  
\_\_\_\_. Os Milionários.  
\_\_\_\_. Mártir do Gólgota.  
\_\_\_\_. Obras de Misericórdia.  
\_\_\_\_. Os Anjos da Terra.  
\_\_\_\_. Os Predestinados.  
\_\_\_\_. A Calúnia.  
\_\_\_\_. A Mulher Adúltera.  
\_\_\_\_. Os Filhos da Fé.  
\_\_\_\_. História de um Beijo.  
\_\_\_\_. O Livro de Job.  
FERDINAND, Lírio. Coleção de Discursos.  
FERNANDEZ. Os Filhos Perdidos.  
\_\_\_\_. Os Deserdados.  
FEVAL. O Rei dos Mendigos.  
FLAMARION. Os Mundos Imaginários.  
FONSECA, João Severiano da. Viagem ao Redor do Brasil.  
FRANKLIN, Benjamin. A Ciência do Bom Homem.  
GABORIAU. Os Escravos de Paris.  
\_\_\_\_. O Dinheiro Alheio.  
\_\_\_\_. A Corda na Garganta.  
\_\_\_\_. O Romance da Duquesa.  
\_\_\_\_. Veteranos de 92.

GAMA, Arnaldo. Gênio do Mal.  
GARRET, Almeida. Camões.  
GAULTIER. Geografia.  
GONCOURT. Os Cárceres da Bastilha.  
GONZAGA. Marília de Dirceu.  
GRAHAN, Thomas. Dicionário Alemão-Inglês.  
GUEDES. História Natural.  
HUGO, Victor. Noventa e Três.  
JUNQUEIRO, Guerra. A Musa em Férias.  
KARIMIRSKI. O Alcorão Francês.  
KOSERITZ. Economia Nacional.  
\_\_\_\_. Roma perante o Século.  
LAMARTIN. Literatura para Todos.  
LERMINA, Julio. Os Lobos de Paris.  
LOIRES, Antonio Barbosa. O Passado e o Presente.  
MAGALHÃES. Fatos do Espírito Humano.  
MAIA, Oliveira. Noções de Política.  
MASCARENHAS. Maria da Fonte.  
MONTEPIN, Xavier de. O Bígamo.  
\_\_\_\_. O Civismo.  
\_\_\_\_. A Mulher do Saltimbanco.  
\_\_\_\_. As Duas Irmãs.  
\_\_\_\_. Os Fantoques.  
\_\_\_\_. Os Dramas da Vida.  
\_\_\_\_. Elegantes de Outros Tempos.  
\_\_\_\_. O Fiacre n 13.  
\_\_\_\_. A Filha do Homicida.  
MORAIS, de Melo. Discurso Ilistórico.  
NOVAIS, Faustino Xavier. Novas Poesias.  
OHNET, George. Dr. Rameau.  
\_\_\_\_. O Canto do Cisne.  
ORTIGÃO, Ramalho. Anais da Assembléia Provincial, 1873-5, em Paris.  
PALMELA, Aristocracia do Gênio.  
RAVIGNAN. Instituto dos Juristas.  
REBOUÇAS. Discursos.  
RICHEBOURG. As Duas Irmãs.  
\_\_\_\_. O Filho.  
SAINT-GEORGE. O Espião.  
SAND, G. O Homem de Gelo.  
SANTOS, Rodrigues dos. Discursos Parlamentares.  
SCOTT, Walter. Ivanhoé.  
SILVEIRA, Heitor Veloso. Matéria Médica Vegetal Brasileira.  
SOUTHEY. História do Brasil.  
SOTERO. Julio César.  
\_\_\_\_. Obras.  
STOWE. A Cabana do Pai Tomás.  
SUE, Eugênio. A Preguiça.  
\_\_\_\_. A soberba.  
SUE, Eugênio. A Luxúria.  
\_\_\_\_. A Ira.  
\_\_\_\_. A Inveja.  
\_\_\_\_. A Gula.  
\_\_\_\_. Matilde.  
\_\_\_\_. Os Mártires de Paris.  
TAINÉ. Filósofos Clássicos Franceses.  
TARRAGO. Os Crimes de uma Rainha.  
TERRAIL, Ponson Du. O Pacto de Sangue.  
\_\_\_\_. Volta de Rocambole.  
\_\_\_\_. Os Dramas de Paris.  
\_\_\_\_. As Misérias de Londres.

VARELA, Fagundes. Evangelho das Selvas.

VERNE, Julio. Da Terra a Lua.

\_\_\_\_. Viagem a volta da Lua.

\_\_\_\_. Os Filhos do Capitão Giant.

\_\_\_\_. A Terra das Peles.

VOLTAIRE. Carlos IV.

WANDENKOLK. Viageia ao Mar das Índias.

ZACONE. O Homem das Multidões.

\_\_\_\_. Os Prazeres do Rei.

\_\_\_\_. As Noites de Boulevard.

## 2. Jornais

AURORA DA SERRA

O CACHOEIRENSE

O CEARENSE

DIARIO DO BRASIL (da então Côrte)

DIARIO MERCANTIL

ECHO DA VERDADE

FAROL

GAZETA DO NORTE

GAZETA DO POVO

GAZETA SERRANA

A ILUSTRAÇÃO RIOGRANDENSE

O Clube Literário Amor à Instrução, fundado em 15 de fevereiro de 1883 por Gasparino Lucas Annes (irmão do Cel. Gervásio), Diogo de Oliveira Penteadó (tio de Antonino), Felício Bianchi e Pedro Lopes de Oliveira, congregava, no início da década de 1890, 120 sócios. O inventário bibliográfico foi baseado, segundo o dr. Vergueiro, nos livros de atas nº 2 e 3 (a última ata é a de 3 de setembro de 1892). De algumas obras a biblioteca possuía mais de um exemplar, perfazendo no inventário 350 volumes, obtidos por doação. Os jornais constantes do rol e outros, eram recebidos por assinatura.

(\*) Fonte: Nicolau A. VERGUEIRO, Club Literário Amor à Instrução.

## ANEXO VI

Rol dos trabalhos de Francisco Antonino Xavier e Oliveira publicados entre 1908 e 1957 (\*)

- 1 - Annaes do Município do Passo Fundo no Estado do Rio Grande do Sul. Volume I. Apontamentos até 15 de novembro de 1889. L. P. Barcellos & Cia. Livraria do Globo, Porto Alegre, 1908. [2;57-170]
- 2 - O Município do Passo Fundo na Exposição Nacional de 1908. Porto Alegre, Typographia a vapor de Carlos Echenique. 1908 [ 1;57-145]
- 3 - Relatório da propagaria agrícola, realizada pelo encarregado Francisco Antonino Xavier e Oliveira em 1917. Município de Passo Fundo, Livraria A Minerva, Passo Fundo. [1;147-66]
- 4 - Por uma Grande Obra. Apelo aos corações bons de Passo Fundo. Livraria Minerva, Passo Fundo, 1920. [3; 57-81]
- 5 - JOÃO D'OUTRORA. Pelo Passado. História, Tradições, Lendas, Panoramas, Usos e Costumes de Passo Fundo. Fascículo I. Oficinas de Livraria ABC. Passo Fundo, 1922. [3;83-113]
- 6 - Terra dos Pinheirais. Série Commemorativa do Centenário do Começo do Povoamento do Território Passo-Fundense pela Gente Brasileira Civilizada. Livraria Nacional, Passo Fundo, 1927. [2;171-250]
- 7 - Cartas Gaúchas. Homenagem à Aliança Liberal e seus denodados batalhadores, que, hoje, formam a guarda avançada das instituições republicanas da Pátria, na mais necessária de todas as reivindicações. Passo Fundo, 1929. [3;115-72]
- 8 - Mappa Geographico do Município de Passo Fundo. Esc. 1:200.000 . Curitiba, Imprensa Paranaense, 1929.
- 9 - Seara Velha. Tipografia Independencia, Passo Fundo, 1932.
- 10 - A' Margem de um Problema Ferroviário. Artigo publicados em "O Nacional", de Passo Fundo. Livraria Nacional, Passo Fundo, 1932.
- 11 - Passo Fundo Físico Em 1934. Distribuição da 2ª Exposição Agro-Pecuária, Industrial e Feira Anexa; inaugurada na cidade de Passo Fundo a 18 de Janeiro de 1940. Livraria Nacional, Passo Fundo. [1;195-224]
- 12- Passo Fundo Econômico em 1934. Mandado imprimir pela Prefeitura do Município, para ser distribuído na 2ª Exposição Agro-Pecuária, Industrial e Feira Anexa, de Passo Fundo, inaugurada a 18 de janeiro de 1940. Tipografia Ipiranga, Passo Fundo. [1;225 — 58]
- 13- Oração ao Mate. Produzida na Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Carazinho, em Junho de 1934. Revista e impressa para acompanhar, na Exposição Farroupilha, o mostruário hervateiro de Passo Fundo. Passo Fundo, 1935. [3;237-42]
- 14- Apostillas Geographicas. Passo Fundo Historico e Geographico. 1 Fascículo. Livraria Nacional, Passo Fundo. 1935. [1;259-90]
- 15- Passo Fundo na Revolução de 1835. Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do R. Gr. do Sul – N° 93-1 Trimestre de 1944. Of. Gráf. da Imprensa Oficial, Porto Alegre. [2,-335-66]
- 16- No Decênio Farroupilha. A propósito de uma referência à acção das forças revolucionárias no distrito de Passo Fundo. Trabalho apresentado no 4º Congresso de História e Geografia Sul Rio-Grandense, realizado em 1945 em Porto Alegre. Publicado no vol. II dos Anais do mesmo Congresso e reproduzido em "O Nacional", de Passo Fundo, edições de 17, 18 e 19 de setembro de 1953. [2;367-77]
- 17- O Município de Passo Fundo Através do Tempo. Trabalho apresentado no concurso de história local aberto em cumprimento da lei n° 70, de 16 de dezembro de 1948, decretada pelo Poder Legislativo do Município. Mandado imprimir pela Prefeitura Municipal na gestão do prefeito Wolmar Salton, em comemoração do ano do centenário do Município. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, Porto Alegre, 1957. [2;287-334]
- 18 - Passo Fundo na Viação Nacional. Trabalho apresentado no concurso de história local aberto em cumprimento da lei n° 70 de 16 de dezembro de 1948, decretada pelo Poder Legislativo do Município. Mandado imprimir pela Prefeitura Municipal na gestão do prefeito Wolmar Salton, em comemoração do ano do centenário do Município. 1957. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial. [1;291—363]
- 19 - O Elemento Estrangeiro no Povoamento de Passo Fundo. Trabalho apresentado no concurso de história local aberto em cumprimento da lei n° 70, de 16 de dezembro de 1948, decretada pelo Poder Legislativo do Município. Mandado imprimir pela Prefeitura Municipal na gestão do prefeito Wolmar Salton, em comemoração do ano do centenário do Município. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1957. [2;251-85]
- 20 - Rememorações do Nosso Passado. Trabalho apresentado no concurso de história local aberto em cumprimento da lei n° 70, de 16 de dezembro de 1948, decretada pelo Poder Legislativo do

Município. Mandado imprimir pela Prefeitura Municipal na gestão do prefeito Wolmar Salton, em comemoração do ano do centenário do Município. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, Porto Alegre, 1957. [2;379-426]

(\*)Títulos (seguidos das notas constantes das capas) transcritos de acordo com a ortografia original. Entre colchetes estão acrescentados os números do volume e páginas correspondentes ao título na reedição de 1990, vide: OLIVEIRA, Annaes.



Francisco Antonino Xavier e Oliveira

ANNAES

DO


Município do Passo Fundo

— NO —

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

— — — — —  
VOLUME I  
— — — — —

Apontamentos até 15 de Novembro de 1889







FRANCISCO ANTONINO XAVIER E

---

O MUNICÍPIO  
DO  
PASSO FUN  
NA  
EXPOSIÇÃO NACI  
DE  
1908



**MUNICIPIO DE PASSO FUNDADO**

---



**RELATORIO**  
**da propaganda agri**

realizada pelo encarregado

**FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA**

em 1917.





Antonino Xavier



Por uma grande ob



APPELLO

aos corações bons de

PASSO FUNDO



JOÃO D'OUTRORA

# PELO PASSADO

HISTORIA, TRADIÇÕES,  
LENDAS, PANORAMAS,  
USOS E COSTUMES DE  
PASSO FUNDO :: ::

FASCICULO I



FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA



# TERRA DO PINHEIRAE

SÉRIE COMMEMORATIVA DO  
ANÁRIO DO COMEÇO DO POVOA-  
TO DO TERRITÓRIO PASSO-FUNDO  
SE PELA GENTE BRASILEIRA  
SADA. 3 3 3 3 3 3 3 3



FRANCISCO ANTONINO XAVIER E

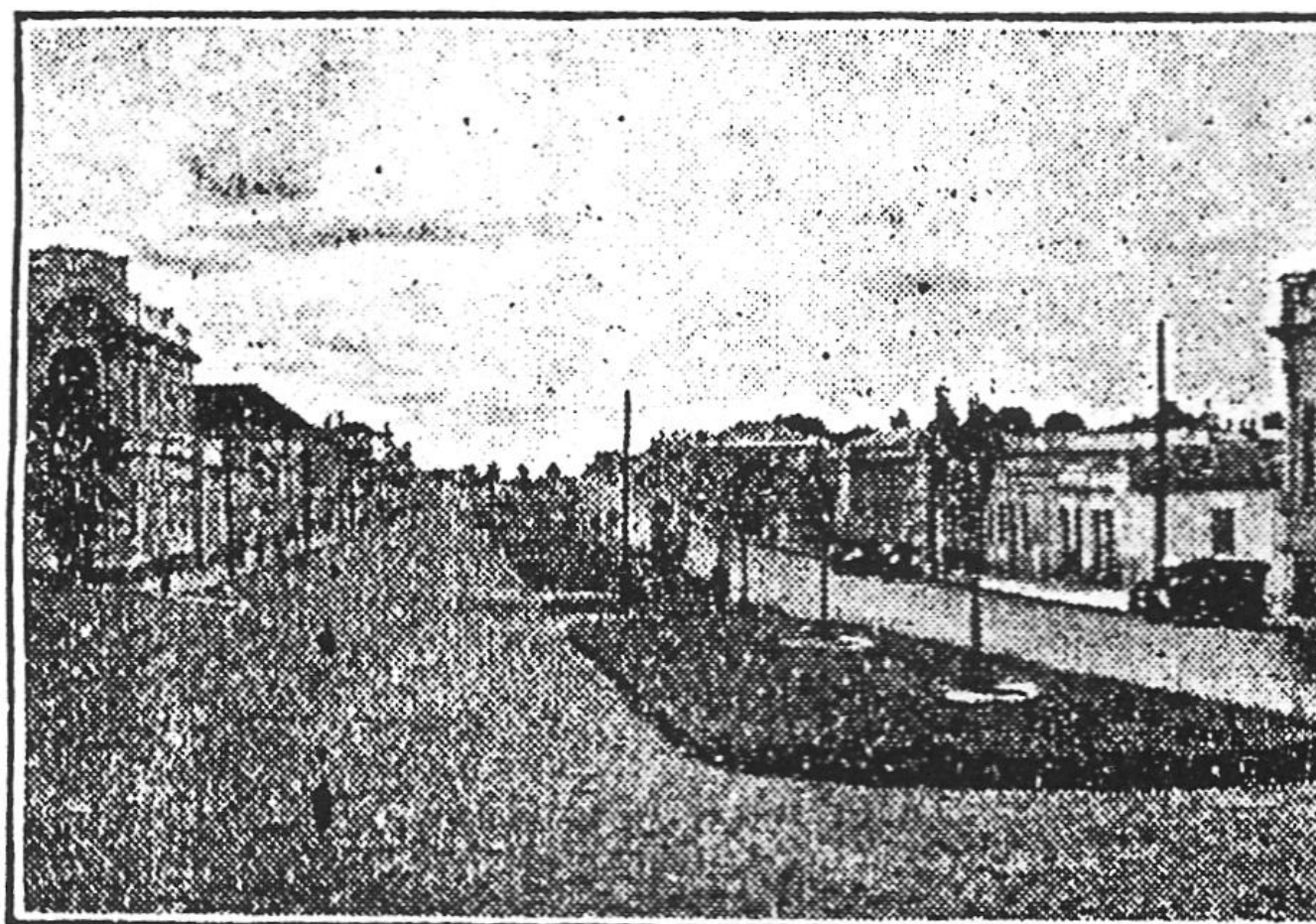
# CARTAS GAÚCHAS

Homenagem a  
Liberal e seus  
batalhadores, que  
manam a guarda  
das instituições  
nas da Pátria, na  
cessária de toda  
vindicações.



Francisco Antonino Xavier e Oliv

# SEARA VELHA



Tipografia Independencia



FRANCISCO ANTONINO XAVIER E

A' MARGEM DE UM

PROBLEMA FERROV

ARTIGOS PUBLICADOS

EM "O NACIO

PASSO F



Subsídio ao estudo do traçado do ramal de Ir



Escala: ...

Francisco Antonino Xavier e Oliveira

**PASSO FUNDO  
HISTORICO e GEOGRAPHICO**

1.º FASCICULO

APOSTILLAS

GEOGRAPHICAS

LIVRARIA NACIONAL

Passo Fundo

1935

FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA

---

# Oração ao Mate

Produzida na Exposição  
Agro-Pecuaria e Industrial  
de Carazinho, em  
Junho de 1934.

Revista e impressa para acompanhar, na Ex-  
posição Farroupilha, o mostruário hervateiro  
de Passo Fundo.



PASSO FUNDO

1935

FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA

# PASSO FUNDO ECONÓMICO

- EM -

1934

Mandado imprimir pela Prefeitura do Município, para ser distribuído na 2.<sup>a</sup> Exposição Agro-Pecuária, Industrial e Feira Anexa, de Passo Fundo, inaugurada a 18 de Janeiro de 1940.

TIPOGRAFIA IPIRANGA  
PASSO FUNDO



FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA

# PASSO FUNDO NA REVOLUÇÃO DE 1835

Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico  
do R. Gr. do Sul - N.º 93 - 1.º Trimestre de 1944



-- 1944 --

OF. GRÁF. DA IMPRENSA OFICIAL  
PORTO ALEGRE

Francisco Antonio Xavier e Oliveira

# Rememorações do Nosso Passado

---

1949

Francisco Antonino Xavier e Oliveira

## NO DECE'NIO FARROUPILHA

A propósito de uma referencia  
à acção dos chefes das forças re-  
volucionárias no distrito de Passo  
Fundo.

.....

Trabalho apresentado no Quar-  
to Congresso de História e Geo-  
grafia Sul Rio - Grandense, realiza-  
do em 1945 em Porto Alegre.

.....

Publicado no vol. II dos Anais  
do mesmo Congresso e reprodu-  
zido em "O NACIONAL", de  
Passo Fundo, edições de 17, 18,  
e 19 de Setembro de 1953.

.....

FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA

# O MUNICÍPIO DE PASSO FUNDO ATRAVÉS DO TEMPO

---

Trabalho apresentado no concurso de história local aberto em cumprimento da lei n.º 70, de 16 de Dezembro de 1948, decretada pelo Poder Legislativo do Município.

---

Mandado imprimir pela Prefeitura Municipal na gestão do prefeito Wolmar Salton, em comemoração do ano do centenário do Município.

FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA

# Passo Fundo

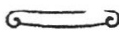
na

# Viação Nacional



Trabalho apresentado no concurso de história local aberto em cumprimento da lei n.º 70, de 16 de Dezembro de 1948, decretada pelo Poder Legislativo do Município.

Mandado imprimir pela Prefeitura Municipal na gestão do prefeito Wolmar Salton, em comemoração do ano do centenário do Município.



1 9 5 7

Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial  
Porto Alegre

\* A obra foi escrita entre 1938 e 1939 e publicada em 1949, não constando referência quanto à editora.

Francisco Antonino Xavier e Oliveira

# O Elemento Estrangeiro

— no —

## Povoamento de Passo Fundo

Trabalho apresentado no concurso de história local aberto em cumprimento da lei n.º 70, de 16 de Dezembro de 1948, decretada pelo Poder Legislativo do Município.

Mandado imprimir pela Prefeitura Municipal na gestão do prefeito Wolmar Salton, em comemoração do ano do centenário do Município.

Francisco Antonino Xavier e Oliveira

# REMEMORAÇÕES DO NOSSO PASSADO

Trabalho apresentado no concurso de história local aberto em cumprimento da lei n.º 70, de 16 de Dezembro de 1948, decretada pelo Poder Legislativo do Município.

---

Mandado imprimir pela Prefeitura Municipal na gestão do prefeito Wolmar Salton, em comemoração do ano do centenário do Município.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

### a - Livros e artigos

- 1- ANNES, Marina Xavier e Oliveira. Genealogia de Francisco Antonino Xavier e Oliveira. Passo Fundo, 1976. [inédito].
- 2- \_\_\_\_\_. Johann Adam Schell e sua descendência. Passo Fundo, Ed. Diário da Manhã, 1980. 108 p.
- 3- AVILA, Ignez d' et al. Plano Diretor de Carazinho. Porto Alegre, Mapoteca Surbam, Urbanismo, 1970. 105 p. [mimeo].
- 4- AVILA, Ney Eduardo d'. "A Revolução Federalista de 1093 na visão do historiador passofundense Antonino Xavier". In: Anais da XII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, Curitiba, SBPH, 1993. p. 205-8.
- 5- \_\_\_\_\_. "Escravos e Abolição no Município do Passo Fundo nos Escritos do historiador Antonino Xavier" (comunicação) II Simpósio Gaúcho sobre a Escravidão Negra e de Índios. Porto Alegre, 20-23 out. 1992.
- 6- \_\_\_\_\_. "A Revolução de 1893 nos escritos de Antonino Xavier. A versão de um contemporâneo" (comunicação) III Simpósio Nacional Fontes para a História da Revolução de 1893. Bagé, 28-30 abr. 1993.
- 7- BAKOS, Margaret Marchiori. RS: Escravidão e Abolição. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1982. 168 p.
- 8- BARBOSA, Fidélis Dalcin. História do Rio Grande do Sul. 3. ed. Porto Alegre, EST, 1985. 248 p.
- 9- BAZARIA, Jacob. O Problema da Verdade. Teoria do Conhecimento. 3. Ed. São Paulo, Alfa-Omega, 1988. 224 p.
- 10- BENINCA, Elli. Conflito Religioso e Práxis. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1987. 237 p.
- 11- BLOCH, Marc. Introdução à História. 4. ed. Lisboa, Europa-America, [s.d.] 173 p.
- 12- BESCHOREN, Maximiliano. Impressões de viagem na Província do Rio Grande do Sul (1875-1887). Porto Alegre, Martins Livreiro, 1989. 200 p.
- 13- BORGES, Vavy Pacheco. O que é História. 10. ed. São Paulo, Brasiliense, 1986. 84 p.
- 14- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo, Queros/EDUSP, 1907. 402 p.
- 15- BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. 4. ed. Lisboa, Presença, 1932. 143 p.
- 16- BRITO, Renato Sá. O Município de Passo Fundo (informações diversas, colligidas em 1920). Passo Fundo, Minerva, 1920.
- 17- BUCI-GLUCKSMANN, Christine. Gramsci e o Estado. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 1980. 499 p.
- 18- BURKE Peter. A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989. São Paulo, UNESP, 1991. 154 p.
- 19- \_\_\_\_, org. A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo, Ed. UNESP, 1992. 354 p.
- 20- CAFRUNI, Jorge E. Passo Fundo das Missões. Passo Fundo, Ed. da Municipalidade, 1966. 662 p.
- 21- \_\_\_\_\_. "Tomou Posse a Diretoria da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo". Diário de Notícias, Porto Alegre, 11 mar. 1950.
- 22- \_\_\_\_\_. "Antonino Xavier, o Cincinato dos Pampas". O Nacional, Passo Fundo, 13 jul. 1959.
- 23- \_\_\_\_\_. "Antonino Xavier, cidadão do dever". O Nacional, Passo Fundo, 22 dez. 1959.
- 24- CAMARGO, Helena Rotta de. Retrocedamos no Tempo. Passo Fundo, 1991. [mimeo].
- 25- CANTIMORI, Delio. Storici e Storia. 2. Ed. Torino, Einaudi, 1978. 693 p.
- 26- CARDOSO, Ciro Flamarion S. Uma Introdução à História. 7. Ed. São Paulo, Brasiliense, 1988. 141 p.
- 27- \_\_\_\_, PEREZ Brignoli, Hector. Os Métodos da História. 3. Ed. Rio de Janeiro, Graal, 1983. 530 p.
- 28- CARDOSO, Fernando H. Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional. 2. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. 303 p.
- 29- CARNEIRO, Glauco. História das Revoluções Brasileiras. 2. Ed. Rio de Janeiro, Record, 1989. 605 p.
- 30- CARR, E. H. Que é História? Lisboa, Gradiva, 1986. 129 p.
- 31- CARR, E. H. Que é História? 3. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1902. 130 p.
- 32- CASTRO, Aido. "Barro' para "Augusto Cesar". A Voz da Serra, Boa Vista do Erechim, 27 jul.



- 1937.
- 33- \_\_\_\_\_. "onzeição ou Candelária?" O Boavistense. Boa Vista do Erechim, 26 out. 1933.
  - 34- CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro, Forense, 1982. 345 p.
  - 35- CESAR, Guilhermino. História do Rio Grande do Sul: período colonial. 2. ed. São Paulo, Ed. do Brasil, 1981. 327 p.
  - 36- CHAUI, Marilena. O Que É Ideologia. 26. ed. São Paulo, Brasiliense, 1988. 125 p.
  - 37- CHIAVENATO, Julio J. O Negro no Brasil: da senzala à Guerra do Paraguai. São Paulo, Brasiliense, 1986. 259 p.
  - 38- COGGIOLA, Osvaldo. Questões de História Contemporânea. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1991. 148 p.
  - 39- COLLINGWOOD, R. G. A Ideia de História. 5. ed. Lisboa, Presença, 1981. 401 p.
  - 40- CORRÊA, Carlos Humberto P. org. Catálogo de História Oral. Laboratório de História Oral/UFSC, Florianópolis, 1977.
  - 41- \_\_\_\_\_. História Oral: teoria e técnica. Florianópolis, UFSC, 1978. 91 p.
  - 42- \_\_\_\_\_. org. Catálogo das Dissertações e Teses dos Cursos de Pós-Graduação em História: 1973-1985. Florianópolis, UFSC, 400 p.
  - 43- COSTA, Alfredo R. da. O Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1922. 2 v. il.
  - 44- COSTA, Rovílio, MARCON, Itálico. Imigração Italiana no Rio Grande do Sul: fontes históricas. Caxias do Sul, EST/EDUS, 214 p.
  - 45- COUTINHO, Albino J. F. Marcha da Divisão Norte. Porto Alegre, Correio do Povo, 1896. 326 p.
  - 46- CROCE, Benedetto. Teoria e História de la Historiografia. Barcelona, Fondo de Cultura, 1975. 318 p.
  - 47- \_\_\_\_\_. La Stória: come pensiero e come azione. Roma, Laterza, 1978. 325 p.
  - 48- CUPANI, Alberto O. A Objetividade da História Científica: Novas reflexões sobre um velho assunto. Departamento de Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1987, 111 p. [mimeo].
  - 49- DACANAL, José Hildebrando, org. RS: Imigração & Colonização. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980. 280 p.
  - 50- DAL'MORO, Selina, RÜCKERT, Aldomar. "A Agricultura no processo de desenvolvimento do Planalto Médio Rio-grandense". R. Fil. C. H. UPF, Passo Fundo, EDUPF, 1986. p. 39-78.
  - 51- DECCA, Edgar S. de. O Silêncio dos Vencidos. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1986, 209 p.
  - 52- DORNELES, Fátima. Pinheiro Marcado 160 anos de História. Sarandi, A Região, 1987.
  - 53- DOURADO, Ângelo. Voluntários do Martírio. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1977. 432 p. (repr. Fac-similar ed. 1896).
  - 54- DOSSE, François. A História em Migalhas: dos "Annales" à Nova História. Campinas, UNICAMP, 1992. 267 p.
  - 55- DUCATTI Neto, Antônio. O Grande Erechim e sua História. EST, Porto Alegre, 1981.
  - 56- DUSSEL, Enrique. Filosofia da Libertação na América Latina. ed. São Paulo/Piracicaba, Loyola/Unimep, 1977. 284 p.
  - 57- FAGUNDES, Mário Calvet. Passo Fundo: estudo geográfico do município. Porto Alegre, Instituto de Reforma Agrária, 1962. 27 p.
  - 58- FAGUNDES, Morivalde Calvet. História da Revolução Farroupilha. 3. ed. Caxias do Sul, EDUCS, 1984. 432 p.
  - 59- FEBVRE, Lucien. Combats pour l'Histoire. Paris, Armand Colin, 1953. 458 p.
  - 60- FELIX, Loiva Otero. Coronelismo, borgismo e cooptação política. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987. 200 p.
  - 61- FERREIRA Filho, Arthur. História Geral do Rio Grande do Sul. 4.ed. Porto Alegre, Globo, 1974.
  - 62- \_\_\_\_\_. "Francisco Antonino Xavier e Oliveira". O Nacional, Passo Fundo, 28 nov. 1976.
  - 63- FLEISCHER, Helmut. Concepção Marxista da História. Lisboa, Edições 70, 1978. 201 p.
  - 64- FLORES, Moacyr. Historiografia: estudos. Porto Alegre, Nova Dimensão, 1989. 94 p.
  - 65- \_\_\_\_\_. História do Rio Grande do Sul. 3. ed. Porto Alegre, Nova Dimensão, 1990. 146 p.
  - 66- FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da. Tropeiros de Mula. [Passo Fundo], Ed. Diário da Manhã, [198-]. 137 p.
  - 67- \_\_\_\_\_. Formação do Gaúcho. Passo Fundo, Ed. Diário da Manhã, [198-].
  - 68- FRANCISCO Antonino Xavier e Oliveira: Pai da História de Passo Fundo. O Nacional, Passo Fundo, 7 ago. 1963.
  - 69- FRANCISCO Antonino Xavier e Oliveira o principal historiador de P. Fundo. Diário da Manhã, Passo Fundo, 7 ago. 1983.
  - 70- FRIEIRO, Eduardo. O Diabo na Livraria do Cônego. 2. ed. São Paulo, Itatiaia, 1981. 184 p.
  - 71- FUETER, Ed. Historia de la Historiografia Moderna. Buenos Aires. Editorial Nova. 1953. 2 v.

- 72- GARDELIN, Mario. "Quatro Opúsculos". *Correio do Povo*, Porto Alegre, 28 dez. 1957.
- 73- GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. 3. ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulberkian, 1984. 679 p.
- 74- GEHM, Delma Rosendo. "Valores de Passo Fundo: Antonino Xavier e Oliveira". *O Nacional*, Passo Fundo, 23 maio 1973.
- 75- \_\_\_\_\_. "O Hospital da Cidade". *O Nacional*, Passo Fundo, 20 jun. 1976.
- 76- \_\_\_\_\_. "Um Século". *O Nacional*, Passo Fundo, 1/8 set. 1976. [série de 5 artigos].
- 77- \_\_\_\_\_. *Passo Fundo na Revolução de 1893*. Passo Fundo, João B.M. Freitas, 1977. 15 p.
- 78- \_\_\_\_\_. *Passo Fundo Através do Tempo*. Passo Fundo, Prefeitura Municipal. 3 v. V.I: 1978. 189 p. V.2: 1982. 206 p. V.3: [1983]. 229 p.
- 79- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo, Companhia das letras, 1987. 309 p.
- 80- \_\_\_\_\_. *A Micro-História e outros ensaios*. Rio de Janeiro, DIFEL, 1989. 239 p.
- 81- GODINHO, Vitorino Magalhães. *A Crise da História e as suas novas directrizes*. Lisboa, Contemporânea, [194-]. 187 p.
- 82- GOLIN, Tau. *A Ideologia do Gauchismo*. 2. ed. Porto Alegre, Tchê, 1983. 174 p.
- 83- \_\_\_\_\_. *Bento Gonçalves o herói ladrão*. Santa Maria, LGR, 1983.63 p.
- 84- GOMES, Valter Manoel. *Formas do Pensamento Historiográfico Catarinense*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1985.
- 85- GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. 6. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1986. 341 p.
- 86- \_\_\_\_\_. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*.5 ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. 244 p.
- 87- \_\_\_\_\_. *A Questão Meridional*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987 165 p.
- 88- \_\_\_\_\_. *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. 5. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 444 p.
- 89- GUIMARÃES, Antônio Ferreira Prestes. *A Revolução Federalista em Cima da Serra 1892-1895*. Porto Alegre, Martins Livreiro 1987. 91 p.
- 90- GUTFREIND, Ieda, "O Negro no Rio Grande do Sul: o Vazio Historiográfico". In- *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUCRS, XVI (1,2): 175-87, jul.-dez. 1990.
- 91- \_\_\_\_\_. *A Historiografia Rio-Grandense*. Porto Alegre, Ed.UFRGS, 1992. 162 p.
- 92- HALPHEN, Louis. *Introduction a l'Histoire*. Paris, Presses Universitaires, 1948. 88 p.
- 93- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 3. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989. 121 p.
- 94- \_\_\_\_\_. *Uma Teoria da História*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1993. 402 p.
- 95- HEXTER, J. H. "Historiografia: La retórica de la historia". *Enciclopédia Internacional de las Ciencias Sociales*. Madrid, Aguilar, 1976. v. 5, p. 451-72.
- 96- HOLANDA, Sérgio Buarque de, org. *Ranke: História*. São Paulo, Ática, 1979. 216 p.
- 97- HOLANDA, S. B. de, FAUSTO, Boris et al. *História Geral da Civilização Brasileira*. 3. ed. São Paulo, Difel, 1985.
- 98- HONROSOS *Trabalhos sobre o Passado Histórico de Passo Fundo*. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 1 jan. 1954.
- 99- IANNI, Octávio. *Uma cidade Antiga*. Campinas, Unicamp, 1988. 112 p.
- 100- JANOTTI, Maria de Lourdes M. *João Francisco Lisboa: Jornalista e Historiador*. São Paulo, Ática, 1977. 253 p.
- 101- JÜPITER. "A Minha Apreciação". *O Nacional*, Passo Fundo, 13 maio 19 57.
- 102- KARNAL, Oscar da Costa. *Subsídios para a História do Município de Erechim*. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1926.
- 103- KELLE, V., KOVALZÓN, M. *Teoria e Historia*. Moscú, Progreso, 1985. 346 p.
- 104- KNELLER, G. F. *A Ciência como Atividade Humana*. Rio de Janeiro, Zahar/EDUSP, 1980. 310 p.
- 105- KOSIC, Karel. *Dialética do Concreto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. 230 p.
- 106- KOTHE, Flávio R. org. *Walter Benjamin*. São Paulo, Ática, 1985. 256 p.
- 107- KUHN, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. ed. São Paulo, Perspectiva, 1989. 257 p.
- 108- LAPA, José Roberto do Amaral. *A História em Questão: historiografia brasileira contemporânea*. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1981. 254 p.
- 109- LAYTANO, Dante de. "Origem de Passo Fundo". *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 fev. 1957.
- 110- \_\_\_\_\_. *Manual de fontes bibliográficas para o estudo da História Geral do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Gabinete de Pesquisa de História do RGS, 1979. 293 p.
- 111- \_\_\_\_\_. *Resgate da Obra de Antonino Xavier e Oliveira*. Porto Alegre, 1989. [mimeo].
- 112- LEFEBVRE, Georges. *El Nacimiento de la Historiografia Moderna*. Barcelona, M. Roca, 1974. 340 p.

- 113- LE GOFF, NORA, P. História: novos problemas. 3. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988 . 193 p.
- 114- LIMA, Alady Berlese de. "Antonino Xavier e Oliveira: vulto insigne de Passo Fundo". Diário da Manhã, Passo Fundo, 7 ago. 1970.
- 115- LOPES, Ivan. "A festa de São Miguel". O Nacional, Passo Fundo, 28 jun. 1944.
- 116- LOWY, Michael. Ideologias e Ciência Social. 4. ed. São Paulo, Cortez, 1988. 112 p.
- 117- MAIA, João. História do Rio Grande do Sul. 4. ed. Porto Alegre, Rodolpho J. Machado, 1904. 243 p.
- 118- MANNHEIM, Karl. Ideologia e Utopia. 3. ed. Rio do Janeiro, Zahar, 1976. 330 p.
- 119- MARROU, Henri-Iréné. Do Conhecimento Histórico. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- 120- MARTINS, Ari. Escritores do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Ed.URGS/DAC/SEC-RS, 1978.
- 121- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. Obras Escolhidas. São Paulo, Alfa-Omega, [198-], 3 v.
- 122- MONTI, Verônica A. O Abolicionismo: sua hora decisiva no Rio Grande do Sul, 1884. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1985.
- 123- MORAES, Carlos Dante de. Figuras e Ciclos da História Rio-Grandense. Porto Alegre, Globo, 1959. 229 p.
- 124- NASCIMENTO, Welci. Conheça Passo Fundo, Tchê! Passo Fundo, Berthier, 1992. 119 p.
- 125- \_\_\_\_. Maragatos e Pica-Paus. Passo Fundo na Revolução de 1893. Passo Fundo, Berthier, 1993. 27 p.
- 126- NEVES, Abílio A. Baota, GERTZ René E. coord. A Nova Historiografia Alemã. Porto Alegre, EDUFRGS, 1987. 137 p.
- 127- ODALIA, Nilo, org. Varnhagen. São Paulo, Ática, 1979. 196 p.
- 128- OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. Annaes do Município de Passo Fundo. Passo Fundo, EDUPF, 1990. 3 v. il. Reedição anotada por Marília Xavier e Oliveira Mattos et al.
- 129- \_\_\_\_. Instituto Educacional. Conferências. 1923. Passo Fundo, EDUPF, 1991. 90 p. il. Edição preparada e anotada por Marília Xavier e Oliveira Mattos et al.
- 130- \_\_\_\_. Dicionário Histórico e Geográfico de Carazinho. Passo Fundo, EDUPF, 1992. .181 p. il. Edição preparada e anotada por Marília Xavier e Oliveira Mattos et al.
- 131- OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e."Auto-biografia". R. do Inst. Hist. e Geogr. RS. Porto Alegre, IHGRS, 125: 168-73, 1989.
- 132- \_\_\_\_. "Perdô, de coração" [trechos auto-biográficos, 22 nov. 1930], Diário da Manhã, Passo Fundo, 26 fev. 1981.
- 133- \_\_\_\_. "A revolução em Sta. Catharina". O Nacional, Passo Fundo, 2 jan. 1931.
- 134- \_\_\_\_. "O Caso Político de Passo Fundo". Diário de Notícias, Porto Alegre, 11 jun. 1931.
- 135- \_\_\_\_. "A Instrução Primária Local no Regimen Monárquico". O Nacional, Passo Fundo, 22 fev. 1954.
- 136- OLIVIER, Mister. "Nossos Vultos". O Nacional, Passo Fundo, 11 ago. 1951.
- 137- PAIVA, Edvaldo et al. Passo Fundo: Plano Diretor. Passo Fundo, Prefeitura Municipal, 1953. 95 p.
- 138- PESAVENTO, Sandra Jatahy. República Velha Gaúcha: Charqueadas, frigoríficos e criadores. Porto Alegre, Movimento, 1980. 305 p.
- 139- \_\_\_\_. História do Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982. 142 p.
- 140- \_\_\_\_. A Revolução Federalista. São Paulo, Brasiliense, 1983. 101 p.
- 141- \_\_\_\_. A Revolução Farroupilha: História & Interpretação. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985. 128 p.
- 142- PIAZZA, Walter F. Santa Catarina. Sua História. Florianópolis, UFSC/Lunardelli, 1983. 748 p.
- 143- \_\_\_\_. "A Escravidão Numa Área de Pastoreio: os 'Campos' de Lages". Ir: Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, XVI (1,2) : 263-74, jul./dez. 1990.
- 144- PORTO, Aurélio. História das Missões Orientais do Uruguai. Porte Alegre, Selbach, 1954 .
- 145- PRADO Jr. Caio. História e Desenvolvimento: A contribuição da historiografia. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- 146- \_\_\_\_. Evolução Política do Brasil. Colônia e Império. 14. ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. 102 p.
- 147- RAMOS, Eloisa H. C. da Luz. "Clubes e Núcleos Republicanos". Anais da XII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Curitiba, 1993. p. 177-80.
- 148- REIS, Gomercindo dos. "Antonino Xavier". O Nacional, Passo Fundo, 13 jul. 1959.
- 149- \_\_\_\_. Nuvens e Rosas. Versos Líricos. Porto Alegre, Imprensa Oficial, 1957. 116 p.
- 150- RODERJAN, Roselys Vellozo. Formação de comunidades campeiras nos planaltos paranaenses e sua expansão para o sul (Séc. XVI-XIX). Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Santa Catarina, 1989. 314 p.

- 151- \_\_\_\_\_. Raízes e Pioneiros do Planalto Médio. Passo Fundo, Ed. UPF, 1991. 165 p.
- 152- \_\_\_\_\_. Os Curitibanos e a Formação de Comunidades Campeiras no Brasil Meridional (séculos XVI-XIX). Curitiba, Works, 1992.
- 153- RODRIGUES, José Honório. História e Historiografia. Petrópolis, Vozes, 1970. 306 p.
- 154- \_\_\_\_\_. História, Corpo do Tempo. São Paulo, Perspectiva, 1975. 282 p.
- 155- \_\_\_\_\_. Teoria da História do Brasil. 4. ed. São Paulo, Nacional, 1982. 500 p.
- 156- \_\_\_\_\_. A Pesquisa Histórica no Brasil. 4. ed. São Paulo, Nacional, 1982. 314 p.
- 157- \_\_\_\_\_. História Combatente. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 407 p.
- 158- SAADI, Sady Raphael. "Aspectos da Economia Serrana. Através a palavra de um velho estudioso". Correio do Povo, Porto Alegre, 30 abr. 1930. p. 12.
- 159- SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina. Belo Horizonte, Itatiaia, 1978.
- 160- SANTARÉM, Argeu. República dos Coqueiros. Histórias e estórias de Passo Fundo. Não-me-Toque, GESA, 1984. 120 p.
- 161- SAUL, Marcos Vinicius de Almeida. "Microistória: a teoria e a problemática do investigador" (comunicação) I Encontro Catarinense de Micro-História, Florianópolis, 1-4 set. 199 2. [mimeo].
- 162- SCHAFF, Adam. História e Verdade. 3. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1986. 317 p.
- 163- SCHMITT, Adalberto. Estudos Rio-Grandenses. 2. ed. Porto Alegre, Sagra, [197-]. 148 p.
- 164- SCHULTZ Filho, Guilherme. "Visão histórica do município de Carazinho". A Unidade, Carazinho, Ed. especial, 24 set. 1971. p. 64-7.
- 165- SHOTWELL, James T. A Interpretação da História e outros ensaios. Rio de Janeiro, Zahar, 1967. 157 p.
- 166- SILVA, J. L. Werneck da. A Deformação da História. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985. 96 p.
- 167- SILVA, Marcos da, coord. República em Migalhas. História Regional e Local. São Paulo, Marco Zero, 1990. 200 p.
- 168- SILVA, Sady Machado da. "Saudação a Francisco Antonino Xavier e Oliveira". O Nacional, Passo Fundo, 15 maio 1957.
- 169- SILVEIRA, Hemetério J. Velloso. As Missões Orientais e seus antigos domínios. Porto Alegre, ERUS, 1979. 548 p.
- 170- SOARES, Solon Macedonia. Estudo Histórico Social sobre o Município de Carazinho. Carazinho, Prefeitura Municipal, 1949. 21 p.
- 171- SODRÊ, Néelson Werneck. História da História Nova. Petrópolis, Vozes, 1986. 148 p.
- 172- \_\_\_\_\_. Introdução à Geografia. Geografia e Ideologia. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 1986. 135 p.
- 173- SPERRY, José Vieira. Raízes e Retalhos de Nonoai. Passo Fundo, Berthier, 1985. 85 p.
- 174- STEFFEN, Roque Jacob et al. História do Município de Chapada. Chapada, Prefeitura Municipal, 1984. 78 p.
- 175- STERN, Alfred. La Philosophie de l'Histoire et le Problème des Valeurs. Paris, Centre de Documentation Universitaire, [198-] 2C1 p. [mimeo].
- 176- TRINDADE, Hégio, NOLL, Maria Izabel. Rio Grande da América Sul. Porto Alegre, UFRGS/Sulina, 1991. 96 p.
- 177- VARES, Luiz Pilla. "Gramsci: o cinquentenário de sua morte". Zero Hora, Alegre, 27 abr. 1987.
- 178- VARGAS, Alvaro Rocha. Do Caapi ao Carazinho: notas sobre 300 anos de História (1631-1931). Carazinho, Noticioso, 1980. 121 p.
- 179- VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. Filosofia da Práxis. 3. ed. São Paulo, Paz e Terra, 1986. 454 p.
- 180- VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Club Literário Amor à Instrução. Passo Fundo, 1954. [manuscrito, 17 laudas].
- 181- \_\_\_\_\_. A História do Ensino em Passo Fundo. Passo Fundo, Faculdade de Filosofia, 1967. 30 p.
- 182- VEYNE, Paul. Como se Escreve a História. Lisboa, Edições .70, 350 p.
- 183- VIANA, Oliveira. Populações Meridionais do Brasil: o campeador rio-grandense. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1974.
- 184- VILLAS-BÓAS, Pedro. Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores. Porto Alegre, A Nação/IEL, 1974. 620 p.
- 185- ZAIDAN Filho, Michel. A Crise da Razão Histórica. Campinas, Papyrus, 1989. 87 p.
- 186- ZART, Paulo. História Agrária do Planalto Gaúcho: 1858-1920. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1986. 209 p.
- 187- ZHÜKOV, E. Metodologia de la Historia. Moscú, Academia de Ciências de la URSS, 1982. 226 p.
- 188- ZIMMERMANN, Roque. América Latina. O Não-Ser. Petrópolis, Vozes, 1987. 264 p.

#### b- Periódicos

O BOAVISTENSE, Erechim, 26 out. 1933.  
BOLETIM do Gabinete de Pesquisa de História do RS, Porto Alegre, nº 8, 18 dez. 1975.  
CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 1930-1957.  
A DEFESA, Cruz Alta, 22 set. 1935.  
DIÁRIO DA MANHÃ, Passo Fundo, 1936-1990.  
DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Porto Alegre, 1927-1952.  
A Época Passo Fundo, 1921-1927.  
A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 1927-1929 .  
O GAÚCHO, Passo Fundo, 27 maio 1917.  
JORNAL DA SERRA, Passo Fundo, 1930.  
JORNAL DA SERRA, Caràsinho, 1934.  
O NACIONAL, Passo Fundo, 1922-1990.  
A NOTÍCIA, Rio de Janeiro, 7 nov. 1919.  
A RAZÃO, Santa Maria, 29 mar. 1938.  
REVISTA de Filosofia e Ciências Humanas, Passo Fundo, ano 1, nº 3, out. 1986.  
REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico do RGS, Porto Alegre, nº 125, 1989.  
ROTEIRO, Erechim, 5 jul. 1950.  
A RUA, Rio de Janeiro, 10 nov. 1919.  
TRINTA E CINCO, Palmeira das Missões, 2 fev. 1930.  
A UNIDADE, Caràzinho, 24 jan. 1971.  
A VOZ DA SERRA, Boa Vista do Erechim, 27 jul. 1937.  
ZERO HORA, Porto Alegre, 1983-1993.

#### c- Anais

Anais do IV Congresso de História e Geografia Sul Rio-grandense. Porto Alegre. 1945. v. 2.  
Anais da XII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Curitiba, SBPH, 1993.  
Anais do Seminário "Fontes para a História da Revolução de 1893", (Bagé, 12-15 nov. 1983). Bagé, URCAMP, 1990.  
Anais do II Simpósio Fontes para a História da Revolução de 1893, (Bagé, 29-31 out. 1990). Bagé, URCAMP, 1992.  
Anais do I Simpósio Gaúcho sobre a Escravidão Negra. Porto Alegre, Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, jul.-dez. 1990.

## FONTES ORAIS

ANNES, Marina Xavier e Oliveira. Meu pai Antonino. Passo Fundo, 10 ago. 1991. Entrevista concedida a Ney Eduardo d'Avila.

MACHADO, Felipe Severo. Carroceiros e tropeiros do Planalto Médio. Carazinho, 17 jul. 1991. Entrevista de História Oral, Projeto Memória Carazinhense, entrevistadora: Terezinha Beatriz Ferreira.

NEISSE, Carlos. Trabalhos topográficos. Carazinho, 18 set. 1991. Entrevista de História Oral, Projeto Memória Carazinhense, entrevistadora: Silvana Santos de Moura.

SILVA, João Hugo da. Tropeiro de mulas. Carazinho, 20 jul. 1991. Entrevista de História Oral, Projeto Memória Carazinhense, entrevistadora: Dair Menezes dos Reis.

WEIDLICH, Cláudio. Aspectos da sociedade serrana. Carazinho, 19 set. 1991. Entrevista de História Oral, Projeto Memória Carazinhense, entrevistador: Ney Eduardo d'Avila.

## LOCAIS PESQUISADOS

Acervo do Projeto Memória Carazinhense. Carazinho.  
Acervo do Projeto Resgate da Obra de Francisco Antonino Xavier e Oliveira. Passo Fundo.  
Arquivo da Cúria Diocesana de Passo Fundo. Passo Fundo.  
Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.  
Arquivo de Jornais Diário da Manhã. Passo Fundo.  
Arquivo de Jornais da Empresa Jornalística Caldas Junior. Porto Alegre  
Arquivo Particular de Alvaro Rocha Vargas. Carazinho.  
Arquivo Particular de Delma Rosendo Gehm. Passo Fundo.  
Arquivo Particular de Marina Xavier e Oliveira Annes. Passo Fundo.  
Arquivo da Prefeitura Municipal de Passo Fundo. Passo Fundo.  
Arquivo Público do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.  
Biblioteca e Arquivo da Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo. Passo Fundo.  
Biblioteca e Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do RGS. Porto Alegre.  
Biblioteca do Instituto de Teologia e Pastoral. Passo Fundo.  
Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.  
Biblioteca Pública Dr. Guilherme Schultz Filho. Carazinho.  
Biblioteca Pública Municipal de Passo Fundo. Passo Fundo.  
Biblioteca Central da Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo.  
Biblioteca da Universidade Regional do Alto Uruguai e Missões, Secção de Periódicos. Erechim.  
Cartório de Notas (Primeiro Tabelionato). Passo Fundo.  
Cartório do Registro Civil. Passo Fundo.  
Cartório de Registro de Imóveis e Hipotecas. Passo Fundo.  
Mapoteca da Superintendência do Desenvolvimento Urbano e Administração Municipal (SURBAM).  
Porto Alegre.  
Museu e Arquivo Histórico Regional da UPF. Passo Fundo.  
Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Porto Alegre.  
Museu Municipal Pedro Vargas. Carazinho.